

Seu amigo sedutor

Alison Kelly

The Marriage Assignment.



Disponibilização/Tradução: YGMR

Revisão: Gleicy

Revisão Final e Formatação: Sueli Gonçalves

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Quase todas as mulheres achavam Jye Fox irresistível, mas para Steff era simplesmente o garoto com quem havia crescido... Sexy, maravilhoso, mas nada de mais.

E Jye sentia muito carinho por Steff... Embora frequentemente criticasse sua desastrosa maneira de cozinhar e sua ainda mais desastrosa vida amorosa! Era uma mulher impossível, mas no momento em que precisa de uma esposa falsa para conseguir um acordo de negócios, não pode pensar em alguém melhor. Sem dúvidas, fingir estar casados significava compartilhar um quarto... E descobrir uma atração sexual que não era nada fingida!



Capítulo 1

A porta do escritório de Jye abriu-se com tanta violência que este acreditou que no local ia irromper uma equipe de bombeiros; mas quem entrou foi uma loira de um metro e sessenta de altura dentro de um terninho amarelo canário.

— Bom dia, Steff — saudou, deixando o relatório que estava lendo. — Duncan me disse que havia voltado.

— Ele sabia! — respondeu a modo de saudação.

«Oh, oh», pensou Jye, que teria preferido os bombeiros. Stephanie Worthington furioso não era algo que um homem deveria enfrentar sem ao menos um uísque no estômago e outro na mão. O modo em que podia oscilar da volatilidade à vulnerabilidade era capaz de deixar uma pessoa em um desequilíbrio emocional.

— Pode acreditar nisso? — declarou ela. — Sabia todo o tempo que estava casado! Quero dizer, sabia e não disse nenhuma só palavra! Oh, Deus! Estou tão zangada que poderia arrancar o seu coração! Não estava preparada para que me soltasse isso dessa maneira. Inclusive agora me custa acreditar no acontecido, e...

— Stephanie — interrompeu, sabendo que se não a cortasse nesse momento poderia divagar durante uma hora sem que ele soubesse de nada. — Do que está falando? Quem sabia?

— O padrinho, é obvio — foi de um lado a outro sem deixar de passar a mão por seu curto cabelo. — Sabia todo o tempo que estava casado e eu nem sequer me inteirei até ontem de noite! Assim... — estalou os dedos. — Se levanta e se casa sem dizer uma palavra!

Qualquer que não conhecesse Duncan Porter teria pensado que a evidente irritação de sua afilhada ao descobrir que ela era a última a saber de seu casamento era compreensível. Mas Jye conhecia Duncan Porter.

Também era seu tutor e o tinha criado desde os dez anos. O que teria sido desafio mais que suficiente para qualquer solteiro, sem as dores de cabeça adicionais de educar à irada e gesticulante loira que não parava de se mover pelo escritório de Jye.

— Quero dizer *você pode acreditar isso?* – repetiu.

Jye não podia. A idéia de que Duncan, de setenta e dois anos, casou-se sem mencionar a nenhum dos dois era incompreensível. Não, impossível, incompreensível era Stephanie.

— Droga, Jye! — bufou. — Não vai dizer nada? Não seria mal um pouco de simpatia.

— Sinto muito — murmurou, lutando para conter um sorriso. — Prometo que brindarei a você toda minha simpatia se você se acalmar e me contar de que demônios está falando.

— Falo do Brad Carey! — seu tom e seu olhar impaciente indicaram que o nome deveria significar algo para ele.

— Carey... Carey... — o nome parecia vagamente familiar, mas... — Ah! Refere-se ao tipo que Duncan promoveu a Diretor de Desenho faz mais ou menos uma semana?

Um suspiro sonoro e um gesto dela confirmaram que tinha identificado o homem. Jye mal ia ao departamento de desenho, e nas raras ocasiões em que tinha que tratar com ele o fazia através do diretor, mas Carey e ele ainda não tinham precisado entrar em contato.

— E? — insistiu quando Steff não acrescentou nada mais. — O que tem ele?

— Acabei de lhe dizer — falou. — Casou-se.

— Então é ele quem precisa de minha simpatia, não você — esse comentário geralmente teria provocado um dos discursos a favor do matrimônio de Steff; mas a única coisa que conseguiu foi que franzisse os lábios e piscasse com veemência. — Steff? O que foi?

— Casou-se com Karrie Dent!

— Hummm... Sua secretária? — Jye teve que voltar a se esforçar por dar um rosto ao nome.

— Sim! — exclamou antes de menear outra vez a cabeça. — Tudo é uma loucura. Quero dizer, pode acreditar que de verdade se casou com ela?

— Bom, ela sempre me deu a impressão de ser mais o tipo de pessoa voltada para sua carreira que ser amante de um executivo — esclareceu, já que estava claro que Stephanie queria sua opinião. — Mas é atraente, então...

— Jye! — lançou-lhe um olhar de «é um completo imbecil?» — Só se casaram para que Brad pudesse conseguir a promoção! — o tom transbordava desaprovação e indignação. — É o que se conhece como matrimônio de conveniência.

— Um matrimônio de conveniência... — Jye riu. — Essa sim é uma tolice.

— O único tolo é você! — replicou, antes de murmurar o que poderia ter sido uma desculpa e respirar fundo para se acalmar. — Se por acaso não notou, este assunto não me parece engraçado.

— É evidente. Mas de onde estou, contanto que não seja meu casamento, querida, não me parece o fim do mundo.

— Não entende! — nessa ocasião passou as duas mãos pelo cabelo, revolvendo-o por completo. — Jye, não se amam! Toda a situação é um desastre!

Stephanie era uma romântica incurável e, por isso, suas emoções e reações sempre eram mais extremas que razoáveis, embora a Jye tenha surpreendido a paixão com que reagia ante o casamento de dois empregados da empresa.

— Não sabia que você e essa tal Karrie fossem tão amigas.

— Bem, fomos. Somos. Oh, não sei! — respirou fundo e suspirou. — Só chegamos a nos conhecer quando quis que alguém traçasse alguns planos para melhorar minha cozinha...

Foi preciso toda a vontade de Jye para que não explodisse em uma gargalhada. A única melhora útil que Steff podia fazer em sua cozinha era forrá-la com chumbo e doá-la ao governo como contêiner para resíduos nucleares. Só o feito de recordar sua recente tentativa de fazer um bolo de aniversário para Duncan bastava para que lhe encolhesse o estômago.

— Descobrimos que tínhamos muito em comum, e por isso às vezes ao sair do trabalho saíamos. Nada especial, ir ao cinema, para jantar ou a dar um passeio pela praia, sabe como é. Mas uma noite retornamos a minha casa e... bom, nos surpreendeu descobrir que nos atraíamos mutuamente, mas uma coisa levou a outra e terminamos nos beijando e...

— O que? Stephanie! — ela se sobressaltou ao ouvir o tom de sua voz. Jye não tinha pretendido gritar, mas... Demônios, não era um puritano, embora...

— Não me olhe assim! Beijar-se é algo perfeitamente normal. Tenho vinte e seis anos e estou apaixonada por ele.

— Ele? Refere-se à Carey?

— Sim — olhou-o com expressão cansada. — Brad Carey, do departamento de desenho. Bom, como ia dizendo...

Jye sentiu um profundo alívio. Tinha misturado Karrie com Carey e durante alguns segundos sua atitude aberta de viver e deixar viver se viu sacudida.

— Oh, Jye... Sinto-me tão confusa.

— Conte-me — murmurou; uma escolha desgraçada de palavras, já que Stephanie tomou ao pé da letra e começou uma exaustiva narração do que sentia por Carey. Em uma crise de negócios Steff podia ser o Rochedo de Gibraltar, mas quando se tratava de sua vida pessoal se vinha abaixo em seguida, ao menos diante dele. Com Duncan sempre conseguia manter um ar de estoicismo em deferência a crença de reserva do homem mais velho.

— Não sei se me sinto mais desgraçada ou furiosa — disse com suavidade. — Tal foi a surpresa. O padrinho me disse no momento em que

desci do avião e... e...

Assim como Steff raras vezes chorava, o frágil tremor dos lábios pintados e a rápida piscada indicaram a Jye que era hora de intervir e distraí-la.

— Querida, estou seguro de que tudo isto parece devastador neste momento, mas correndo o risco de soar pouco sensível e cínico... Bom, você se apaixona mais vezes do que eu durmo.

— Não é verdade! — a expressão de indignação ferida a dominou. Ele a tinha visto usá-la inumeráveis vezes em sua juventude para convencer Duncan que era inocente de qualquer travessura em que a tivessem descoberto; mas Jye era menos ingênuo. Olhou-a fixamente até que ela não pôde deixar de esboçar um sorriso tímido. — De acordo — murmurou. — Corrige isso de «mais vezes do que eu durmo em sua própria cama», e aceitarei. Mas desta vez é diferente.

— Hmm.

— Falo sério, Jye — afirmou com convicção. O que sinto por Brad era... é — corrigiu — realmente especial. Ele é... Bom... É único.

—Único, é? Imagino — disse com assombro. — Quem teria pensado que Brad teria tanto em comum com todos os garotos por quem se apaixonou nos últimos dez anos?

— Mas se trata disso! Brad não é como os garotos por que me apaixonei antes — um sorriso extasiado apareceu em seu rosto. — É inteligente, amável, compreensivo, divertido e... e... — agitou os braços. — E maravilhoso.

— E está casado! — recordou-lhe. — Palavra que não só faz soar campainhas, mas também inclusive evoca imagens de anéis e campainhas — o rosto dela ficou consumido por uma expressão de absoluta desolação, fazendo com que Jye desejasse não ter sido tão direto. Demônios, possivelmente esse Carey era especial de verdade. Rodeou a mesa e passou um braço pelos ombros abatidos. — Sinto muito, querida. Não foi justo. A

ultima coisa que precisa é que eu lhe recorde isso. Mas pode conseguir algo melhor que um cara que é estúpido o bastante para deixá-la. Neste caso o perdedor é ele.

— Obrigado, Jye. Mas, por desgracia, nesta ocasião isso não faz com que me sinta melhor.

— Funcionou quando se separou do Tom — adotou uma expressão comicamente assombrada. — E com Dick e com Harry. Por não mencionar a Risonho, Resmungão, Dorminhoco e todos seus antecessores.

— Sim — ante sua tentativa de humor ela fez uma careta, — suponho que depois de mil repetições tudo perde o impacto.

— Muito bem, mas não deixa de ser menos certo. Então, o que acha de deixar de ser a vítima e começa a olhar o lado bom, hein?

— Céus, Jye, sua simpatia e compaixão parecem entristecedoras — fez uma careta.

— Tal como eu vejo Steff, você já sente bastante pena de si mesma. Alimentar sua desgracia com uma falsa compaixão só animaria você a pensar mais nesse idiota — tirou um cacho prateado. — E penso que é mais divertida quando está disposta a devorar o mundo, Stephanie Worthington — sorriu, abraçou-lhe fugazmente e lhe deu um beijo na cabeça.

A suavidade sedosa de seu cabelo era familiar, mas a leve fragrância de seu xampu não. Concentrou-se no aroma, mas o distraiu o modo em que seus dedos brincaram com o punho de sua camisa e o comichão em seu punho.

— Jye...

— Hmm — que perfume era esse? Não era o de sempre. Parecia mais almiscarado e enjoativo.

— Jye! — sua mão deixou de ser gentil ao puxar seu pulso. — Está escutando?

— Ahn? Sinto muito; o que disse?

— Que tinha razão...

— Pode me dar isso por escrito?

Ela lhe mostrou a língua e lhe golpeou o ombro.

— Decidi que ficar abatida não faz nenhum bem a minha situação, razão pela que estou aqui. Preciso de sua ajuda, Jye.

— Minha ajuda?

— Sim, porque nesta ocasião não penso me arrastar como uma criatura patética e rejeitada para desperdiçar meses curando as feridas em um exílio social auto-imposto.

A idéia de que alguma vez perdesse uma semana em um exílio social auto-imposto, por não mencionar meses, parecia fantástica em extremo. Durante os últimos dez anos de sua vida Stephanie tinha saltado de «um amor de sua vida» a outro com apenas um dia ou dois para se recuperar.

— Vais lutar, é? É um bom sintoma. Deixa que adivinhe. Pensa puxar o tapete dos pés do oportunista Carey dizendo a Duncan que seu casamento é um ardil para ser promovido em...

— Não seja ridículo! — exclamou perplexa. — O padrinho o despediria no ato se soubesse.

— E? Que melhor maneira de se vingar dele?

— Mas eu não quero me vingar, Jye; só quero recuperá-lo.

— Está louca? O cara se casou.

— Na realidade, não — sacudiu a cabeça. — Não é um casamento de verdade. Não se casaram em uma igreja e não dormem juntos.

— O Carey lhe contou isso? — a expressão dela fez que a pergunta fora retórica. — E você acreditou nele?

— É obvio. Brad não mentiria para mim.

— Claro. Ocorreu a você que o sincero e velho Brad poderia estar tentando conseguir o bolo e come-lo também?

— Não — disse. — Não conhece Brad como eu.

— Conheço você, Steff, e não é feita para o papel de amante. Pelo amor do céu, sempre comparou a infidelidade com o assassinato; lembra que

quando saí com duas garotas ao mesmo tempo chamou de «violação emocional». E isso que não me deitava com nenhuma! De verdade acha que é capaz de ter uma aventura com um homem casado e viver consigo mesma?

— Repito Jye, não está casado de verdade.

— Escuta, pode ser que não tenha passado pelo altar, mas, garota, casar é casar! Acredite em mim, sua esposa não vai gostar de sua tentativa de agarrá-lo! Sem importar os motivos calculistas que tenha podido levar Carey a se casar com essa pobre mulher, aposto dinheiro contra donuts que o único motivo pelo que ela se casou é porque se imagina apaixonada por ele.

— Oh, Jye, é tão ingênuo! — o absurdo dessa acusação o deixou mudo, mas, por desgraça, Stephanie não sofreu esse problema. — Foi Karrie Dent quem em primeiro lugar sugeriu a Brad o casamento fingido — explicou. — Teve certeza que ele queria conseguir a direção do departamento quando este ficou vago e lhe pediu que a recomendasse para ocupar seu posto. Quando ele informou a ela que nem sequer o considerariam para a promoção porque o padrinho gostava que seus executivos fossem casados, Karrie teve a idéia de um casamento de conveniência. Tinha razão com a avaliação que fez dela, Jye — continuou. — Karrie é uma mulher que só pensa em sua carreira. O interesse que tem por Brad é só profissional, nada mais.

— Tolices! — replicou ele. — Pode ser que tenha planos para seu futuro profissional, mas também os tem sobre Carey. Pensa nisso, Steff. Se só perseguisse o posto antigo dele, teria bastado convence-lo que se casasse com alguém... — calou para deixar que as palavras surtisses seu impacto. — Pelo que você disse, ofereceu-se de voluntária ao papel.

A dúvida nublou os olhos de Stephanie enquanto mordida o lábio.

— Está errado! — exclamou com ênfase. — Karrie disse a Brad que não tinha objeção alguma que tivesse relações durante seu falso matrimônio, contanto que fosse discreto.

— Imagino que isso também foi Brad que, não é verdade? — gemeu Jye.

— Sim, e acredito nele.

— Então se reduz a um cara ou coroa entre indicar você para o prêmio de Senhorita Ingênua do ano ou a ele para um Oscar.

— Basta, Jye — implorou. — Não pode ver que o que Karrie e ele têm é só... Um acordo de negócios? Um acordo temporário. O que eu sinto por ele é... — endireitou os ombros. — Bem, de verdade acredito que o amo.

— Pois seu processo mental está doente! — rugiu, incapaz de conter a frustração. — Meu Deus, Stephanie, ouviu a si mesma? Está aí tentando justificar sua participação em um assunto sórdido com um homem casado. Bom, querida, se espera que te dê minha bênção, terá que esperar muito. Pode ser que não me interesse o matrimônio, mas considero sagrado o dos outros!

— Deixa de ser tão santo, Jye! Repito que não é um matrimônio de verdade!

— Se for legal... é real!

— Não é espiritualmente real!

— Me dê forças — Jye elevou a vista ao céu em busca de uma pista sobre como lidar com uma mulher decidida a sabotar sua prudência. — De acordo — decidiu mudar de tática. — De acordo, vamos fingir que devido a seus estreitos conceitos de como deve ser um matrimônio de verdade, Brad Carey esteja «tecnicamente» livre. Por que, então, armas tanto rebuliço sobre o assunto? Quero dizer, dado que o ama e ele ama você, se não o considera «casado de verdade», onde demônios reside o problema?

— O problema — repôs — é que todo mundo sabe que Karrie não sai muito, e Brad é tão agradável que sente que não é certo colocá-la em uma posição em que se alguém descobrisse que ele e eu nos víamos, ficaria como uma idiota.

— Mas se o cara é um santo!

— Mas para mim não tem sentido esperar até que Karrie comece a sair com alguém — ignorou seu sarcasmo. — Santo céu, Jye, só o que faz é

trabalhar! Está tão entregue a sua carreira que os homens que provavelmente conheça são outros executivos que, graças ao pensamento medieval do padrinho, estão todos casados.

— Bom, talvez tenha sorte e o garoto que se encarrega da manutenção das fotocopiadoras se encante por ela — sugeriu com tom seco.

— Impossível — respondeu como se tivesse pensado nisso. — Scott é gay. Sei porque ano passado perdi quase todo um mês tentando conquistá-lo.

— Quis seduzir o mecânico das fotocopiadoras?

— Está muito bem — encolheu os ombros. — Céus! Que senso de humor tão retorcido tem... — antes que ele pudesse digerir esse comentário fascinante, ela continuou: — Olhe Jye, sei que você não gosta muito da idéia de que veja o Brad...

— O que a faz pensar isso?

— Por favor, Jye! Preciso da sua ajuda. Ao menos pode me escutar? — enormes olhos azuis cinzentos lhe suplicaram até que fizeram que pensasse que era ele quem se equivocava.

«Maldita seja! Como conseguia?», perguntou-se, e se resignou ao feito de que provavelmente estaria morto antes de ser imune a isso. E apesar de que adoraria escorraça-la de seu escritório e esquecer que alguma vez tinham mantido essa absurda conversa, não podia, não quando a via tão vulnerável; Steff e Duncan eram o mais próximo a uma família que jamais ia ter. Se não podia lhe dar sua simpatia, ao menos lhe devia deixá-la falar para descarregar seu problema.

— De acordo — disse com voz cansada. — Escuto. Mas em dez minutos tenho uma reunião com Duncan e os rapazes do departamento financeiro então dispõe de oito para dizer o que quiser dizer. E não pense me pedir que lhe acoberte — elevou a voz ante o gesto dela de querer interrompê-lo — se o chefe chega a descobrir que se deita com um homem casado.

— Não me deito com ele!

— Não?

— Só saí com ele uma meia dúzia de vezes!

— Demônios! Stephanie, virtualmente me disse...

— Céus, Jye — ficou boquiaberta, com uma expressão entre assombrada e doída — Como pode dizer algo semelhante? Como pode pensar sequer que me meteria na cama com um rapaz que mal conheço? Como...?

— Possivelmente — cortou sua insinuação de que ele era o vilão aí — se deve a que acaba de me contar que seu objetivo imediato na vida é ser a amante desse cara.

— Jamais disse isso! — negou com paixão, banindo já seu aspecto vulnerável.

— Pois é a impressão que recebi.

— Para sua informação, o amor tem algo mais que sexo. Contra sua experiência pessoal, nem todas as relações entre um homem e uma mulher são físicas.

— É verdade, nem todas — concordou. — Algumas são simplesmente exasperantes — enfrentou seu olhar indignado, sem saber se a emoção que predominava nele era o aborrecimento ou o alívio. sentiu-se aliviado ao saber que não era amante de Carey, mas, maldita seja, quis estrangulá-la por deixar que pensasse o pior e por sua relutância em não cortar dita relação.

Estudou-a, perguntando-se como uma mulher tão atraente, inteligente e culta como Stephanie podia ser tão estúpida quando se tratava de sua vida pessoal. Apesar de que seu cabelo revoltado, sua graciosa boca e sua saia muito curta nas reuniões com clientes homens faziam suspeitar que só fosse uma decoração, Stephanie era um membro valioso da Porter Resort Corporation. Embora seu objetivo na vida fosse o matrimônio, uma casinha com cerca branca em um subúrbio, um montão de filhos e um cão labrador, durante as horas de negócios se centrava absolutamente em seu trabalho.

— E então? Perguntou, com os braços cruzados como uma preceptora

que recebe a seu rebelde tutelado.

— E então, o que?

— Estou esperando que se desculpe por tirar conclusões precipitadas.

Jye não pôde deixar de esboçar um leve sorriso ante seu tom de voz. Tentou ocultar a facilidade com que podia se aproveitar dele. Foi um sentimento sincero de culpa o que o impulsionou a romper seu duelo de silêncio.

— Mais que tirar conclusões, empurraram-me a elas — disse, — e elevou uma mão quando ela insinuou debatendo essa questão. — Entretanto, lamento haver dito o que disse.

— Então, me ajudará? — seu rosto expressou felicidade.

— Ajudar como? — franziu o cenho.

— Seduzindo Karrie.

— O que?

— Oh, Jye, por favor — suplicou. — Se conseguir que Karrie saia contigo, então Brad não se sentirá culpado por sair comigo — incapaz de falar pela audácia de seu pedido, Jye só pôde menear a cabeça, mas Stephanie dominou inclusive seu pequeno sucesso ao lhe emoldurar o rosto em suas mãos. — Não vê, Jye? — falou com voz baixa e amável, sem dúvida em deferência a seu estado de estupefação. — É a solução perfeita. De fato, é a única. E será fácil. Karrie não resistirá! Depois de tudo, é inteligente, rico, atraente, sexy... — quase ronronou a palavra. — E, melhor ainda, o próximo na linha para ser presidente da Porter Resort Corporation. Reconheça — acrescentou com um sorriso confiante, — por ser uma mulher dedicada a sua carreira, embora Karrie o considere o maior idiota da história, não sair contigo seria a pior decisão profissional que poderia tomar.

Sentiu uma certa dose de satisfação ao lhe agarrar os pulsos e afastar seus braços. Inclinou-se e grudou o nariz ao dela.

— Não.

— Não, o que? — ela piscou.

— Não, não penso cair ante um sorriso doce, uma voz suave ou algum dos ardis femininos com os que acaba de tentar me derrubar. E, não, não vou pedir a Karrie Carey que saia comigo.

A tentativa de Stephanie de se soltar fez com que aproximasse seu torso ao do Jye; sua fúria era tão evidente como o subir e descer de seus seios contra sua camisa e seu rosto acalorado.

— Ela... Se chama... Karrie Dent.

— Pode se chamar como melhor lhe agrade; não altera o fato de que está casada com Brad Carey.

Ela tentou se soltar com mais veemência, algo que lhe negou durante uns segundos, tentando a lhe colocar alguma razão na cabeça. Mas quando esse impulso benigno de repente se viu dominado por um mais perturbador de lhe fazer perder a razão com um beijo, Jye a deixou livre; imediatamente lamentou ao notar que Steff empregava todo seu corpo para se soltar. Seu esforço foi em vão, e um segundo depois ela terminou com o traseiro no tapete. No ato se agachou a seu lado.

— Demônios Steff está bem? Querida, sinto muito — estendeu uma mão para ajudá-la a se levantar. — Não esperava...

— Quanto sente? — os olhos brilharam com um prazer e uma espera quase infantis.

— Nem tanto...

— O qual demonstra que falar é fácil — afastou sua mão. — Se lamentasse de verdade aceitaria convidar Karrie. É o mínimo que pode fazer por me atirar ao chão e me machucar o traseiro.

— Não joguei você no chão — Jye apertou os dentes. — E se pensasse que serviria para algo e lhe daria um pouco de prudência a sua tola cabeça romântica, açoitaria seu traseiro.

— E se eu pensasse que serviria para algo — repetiu com ardor, ficando de pé com uma celeridade que proporcionou a ele uma tentadora visão de sua perna, — apelaria a seu gentil coração e pediria que reconsiderasse. Mas

é evidente que não tem coração, Jye Fox!

— Sim? Bom, outra coisa que não tenho é tempo para ficar contigo e correr outra vez o risco de que me manipule — mais zangado que o que justificava a situação, recolheu algumas pastas da mesa. — Nos vemos; tenho uma reunião para assistir.

— Jye, espere! — agarrou seu braço. Sua cara era uma mescla de súplica e cálculo. — E se promettesse cozinhar para você durante uma semana só por convidar Karrie para jantar?

— Passo. Nós dois sabemos que é uma paciente potencial de urgências cada vez que entra em uma cozinha; o mesmo acontece a qualquer um que coma seus pratos.

— E se contasse que faz duas semanas comecei a tomar aulas de culinária?

O anúncio o surpreendeu, já que sempre havia dito que assim que encontrasse o Senhor Perfeito deixaria de ser autodidata na cozinha e assistiria aulas de culinária. Mas, apesar das idéias equivocadas que giravam em sua cabeça, Carey, casado ou não, não era seu Senhor Perfeito.

— Diria — respondeu com os punhos apertados para conter sua crescente frustração, — que se acha que com isso vai me convencer... está enganada. Agora mesmo a única lição que precisa Stephanie, é não brincar com homens casados. Um prato quente não é a única coisa que pode queimar os dedos.

— Jye, por favor.

— Sinto muito, Steff, não. Se quer estragar sua vida, vá em frente; depende de você. Mas não espere que eu te ajude.

Deixou-a sozinha em seu escritório, sabendo que não tinha mais que duas opções para lidar com o assunto. Ou podia passar pelo departamento de desenho a caminho da reunião e dar um murro em Brad Carey por brincar com Steff, ou podia se comportar de uma maneira racional e manter-se afastado até que ela recuperasse a razão... e depois dar um murro em Carey

por brincar com Steff!

Capítulo 2

Apesar dos sanduíches de queijo terem queimado apenas de um lado, esse êxito na cozinha não bastou para elevar o ânimo de Stephanie. Suspirou, recolheu a bandeja com os sanduíches distribuídos de forma artística, dois guardanapos e os levou para a sala para se reunir com sua amiga Ellee, que se negou a deixá-la cancelar sua habitual noite de *Melrose Place*.

Boas amigas desde seus dias na exclusiva escola secundária de freiras, ambas tinham estudado Administração de Hotéis na universidade, e começaram a trabalhar na Porter Resort Corporation faltando poucas semanas para graduar-se. Ellee já era ajudante de direção do hotel de Sydney, enquanto Stephanie trabalhava na administração, dirigindo o departamento de promoção da empresa. O fato que fosse afilhada de Duncan Porter significava que as pessoas tendiam a passar por cima de sua qualificação, mas fazia tempo que tinha superado as acusações de nepotismo. Era boa em seu trabalho, e se outras pessoas não percebiam sua dedicação ou seu agradecimento pelo posto prestigioso que ostentava, era um engano. O fato de considerar sua atual carreira como algo temporário, aspirando os papéis mais duradouros de esposa e mãe, não queria dizer que não gostasse de seu trabalho; unicamente desejava um futuro distinto.

Não precisava de um psicólogo para descobrir que o anseio por fazer parte de uma unidade familiar compacta nascia de ter perdido a seus pais com a idade de seis anos e assim como amava Duncan Porter e sempre lhe seria grata por cuidar dela e tratá-la como se fosse sua própria filha na realidade não era uma família. E tampouco Jye, apesar de que virtualmente tinham crescido como irmãos. Além disso, quem queria estar geneticamente relacionada com um idiota de mente estreita, egoísta e santarrão como ele?

— Eu adorei o sofá, Steff. Tem um toque especial para a decoração —

Steff deixou a bandeja na mesinha junto ao vinho e conseguiu sorrir a sua amiga enquanto se deixava cair no canto do sofá em questão, estofado de amarelo e branco. — As aulas de culinária devem estar funcionando — comentou Ellee. — A maior parte só queimou de um lado.

— Experimentei com uma mescla de queijos gruyere e roquefort. Me diga o que acha — estendeu a mão para recolher a taça de vinho.

— Você não vai tomar nada? — sua amiga franziu o cenho.

— Não poderia. Estou muito deprimida para comer.

— Deprimida? Antes me disse que queria cancelar nossa reunião porque estava muito zangada para ver televisão.

— E estava. Agora me sinto deprimida.

— Porque Jye não quis ajudar você com Brad?

— Não! — respondeu. — Isso me deixa furiosa!

— Céus não tem que arrancar minha cabeça com uma dentada...

— Sinto muito, Ellee — suspirou e se reclinou no sofá, — não pretendia me exaltar com você. É que não pude entrar em contato com Brad desde anteontem; não é esperado de volta no escritório até dentro de duas semanas.

— Ah, a lua de mel.

— Ellee! Brad e Karrie não estão juntos! Simplesmente tiraram férias ao mesmo tempo pelas aparências. Não se tem uma lua de mel com um matrimônio de conveniência.

— Mas como?

— Porque não haveria nada que fazer, certamente!

— Por todos os Santos, Steff, você não é idiota — Ellee jogou o longo cabelo castanho para trás — Nada diz que o sexo não pode ser conveniente — sorriu. — Na realidade, a idéia de ter um rapaz atraente sob contrato me parece excitante.

— É tão má quanto Jye! Por que ninguém pode aceitar que Brad e Karrie não estão interessados em uma relação física?

— Porque... — o tom que sua amiga empregou geralmente reservava para esclarecer bem as coisas... — Brad Carey é arrebatador e Karrie poderia trabalhar como modelo se alguma vez precisasse de dinheiro.

— Como de costume, está exagerando. Há vários homens mais atraentes que Brad. E Karrie Dent é muito inteligente para ser modelo.

— O que quero dizer é que, diferente de você, ela tem busto.

— Eu tenho busto — defendeu-se Stephanie com toda a convicção que pôde. — Só está sutilmente pouco ressaltado, isso é tudo. Além disso, nem todos os homens têm obsessão pelos globos e um aspecto voluptuoso, sabia? Alguns, como Brad, preferem a inteligência e a personalidade em uma mulher.

— Sim, mas não necessariamente na cama — a resposta de Stephanie foi o silêncio e um olhar duro. — Certo, certo, sinto muito — desculpou-se sua amiga. — Estou segura que tudo o que Brad disse sobre seu casamento é verdade. Além dos limites da credibilidade — não pôde evitar acrescentar. — Mas verdade no fim das contas. Tenho que reconhecer que nas poucas ocasiões que o vi, sempre me pareceu direto e de confiança.

Stephanie assentiu, embora desejasse ter sabido do casamento antes que acontecesse, e não depois, uma vez consumada.

Embora só tivesse retornado de Sydney fazia alguns dias, depois de cinco semanas de ausência, Brad e ela tinham conversado várias vezes nesse tempo, e apesar de que todas as chamadas se iniciaram por questões de trabalho, nenhuma tinha terminado dessa maneira. Não havia forma de que tivesse podido adivinhar o interesse de Brad, mas como a lei em Nova Gales do Sul requeria um período de «meditação» de quatro semanas entre a solicitação de uma licença de casamento e a celebração do enlace, Brad tinha estado «tecnicamente» comprometido durante todas as conversas que mantiveram, e escolheu não mencionar isso.

Não tinha sido fácil ocultar seu assombro quando o padrinho mencionou descuidadamente a promoção de Brad durante o jantar que tiveram três dias

atrás, depois que a buscou no aeroporto. No espaço de alguns segundos tinha passado de aturdida a incrédula, de ter o coração quebrado a estar furiosa.

Nunca na vida tinha estado tão encolerizada, nem sequer com dezessete anos, quando Jye, que era quatro anos mais velho, tinha contado ao padrinho que ela saía com um rapaz de vinte e cinco anos. O que então lhe tinha indignado era que enquanto Jye brincava de ser um oficial da moral com seu romance inocente, estava imerso em uma aventura com uma divorciada que tinha o dobro da idade dele. Apesar de que essa atitude transbordava hipocrisia, parecia insignificante comparada a descobrir que o rapaz de que estava noventa e nove ponto noventa e nove por cento apaixonada se casou com outra.

De algum modo tinha conseguido manter um semblante de normalidade durante o jantar com Duncan, mas assim que partiu começou a ligar para Brad. Ao não localizá-lo nem em sua casa nem no celular, discou o número de Jye, com a esperança de ter um ouvido compreensivo, mas respondeu uma mulher ofegante. De novo suas emoções tinham passado do desespero à fúria. Muito ferida para dormir, passou o resto da noite alternando entre o pranto e tramar formas espantosas de assassinar tanto Brad como essa mulher sem fôlego nem rosto.

Ao ir trabalhar no dia seguinte, soube pela secretária do departamento que Brad estava de «férias» e que só podia localizá-lo em uma emergência. Por sorte, uma das vantagens de ser a afilhada do dono da empresa era que podia dizer: «Não tentaria falar com ele se não fosse uma emergência, não é?» e que ninguém questionasse.

Não restava dúvida que Brad ficou perplexo ao ouvir sua voz quando ao fim pôde falar com ele, mas supôs que podia perdoá-lo, já que seu modo de saudá-lo tinha sido: «Olá, miserável poço de escória de duas caras». Ou palavras nesse estilo. Ao final, entretanto, mostrou-se sinceramente arrependido por não lhe contar o que acontecia; explicou-lhe que não tinha

querido que sentisse que a colocava em uma posição que teria que escolher entre a lealdade a seu padrinho e sua empresa por cima de sua amizade com ele. Esse era o Brad que ela conhecia, por quem se apaixonou e, tal como tinha lhe prometido, existia uma carta que tinha enviado e que esperava entre todas as que tinha recolhido aquela mesma tarde com sua vizinha.

Foi depois de lê-la pela enésima vez, e depois de derramar o correspondente número de lágrimas, que Stephanie teve a idéia de encontrar uma distração para Karrie; com a ajuda de Jye, o casamento profissional de Brad não tinha por que representar a morte automática de sua florescente relação com ele. Mas Jye se negou a ajudá-la.

— Porco egoísta de coração frio!

— Perdão? — Ellee arqueou uma sobrancelha. — Pensei que Brad era o homem mais amável e maravilhoso que Deus tinha criado.

— É. O porco é Jye!

— Jye é um encanto.

— Ser atraente e sexy não tem por que ser em tudo, Ellee.

— Não, mas Jye Fox é — respondeu com veemência. — Jamais a perdoarei por não conseguir para que saísse com ele.

— Olhe, Ellee, tentei, está certo? Com você, com Jill, com Kaitlin, com toda maldita mulher que cometi o engano de lhe apresentar — sacudiu a cabeça e se adiantou para servir-se de mais vinho. — Sinceramente, às vezes acredito que o único motivo pelo que fiz tantas amigas em minha adolescência era porque vivia na mesma casa que ele.

— Steff...

— Hmm?

— Era — a expressão de sua amiga teve o sucesso de conseguir que Stephanie risse. — Bom, ao menos isso é algo! — aprovou Ellee. — Sou eu quem melhora seu estado de ânimo ou essa garrafa de vinho cada vez mais vazia?

— As duas — piscou-lhe com um olho. — Além do fato de que esta noite

espero uma ligação de Brad. Me passe um sanduíche, quer?

— Tem certeza? Já comi os que se podiam comer.

— Todos! Pensei que seguia uma dieta.

— Steff... Só havia dois.

— Oh. Bom, qual é o veredicto?

— Deixa que o expresse desta maneira... Não falte mais aulas de culinária.

A chamada de Brad não aconteceu quando Ellee partiu pouco depois das dez. Tampouco a meia-noite, quando uma abatida Stephanie foi para a cama, nem às três e quinze da manhã, quando continuava acordada, com o telefone portátil nas mãos. E tampouco ao ocupar seu escritório às oito da manhã seguinte.

— Stephanie! — sobressaltou-se ante a inesperada aparição de seu padrinho. — Esperava que chegasse logo — explicou com evidente satisfação.

— Sim? Por que? — perguntou, obrigando-se a se concentrar em uma atitude trabalhista. Apesar da relação íntima que Jye e ela mantinham com o homem mais velho e alto, a rígida disciplina de Duncan ao não permitir que esta se refletisse no escritório tinha condicionado a ambos a se comportar da mesma maneira.

— Porque preciso que faça a mala e vá ao aeroporto para tomar um vôo as onze.

— Duncan — gemeu. — Não me faça isto. Acabo de retornar de uma viagem de cinco semanas. Não pode enviar mais ninguém?

— Já fiz isso. Jye partiu faz dois dias — e ela que tinha estado pensando no êxito que tinha em esquivá-lo. — Parece que tem um problema...

— Mais de um, se quer saber minha opinião.

— Falou sobre os planos de compra de Illusions com você? — seu padrinho franziu o cenho. — Bem! Me economizará de ter que contar isso a

você.

— Não, não — Stephanie sacudiu a cabeça. — Não falei nada com ele desde minha volta — «ao menos nada de negócios», pensou. — Nem sequer sabia que tinha saído.

— Foi negociar a compra do complexo Illusion Island de sir Frank Mulligan. Acredito que será uma adição valiosa a nosso grupo, mas encontrou um obstáculo inesperado.

— Que tipo de obstáculo? — esperava que tivesse se chocado de cabeça contra ele.

— A conexão telefônica não era muito boa — descartou o tema com um gesto de mão, — então teria sido impossível falar disso. Além disso, não preciso do estresse adicional das negociações. Jye é chefe de Expansão e Desenvolvimento, qualquer que seja o problema saberá solucionar. Confio por completo em seu julgamento.

— Então, para que quer que vá?

— Porque Jye diz que é crucial para que fechemos o contrato.

— Não sei como pode ser. Meu posto não tem nada a ver com a aquisição de propriedades. Do que iria querer falar sir Frank com a executiva de promoção da Porter?

— Todo mundo sabe que Mulligan é um pouco excêntrico, então, quem sabe o que irá querer para que asseguremos a venda? Talvez deseje que lhe garantamos que estamos comprometidos em manter o Illusions Hotel como um dos melhores do país.

— Duncan — Stephanie lhe dirigiu um olhar cético, — tem apenas que analisar nosso histórico para saber. Além disso, gastou uma fortuna para competir conosco nos últimos anos — de novo voltou a ganhar seu gesto habitual com a mão.

— Olhe, só estou especulando com o motivo pelo qual Jye pode dizer que necessita de você lá, mas no que corresponde a mim, se ele acredita que é vital que participe das negociações, me basta.

Assim como Stephanie considerava admirável a fé absoluta que Duncan depositava em todo seu pessoal executivo, nessa ocasião estava ansiosa por esquecê-la. Sob nenhum conceito tinha vontade de ajudar Jye Fox a sair de uma situação difícil.

— Isso está muito bem, Duncan — concedeu. — Mas, por desgraça, neste momento o melhor que posso concordar é enviar meu ajudante, Lewis. Estou de meu escritório mais de um mês, e ficam semanas de trabalho aqui que...

— Que pode esperar — insistiu seu padrinho. — Aprecio sua diligência, Stephanie, mas este acordo é importante para mim. Não quero que Mulligan venda o hotel a outro e me encontre competindo com algum desconhecido ou, Deus impeça, com esse desgraçado do Kingston.

Cole Kingston era um milionário se fez sozinho que construiu sua fortuna comprando hotéis australianos com médio êxito para vendê-los aos interesses estrangeiros. Embora não fosse contra a lei, automaticamente o tornava um desgraçado e em rival feroz de Duncan, que acreditava em manter os negócios australianos em mãos australianas.

— E agora, Stephanie, quero que delegue tudo o que considere que não pode esperar, e vá para casa fazer a mala.

— Ainda não desfiz desde que retornei de minha viagem — murmurou.

— Bem, bem. Nesse caso, talvez possa conseguir que mudem o bilhete para um vôo que saia antes — observou o relógio antes de olhá-la fixamente com seus olhos azuis. — Não tem aspecto de estar dormindo o suficiente — observou. — Está com olheiras.

— As coisas estiveram um pouco... agitadas desde que voltei, Duncan — explicou. Não queria que se preocupasse, mas tampouco ia entrar nos detalhes do casamento de Brad.

— Está muito centrada no trabalho, Stephanie. Por que não tira uns dias livres assim que fecharem o contrato com Mulligan? De fato, por que não fica lá? — sugeriu. — Illusion é um lugar maravilhoso para relaxar.

Sim, maravilhoso. Illusion Island estava a trinta minutos de helicóptero de Queensland, no continente, e não tinha telefones, o que significava que não poderia contatar Brad e seria impossível evitar Jye. Maravilhoso? Livre de estresse? Em seus sonhos!

— Será melhor que tenha uma boa desculpa, Jye Fox! — soltou quando foi buscá-la no aeroporto de Cairns.

— Me dê um abraço! — pediu ele, bloqueando seu caminho para a fila com as malas.

— O que...? — viu-se interrompida quando Jye a abraçou.

— Rodeie o meu pescoço com os braços.

— Eu gostaria de pôr uma corda nele... Jye!

Custou-lhe descrever a sensação de atordoamento que a invadiu ao se encontrar envolvida em um abraço de urso com a cabeça apoiada contra seu peito musculoso. A tentativa de se soltar foi impedida por pura força masculina.

— Aja como se estivesse com muitas saudades de mim — insistiu ele em um sussurro. — Estão nos olhando.

— Em seu caso sem dúvida lhe vigiam os médicos de doidos! — murmurou, insistindo em querer se soltar. — Jye, me deixe! Está louco?

— Droga, Steff — protestou, roçando em seu pescoço. — Me siga. Aja como se tivesse sentido minha falta. Ponha um pouco de convicção!

— O única coisa em que vou pôr convicção é em meu joelho, quando golpear seu saco. Agora... — a mão que tinha na nuca lhe jogou a cabeça para trás, deixando que ao menos pudesse ver o rosto dele. — Se importaria em me dizer...? — nem sequer teve tempo de terminar antes que tampasse a boca dela com a sua.

Assim como não era nada adulator para o ego de Jye que uma mulher ficasse petrificada em seus braços, consolou-se pensando que só se tratava de Stephanie, e que ao menos tinha deixado de se retorcer. Só restava era

esperar que estivesse muito aturdida por sua conduta para empurrá-lo e esbofeteá-lo assim que a soltasse, porque isso arruinaria sua história e qualquer possibilidade de assegurar a transação com Mulligan.

E pensava soltá-la... em qualquer momento.

Só prolongava o instante porque sabia que Frank e Tory Mulligan, em especial Tory, estariam observando-os. O futuro imediato da Porter Resort Corporation dependia de um beijo... era sua responsabilidade fazer que parecesse convincente. Comportava-se assim para exclusivo benefício de sua audiência, não se tratava de nada pessoal, recordou-se enquanto seus lábios saboreavam o gosto assombrosamente prazeroso do lápis de lábios do Steff.

Sua altruísta dedicação a favor dos melhores interesses da companhia se viram freados por uma insistente pressão em seus ombros, por isso elevou a cabeça devagar e abriu os olhos para contemplar olhos azuis surpresos que o olhavam atônitos. Na realidade, nesse momento eram mais cinzas que azuis; jamais tinha visto que os olhos de Steff adquirissem essa profundidade de tom.

— Jye... — calou-se para respirar fundo.

Ele fez o mesmo, irritado ao descobrir que o estresse de enfrentar os próximos minutos perturbava sua respiração; geralmente crescia com a pressão. Olhou por cima do ombro e descobriu que Frank Mulligan e sua voluptuosa terceira esposa se aproximavam deles.

— Stef — se apressou a explicar, agarrando o belo e desconcertado rosto. — Preciso que siga tudo o que diga. O futuro da companhia depende disso — ao perceber uma negativa no modo em que ia arquear as sobrancelhas, agarrou a esbelta mão esquerda dela na sua maior e se voltou com um radiante sorriso. — Sir Frank, Lady Mulligan — aproximou ainda mais Steff de seu lado. — Gostaria de lhes apresentar a minha esposa...

Capítulo 3

Sua esposa! Sua esposa! —Stephanie explodiu em um furioso sussurro assim que os Mulligan se afastaram alguns momentos fora de alcance. — Preferia que me apresentassem como uma ninfomaníaca assassina! Ao menos desse modo ficaria um pouco de dignidade e credibilidade!

— Curta o teatro, Steff — Jye olhou para os Mulligan, que nesse momento falavam com um político importante que aguardava a saída de seu vôo. — Voltarão em uns minutos e temos que concretizar nossa história.

— Nossa história! Este é seu conto de horror! Não me ocorre nem um motivo pelo qual não deva contar a verdade...

— Porque — cortou com voz baixa e séria — Duncan precisa que este acordo seja fechado e conta comigo para isso.

— Bom, sei por recentes experiências pessoais que as pessoas nem sempre obtém o que quer; em especial se contar com você.

— Isto não se parece em nada ao que você queria que fizesse.

— Tem razão! Só o que pedi foi que convidasse uma pobre mulher só de, passagem, que fizesse feliz três pessoas. Você quer que me exponha ao ridículo público e finja estar casada contigo.

— Eh! Muitas mulheres me consideram um bom partido.

— Várias mulheres também consideram que a prostituição é um valioso serviço público, mas eu não sou o bastante cívica para me dedicar a isso.

— Menos mal — murmurou, — porque se esse beijo foi seu melhor esforço para fingir paixão, morreria de fome.

Só o que impediu que Steff respondesse com um veemente chute na tíbia foi ver sir Frank Mulligan estreitar a mão do senador; em questão de momentos se esperaria dela que reatasse seu papel de devota esposa. Graças à fortuita chegada do político, até esse momento só tinha tido que suportar a atenta avaliação de lady Mulligan, enquanto que o marido muito

mais velho que mulher tinha felicitado Jye por ter boa cabeça para os negócios e melhor vista para a beleza. Foi então quando Mulligan viu o político e se desculpou alguns momentos junto com sua relutante esposa para ir falar com ele.

A volta dos Mulligan era iminente e Stephanie inclusive não tinha nem idéia por que Jye tinha inventado semelhante historia, salvo que ao que parecia a compra do Illusion Hotel dependia disso. Apesar do desatinado que parecia, restavam duas opções: aceitá-lo como verdade ou arriscar-se a danificar o acordo para a Porter Resorts.

— De acordo — disse com resignação. — Qual é a história? — o alívio que viu em sua cara teria sido risível se tivesse tido o estado de ânimo para encontrar algo em Jye Fox que lhe parecesse divertido.

— Estamos casados há seis meses — se apressou a explicar. — Além disso, somos os mesmos; você acaba de voltar de uma viagem de cinco semanas pelo oeste da Austrália, mas não pôde voar até aqui devido a alguns negócios que devia fechar. Quanto menos mentiras contemos mais seguros estaremos.

— E o motivo para esta farsa?

— Eh... É uma longa história. Não há tempo agora. Contarei logo.

Seu modo evasivo enquanto recolhia sua bagagem disparou o indicador de suspeita de Steff. Agarrou-lhe o braço e apertou até que ele elevou seus olhos escuros. Tal como suspeitava, sua cara refletia a expressão ligeiramente estúpida que sempre punham os homens quando tentavam ocultar a culpa com inocência.

— Diga-me agora, querido — esboçou um sorriso doce. — Ou este carinhoso reencontro vai por água a baixo.

— Steff, não é na...

— Diga-me.

— Bom, deve saber — protestou. — Tory Mulligan me vê como uma velha chama que vale a pena voltar a avivar.

— Devia imaginar! Isso explica os olhares venenosos que esteve dirigindo a mim. Sir Frank sabe?

— Não acredito, mas... — de novo olhou incômodo em direção ao outro casal. — Mulligan é doentiamente ciumento; a menos que possamos convencer a ambos de que não tenho o menor interesse na coquete Tory, é possível que nos jogue da ilha e não queira nos vender o hotel — seus lábios formaram uma linha sombria. — Teremos que nos esmerar em nossa representação.

— Vai me dever um favor muito grande por isso, Jye Fox.

— É mesmo?

— Não tema, querido, serei a melhor esposa que já teve — riu entre dentes ante sua expressão.

— Não cometa o engano de subestimá-los — advertiu. — Pode ser que Mulligan seja excêntrico, mas é um velho ardiloso, e Tory não é tão idiota como parece.

— Pode ser — aceitou Stephanie, passando a mão por seu braço e sorrindo-lhe em benefício da voluptuosa morena e do grisalho homem que rapidamente se aproximavam deles. — Mas só precisaria um coeficiente intelectual inferior a vinte para ser a chama mais brilhante que tenha tido!

O trajeto à ilha se realizou no helicóptero privado dos Mulligan, com o próprio sir Frank no comando. Uma má escolha de assento colocou Jye bem atrás do piloto, ficando a mercê de Tory e Stephanie. Se olhares pudessem matar, Jye supôs que morreria de feridas múltiplas antes que aterrissassem.

Quando Mulligan insistiu para que todos colocasse fones com microfones para poder falar acima do ruído dos rotores, começou a se preocupar que Tory pudesse formular perguntas incômodas sobre seu casamento e que Steff contradissesse o que ele já havia dito.

Por sorte, assim que Mulligan colocou o fones se lançou em um monólogo inesgotável sobre o estado da ilha quando a comprou vinte e três

anos atrás, e como tinha sido sua visão e seu gênio financeiro os que a tinham tornado na empresa multimilionária que era na atualidade.

Até o momento ninguém tinha sido capaz de intervir, e Jye se sentiu agradecido por ter ouvido já a história, três vezes em três dias; se o velho titubeasse, poderia empurrá-lo com algo como: «Sir Frank, conte a Steff como você...» antes que Tory pudesse abrir a boca e pô-los em um apuros.

Presenteou-lhe com uma vista dos traços naturais da ilha, e dos artificiais que contribuía para o Illusion Resort Complex. Stephanie se mostrou contente, mas não até o ponto de que sir Frank se sentisse crédulo a elevar seu já exagerado preço pela venda da ilha. Era um alívio saber que sem importar o quanto estivesse irritada com Jye, Stephanie jamais permitia que seus sentimentos fossem em detrimento de uma negociação. Talvez fosse uma romântica empedernida, cuja forma de pensar parecia incompreensível, mas era a pessoa mais leal que Jye conhecia. Sob nenhum conceito falharia com ele ou com Porter Resort Corporation.

— Temo, Stephanie, já que Jye não nos avisou de que viria até algumas horas atrás, que até manhã não teremos disponível uma de nossas suítes maiores — indicou sir Frank enquanto a ajudava a subir em um carrinho motorizado de golfe para realizar o trajeto do heliporto até o hotel. — No entanto, se considerar que a suíte atual de Jye é um... pouco pequena para duas pessoas, apesar de ser uma das mais prestigiosas — se apressou a acrescentar, — então Vitória e eu adoraríamos que passassem a noite em nosso apartamento de cobertura — sorriu para sua esposa. — Não é, querida?

À faceta perversa que havia em Stephanie teria gostado de atribuir a expressão em branco no rostos da «querida» como prova de que era tão estúpida como tinha acreditado, mas o mais provável é que não tivesse ouvido o convite de seu marido, concentrada em olhares ardentes para Jye nas costas de sir Frank. Suspeitava que assim que Jye se tirasse a camisa mostraria as queimaduras de seu escrutínio. Lady Mulligan era tão sutil como

o diamante do tamanho de uma bola que levava na mão esquerda.

— É lindo, não é? — comentou a morena ao notar a direção dos olhos de Stephanie, lhe plantando a enorme pedra em frente a sua cara. — Frank escolheu o diamante, mas eu desenhei o modelo.

— É... é único — disse Steff. — Jamais tinha visto tanto detalhe em ouro branco.

— Na verdade, é platina. Sou alérgica aos metais *baratos*, não é, querido? — sorriu para seu marido quando a ajudou a subir no carrinho.

— Para sofrimento de meus contadores, que não têm idéia do quanto um homem deseja agradar à mulher que ama — riu entre dentes e piscou um olho para Jye. — Acredito que seria boa idéia deixar que as senhoras se sentem juntas atrás, desse modo poderão conversar sobre jóias e moda tudo o que queiram enquanto nós falamos de negócios.

Stephanie não rebateu o comentário sexista, notando que Jye não se entusiasmava mais que ela a idéia de sir Frank.

— Vejo que não é muito ligada em jóias, Stephanie — disse Tory assim que começaram a andar. — Não pude evitar notar que não usa nenhum anel.

Jye sentiu um nó no estômago ante a pergunta e o tom de voz. Isso era o que estava temendo. Esforçou-se para ouvir o que dizia Mulligan sobre alguns movimentos recentes no mercado de valores e a conversa no banco de trás.

— Oh, mas eu adoro jóias! — respondeu Steff com uma risada encantadora que Jye reconheceu como falsa. — Brincos, braceletes, anéis... o que seja. Tenho dúzias. Não é verdade, Jye? — perguntou, sem lhe dar ocasião para responder. — Por desgrça, tendo a inchar quando vôo, de modo que não posso usar nada que me esteja em terra. Vê? — em prova estirou as mãos até deixá-las entre os dois assentos, para que sir Frank também as visse. Ao olhá-las, Jye supôs que os dedos largos e elegantes poderiam ter estado mínimamente inchados, mas só o teria notado alguém que a conhecesse muito bem, embora Tory não ficou muito convencida. —

Não se preocupem, voltarão ao normal em algumas horas — continuou Steff, como se todo mundo tivesse ficado boquiaberto e horrorizado. — E poderei voltar a pôr meus anéis. Tenho que reconhecer que me sinto nua sem eles.

— Sei o que quer dizer — concordou Tory. — Não há nada como uma aliança de casamento para fazer sentir a uma pessoa realmente casada. O que, certamente, é o motivo pelo qual tantos homens se negam a levar uma... me diga, Jye usa a sua?

Jye notou a pausa forçada e mal conteve a tentação de dizer: «Deixa disso, Tory, você sabe que não a uso».

Só pôde supor que Steff deve ter sacudido a cabeça, já que a pergunta seguinte de Tory foi um espantado: «E isso não lhe dá motivo de preocupação?»

— Não. Por que teria que ser?

— Oh... Bom, não há nenhum motivo, é obvio... suponho — repôs Tory com hesitação teatral. — É que a maioria das mulheres que conheço se sentiria enganada se seus maridos não quisessem usar a aliança de casamento. Depois de tudo, não só declara que um homem fica proibido para outras mulheres, mas também é a declaração definitiva de seu absoluto compromisso com seu matrimônio.

— Verdade? Que estranho... — Jye conteve um sorriso ante o tom incrédulo de Stephanie. — Todas as mulheres e homens que eu conheço consideram que os votos do matrimônio são a declaração definitiva de seu compromisso.

— Recorda o que disse a você, Stephanie — interveio sir Frank quando entraram na elegante recepção do edifício principal do hotel. — Nós adoraríamos tê-los como convidados esta noite se...

— Oh, não, sir Frank! Nem nos passaria pela cabeça irromper em seu espaço privado. Depois de tudo, Jye e você estão envolvidos em discussões de negócios, e sou uma firme partidária de manter separadas as relações profissionais das pessoais — «Embora lady Vitória não tenha semelhantes

inibições!», pensou ao notar que a «dama» em questão dirigia seus olhos de dormitório e suas caretas sexys na direção de Jye. Caso as coisas continuassem assim, teria que grudar em Jye vinte e quatro horas ou seguir Tory com um balde de água fria. — Na realidade, sir Frank — ofereceu o melhor de seus sorrisos, — fascina-me essas cabanas que sobrevoamos no outro extremo da ilha. Existe a possibilidade de que Jye e eu possamos nos alojar em uma delas?

— Uma cabana? — Jye se mostrou mais surpreso pelo pedido que sir Frank.

— Oh, querido, sei que odeia não poder receber um serviço de quarto imediato — disse. — Mas depois de passar as últimas cinco semanas rodeada de mensageiros e camareiras, eu adoraria relaxar em uma atmosfera um pouco menos comercial. O isolamento e a solidão de uma cabana afastada do hotel principal me parecem celestiais. E, bom... Na realidade não pudemos estar sozinhos desde que retornei de Perth.

O risinho de sir Frank lhe indicou que tinha interpretado suas palavras do modo que ela desejava, enquanto que o brilho de aprovação nos olhos de Jye significava que tinha compreendido a mensagem mais sutil dirigida a ele: quanto mais longe estivessem dos Mulligan, melhor.

— É uma idéia maravilhosa, querida... — a voz de Jye soou baixa e com a consistência do mel; rodeou-lhe os ombros com um braço e a apertou contra seu flanco. — Estou de acordo, uma cabana seria perfeita.

Jye desempenhava tão bem seu papel de marido que ela viu mariposas ao olhá-lo nos olhos. Quando ele continuou contemplando-a como se aguardasse alguma resposta, Stephanie se perguntou se talvez as esposas agradecidas deviam beijar seus maridos em ocasiões como essa. Mas decidiu lhe dirigir um sorriso radiante. Dados os efeitos secundários do beijo que lhe deu no aeroporto, quanto menos brincassem com isso, melhor.

— E então, sir Frank? — perguntou Jye, sem soltá-la. — Há alguma cabana disponível?

— Descobriremos em seguida. E se existir cuidarei para que disponham de serviço de quarto vinte e quatro horas, e não das sete da manhã a dez da noite.

— É muito generoso, sir Frank — agradeceu Jye — Mas desnecessário. Depois de estar cinco semanas longe de minha esposa, o único serviço de quarto que necessitarei durante a noite não requererá uma chamada para a Recepção.

Stephanie quase se engasgou pelo rubor que invadiu seu rosto quando a sonora gargalhada de sir Frank reverberou pelo vestíbulo do hotel, atraindo toda a atenção para eles. Colocada sob o braço do Jye, sentia-se como uma boneca.

Ele estava se divertindo. De boa vontade teria se soltado de «afetuoso» braço e da falsa carícia de seus dedos em seu pescoço para sair do hotel. Por muito menos lhe teria quebrado seus bonitos e muito perfeitos dentes. Mas recordou sua missão e passou-lhe um braço pela cintura, beliscando-o sem que ninguém a visse. Com força, muita força.

Embora Jye não mostrou sinal exterior de que lhe tinha causado alguma dor, soltou-a no ato e se reuniu com sir Frank e um homem uniformizado na recepção do hotel, deixando-a só na metade do vestíbulo, sentindo-se ainda mais em destaque. Ao dirigir-se para umas poltronas de bambu, encontrou-se com a expressão furiosa de lady Mulligan, que aguardava um elevador.

Na ausência de seu marido, a incrivelmente atraente morena não fez nenhuma tentativa de ocultar o desagrado que lhe produzia Stephanie, e a mensagem que irradiavam seus olhos esmeralda teria sido óbvio para qualquer mulher de mais de quinze anos. «Advirto-lhe isso. Sei o que quero e pretendo conseguir».

Para Stephanie não restava nenhuma dúvida que se Tory estivesse solteira Jye teria aceito em um segundo o que oferecia, sem se importar que estivesse em viagem de negócios ou não. A mulher era seu tipo. Formosa, alta, bem dotada... de acordo, muito bem dotada. Mas assim como não havia

dúvida de que lady Vitória sabia que possuía as armas sexuais para brigar pela atenção de Jye Fox, havia algo que não sabia e que Stephanie sim; apesar de sua fama de playboy e de suas legendárias relações sexuais, para Jye o matrimônio era sagrado.

Steff sabia que assim que Jye tomava uma decisão, nada nem ninguém podiam conseguir que a mudasse. Tory podia se mostrar tão decidida como Joana d'Arc e lançar desafios silenciosos a Stephanie até que seu silicone se derretesse, mas a questão era que, sem importar quanto meneasse os quadris, franzisse os lábios ou olhasse para Jye, não lhe serviria de nada.

Conteve uma risadinha ao imaginar até onde poderia chegar a outra em sua tentativa de tentar Jye. Assim como aceitava que em uma luta de atração sexual com Tory ela estaria virtualmente desarmada, a mulher perversa que levava dentro não pôde resistir a malvada diversão de observar a essa mulher fatal esgotar-se em uma guerra de sedução que era impossível ganhar. Com a compra do Illusion Island em jogo, Stephanie podia ter duas cabeças e um corpo retorcido, que Jye não ia se arriscar a olhar duas vezes para Tory embora a tivesse nua em sua terrina de cereais.

Mas a outra não sabia, e com suas curvas voluptuosas e boca franzida preparava confiante todos seus torpedos.

«Bom, posso parecer a você um bote de remos, lady Mulligan», pensou Stephanie, «mas veremos no final quem sai voando da água».

Capítulo 4

Tal como Jye tinha suspeitado, a atitude de esposa amável de Stephanie se desvaneceu assim que ficaram a sós em sua cabana.

— Pode ser que tenha aceito salvar seu traseiro e resgatar este acordo fingindo estar casada com você, Jye Fox — lançou apontando com um dedo. — Mas eu não gosto que me dêem o papel de bonequinha nem que se aluda para mim como «serviço de quarto».

— Jamais fiz isso. O que disse...

— Sei o que disse! Deu a entender que desejava tanto seu corpo que só tinha que estalar os dedos para conseguir o que queria.

— Na realidade, a implicação era que eu desejava você — corrigiu com um sorriso. — E só depois que batesse essas longos cílios e anunciasse que queria uma cabana para poder ficar sozinha comigo.

— Reconheço que movi os cílios em sua direção — se afastou indignada, — mas eu não era a única que o fazia. Deve ficar agradecido que me ocorresse um modo de minimizar o tempo que teremos que passar com eles.

— Sim, a idéia da cabana foi um toque de gênio — concordou, fiscalizando o interior enquanto Stephanie abria uma das portas interiores da sala e desaparecia de vista. — Por desgrça... — elevou a voz para que pudesse ouvi-lo. — não nos evitou ter que jantar com eles esta noite — o quarto principal tinha chão de piçarra e alguns móveis e dois tapetes de algodão dividiam a sala de jantar. Em um canto havia três tamboretas ante um balcão que dava a uma pequena cozinha. — Não é mal — murmurou, voltando-se quando Stephanie retornou através da segunda porta.

— Mudará de opinião quando descobrir que só há um dormitório e um banheiro.

— Supõe-se que estamos casados. Não ia pedir uma com dois, não é?

— Compreendo! — exclamou. — Mas pensei que em alguma parte haveria uma cama dobradiça. Todos nossos hotéis as têm.

— Quando Porters comprar o lugar as incorporaremos. Enquanto isso teremos que nos arrumar.

— Nesse caso espero por seu bem que o sofá se torne uma cama, ou dormirá no chão.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, Jye — explicou como se falasse com uma criança, — que uma das duas pessoas que neste momento estão aqui não dormirá no maravilhoso colchão de água. E eu sim.

Franziu o cenho ao contemplar o sofá de dois lugares que Stephanie inspecionava e teve um calafrio. Jye sabia que se passaria toda a noite se chocando com os braços, embora por algum milagre pudesse acomodar seu metro noventa e cinco.

— Seria mais democrático se tirássemos na sorte — disse.

— Sem dúvida nenhuma. Mas como eu não pude votar ao vir aqui, nem sequer fui consultada, não penso defender os direitos democráticos para você. Aha! — exclamou quando ao fim conseguiu abrir o sofá. — Aqui tem sua cama matrimonial. Certamente, querido marido, se quer dormir sobre lençóis, terá que fazer isso você mesmo, porque até aqui chego sem um anel no dedo.

— Oh, vamos, Steff. Tenha compaixão. Não posso dormir aí; é muito curto. As pernas ficarão de fora.

— Encolha-se.

— Não posso dormir encolhido. Sabe que gosto de me esticar.

— Na realidade, Jye — riu — Figuro nessa insignificante porcentagem da população feminina compreendida entre os dezoito e os quarenta e dois anos que carece de conhecimento íntimo de seus hábitos de sono. Embora imagine que poderia pedir a lady Mulligan que confirme sua história.

— Muito engraçada. Até Duncan sabe que tenho o sono leve — deitou-

se no sofá e se contraiu até parecer um pigmeu; gemeu. O gesso que tinha tido que suportar depois de quebrar a perna esquiando não tinha sido tão rígido. — Jamais poderei dormir aqui! — queixou-se, mas Stephanie parecia felizmente despreocupada enquanto levava sua bagagem ao dormitório. Levantou-se e se dirigiu ao frigobar, decidindo que precisava de um drinque. — Não fique muito confortável aí — anunciou em voz alta. — Porque ainda não está decidido.

I

— Claro que está — respondeu ela — Pode ser que tenha vindo por obrigação, mas não penso sofrer durante minha estadia aqui.

— Seja razoável, Steff. Não vai esperar a sério que negocie com êxito a compra de um hotel por muitos milhões de dólares se for vítima de falta de sono e de reumatismo.

— Oh, pobrezinho — suas palavras provocaram a risada vinda do outro quarto. — O sofá não diminuirá suas habilidades negociadoras!

— E o que faz você estar tão segura disso? — abriu uma lata de cerveja.

— Seu impressionante histórico de triunfos tanto nos dormitórios como nas salas de reuniões por todo o país! — repôs. — Chame-me de cínica, mas estou disposta a apostar que não é o primeiro contrato que negocia depois de desfrutar de muita cama e pouco sono.

— É cínica! E perderia a aposta! — mentiu, sorrindo para si mesmo. — Estou preparando um drinque para mim; quer um?

— Sim, obrigado. Não demorarei.

Como o gim-tonica e o vinho branco era o único tipo álcool que Steff provava, e o vinho só durante as refeições, não teve que perguntar a ela o que queria. Quando ela reapareceu, tinha levado as taças a pequeno varanda coberto por uma aromática parreira.

Havia trocado a roupa com o que tinha chegado por um short e uma camiseta largos; estava descalça. Com graça se deixou cair no assento e alargou a mão para agarrar o drinque.

— Pela bem-sucedida compra do Illusion Island — brindou.

— Que por desgraça depende de um sofá pequeno.

— Deixa de choramingar, Jye. Se tivesse dormido em uma cama a menos, talvez hoje não se encontrasse nesta posição.

— Importaria - se de explicar esse comentário?

— Tory — sorriu. — É suficiente?

— Mais que suficiente. Quase morro quando descobri que estava casada com Mulligan. Graças a Deus não deixei que as coisas chegassem muito longe...

— Que demônios quer dizer com isso? Exatamente, de quão longe estamos falando? — viu suficiente consternação no rosto do Jye para saber que algo tinha acontecido entre sua antiga amante e ele antes de descobrir que era lady Mulligan. Praguejou. — Droga, Jye! Não se deitou com ela, não é?

— Claro que não! Bom, não desde que estou aqui — agüentou o olhar penetrante dela uns cinco segundos antes de suspirar — Escuta, no dia que cheguei, Mulligan tinha tido que sair de repente a Brisbane a negócios. Pensei que era uma boa oportunidade para ver a ilha sem que me envenenassem com propaganda pensada para aumentar o preço... — deteve-se e tratou de estudar sua expressão, mas Stephanie estava impassível.

— Continua — disse ela, embora não queria escutar o que viria a seguir. Já sabia.

— Bom, enquanto passeava pela praia particular de Mulligan, encontrei-me com Tory. E, naturalmente, por ser uma velha amiga, detive-me para falar com ela.

— Oh, naturalmente — não pode resistir dizer. — E naturalmente é muito esperar que ela contasse a você imediatamente o quanto feliz estava casada com um velho forrado de dinheiro e um título e que por acaso era o dono do lugar — embora seu rosto o delatou, por motivos que não foi capaz de explicar, ela insistiu em uma resposta. — E então? Surgiu ou não o fato de que estava casada com Frank Mulligan?

— Não exatamente... Começou a falar dos velhos tempos, e então...

— E então — interrompeu ela, — com a prática que tem com as mulheres, seus olhos de lince imediatamente notaram essa bola que chama anel, e disse «Felicidades, Tory! Vejo que está casada...»

— Hmmm, não exatamente... Ela, né, não usava nenhuma jóia.

— Compreendo... e o que usava?

— Não muito.

— Ah. Diga-me, Jye, usava algo? — o brilho em seus olhos e o sorriso que tentava controlar responderam com mais eloquência que as palavras. Por que um homem de seu intelecto continuava atraído por mulheres que só eram capazes de manter uma conversa em que unicamente se requeria que dessem seus nomes e números de telefone?

— Não se mostre tão agitada, Steff. Faria você se sentir um pouco melhor se dissesse que usava um sorriso arrebatador e que em nenhum momento meus olhos desceram do pescoço?

Foi o tom brincalhão e condescendente que quebrou o frágil controle que ela mantinha sobre seu temperamento. E foi só uma reação impulsiva que lhe atirasse o conteúdo do copo!

— O que...? — Jye se levantou de um salto e separou a camisa de seu torso.

— Não posso acreditar que me humilhe dessa maneira! Seduziu-a, não foi?

— Não! Ela me aproximou e...

— Como pode me humilhar dessa maneira? Como pode me convencer a este casamento e não me contar que...?

— De que demônios está falando? Não estamos casados!

— Obrigado aos céus! — exclamou com veemência. — É o homem mais insensível que já conheci!

— Não esquece o furtivo do Brad?

— Deixa Brad fora disto! Jamais me trataria como você tem feito.

— É uma merda! Ele a seduziu e logo, sem dizer nada, casa-se com outra!

— Ao menos jamais me humilhou em público! Meu Deus, não me estranha que Tory me dirigisse essas olhares. Conhece você pelo que realmente é... um porco traidor obcecado por sexo!

— Já disse, entre nós não aconteceu nada! Pelo amor do céu, eu usava um traje de banho sem bolsos.

— E o que tem que ver o que você usava com tudo isto? — perguntou desconcertada.

— Pensa Steff. Sem bolsos. De verdade me considera tão estúpido para correr o risco de fazer sexo desprotegido com alguém que encontro na praia?

— Isso foi muito bom, Jye — disse, negando-se a reconhecer o alívio que sentiu. — Mas há muitas maneiras de desfrutar de intimidade sem ter que praticar sexo.

— E sem dúvida Brad a educou em algumas das melhores.

— Isto não tem nada a ver com Brad! — o comentário fez com que se ruborizasse, apesar de não ter motivos para sentir-se culpada ou envergonhada. — Não era ele quem beijava Tory Mulligan nas costas de seu marido!

— Claro que não. Ele quer você pelas costas de sua esposa! — replicou Jye, desabotoando a camisa com impaciência. — E não a beijei. Foi ela quem me beijou — secou o peito com a camisa. — Uma vez.

— Sim, claro. E hoje estava cheia de hematomas pelo modo em que teve que tira-la de cima de você.

— Não tive que tira-la de cima de mim! Assim que ouviu o som do helicóptero do hotel recolheu suas coisas e partiu a toda velocidade. Fim da história. Bom, fim desse capítulo, em todo caso — corrigiu. — Poderia ter desmaiado na outra noite quando apresentaram Tory como lady Mulligan. Bom, para resumir uma história longa e perfeitamente inocente, quando se fez óbvio que não ia permitir que algo tão corriqueiro como seu anel de

casamento se interpor em uma pequena aventura, decidi que precisava de uma esposa para detê-la.

— Com certeza também pensa que o açúcar pode deter as formigas — riu com ironia.

— Foi a melhor idéia que me ocorreu assim, de repente.

— De acordo. Mas, por que, quando a Austrália tem uma população de nove milhões de mulheres, a cujo quarenta por cento conhece intimamente, tinha que ser eu quem terminasse por ser a senhora do Garanhão Fox?

— Céus, Steff, me dê uma pausa! A quem mais ia pedir — respondeu com exasperação. — Além do fato de que precisava de alguém em quem pudesse confiar e que usasse a cabeça para pensar, se mencionasse a palavra casamento, de verdade ou de mentira, ante a maioria das mulheres que conheço, encontraria - me diante do altar antes de poder respirar de novo.

— Destino que, em sua opinião, é pior que a morte. Poderia ter me contado toda a história me ver colocada totalmente nela.

— Quando? No aeroporto? No helicóptero? Seja razoável, Steff. Esta é a primeira oportunidade que tivemos de conversar, e como resultado terminei com um brinque no rosto. Quanto acha que teria durado minha credibilidade se tivesse começado a me atirar drinques em público?

— Oh, compreendo — assentiu. — Permite-se ser sensível à humilhação, mas a minha não. Sem falar que é dupla!

— De onde tirou isso de humilhação? Não tenho fiz nada para humilhá-la! A menos, certamente, que se refira a beijar você no aeroporto, e se isso a ofendeu, então é uma puritana. Com certeza não incomodaria nenhuma das esposas de meus amigos.

— Deixa sem fôlego muitas das esposas de seus amigos, não?

— Referia-me a que não lhes teria incomodado que seus maridos as beijassem no aeroporto. Ou em nenhum outro lugar.

— Pode ser que não, mas aposto que se sentiriam ressentidas em frente

da mulher que seu marido beijou às escondidas. Em especial se soubessem que essa devoradora de homens pensava que podia repetir.

— Está zangada porque Tory me beijou?

— Bingo!

— Por quê? — ficou desconcertado, já que esperava ouvir uma negativa. — É estúpido. Você e eu não estamos casados.

— Sei! Mas Tory não. E é evidente que ainda acredita que tem uma oportunidade contigo. Depois de tudo, no passado foram amantes, e como a deixou beijar você na praia é óbvio que vai supor que ainda a acha atraente.

— Aonde quer parar?

— Não é evidente?

— Para mim não — repôs ele com sinceridade.

— Olhe, Jye — começou com exasperação, — fingir que estamos casados e que estou terrivelmente apaixonada por meu marido é uma coisa, mas fingir que estou loucamente apaixonada por um homem que não se sente atraído só por mim... é... é humilhante — quando a única resposta que obteve de Jye foi um olhar silencioso, Stephanie quis acreditar que ao ver a luz, o que fazia era procurar uma desculpa. Não gostava de brigar com Jye, mas se queriam ter êxito em frustrar as intenções da predadora Tory Mulligan, ele tinha que saber qual era sua postura. — E? — insistiu. — Entende agora o quanto é embaraçoso parece para mim toda a situação? — olhou-a alguns momentos mais antes de ficar de pé, sacudir a cabeça e murmurar algo.

— Jye... Aonde vai?

— Tomar uma ducha e ficar sóbrio.

— Ficar sóbrio? Se só bebeu uma cerveja e... — agitou a lata —... Nem sequer a terminou.

— Sei. Mas tendo em conta o que acabo de ouvir, um dos dois deve estar bêbado. Como você encontrou coisas mais criativas que fazer com seu gim - tônico que bebê-lo... Suponho que tenho que ser eu.

Essa noite Stephanie se distraiu enquanto dava os últimos toques na maquiagem quando o penhoar de um homem passou voando ante ela para aterrissar pela metade sobre a cadeira diante da penteadeira. Voltou-se e encontrou Jye apoiado com gesto negligente na porta. Usava uma elegante camisa de seda e calças negras, mas tinha o cabelo molhado e sem pentear e os pés descalços.

— Por favor, não atire coisas quando estou aplicando rímel. O padrinho não gostaria que denunciasses a empresa por me deixar cega.

— Sinto muito — aproximou-se do armário e tirou os sapatos. — Se incomoda que termine de me vestir aqui? — para evitar a especulação e os rumores das arrumadeiras concordaram em compartilhar o armário do dormitório e deixar coisas pelo quarto para que desse a impressão de que o ocupava um casal feliz. Mas ela tinha insistido que Jye usasse o banheiro para vestir-se.

— Acredito que meu coração suportará que coloque os sapatos e uma gravata — sorriu para ele através do espelho.

— Estamos em um hotel de férias. Acha que é necessária uma gravata? Pensava que bastaria um blazer.

Dado seu atrativo, seu corpo atlético e seu inconsciente senso de elegância, Stephanie suspeitava que o aceitariam em um casamento real inclusive com jeans rasgado e uma camiseta. Sugeriu-lhe a gravata porque temia que uma olhada nesse peito bronzeado faria com que Tory ficasse a babar.

— Tem uma dessas camisas que se abotoam até acima, estilo Nehru?

— Como esta? — dirigiu-se ao armário e tirou uma de linho.

— Perfeita.

Voltou-se para o espelho para continuar com o processo de se maquiar, quando toda a concentração se desvaneceu ao ver refletida a imagem de um peito masculino nu. Seu pulso disparou.

— O que está fazendo? — exclamou, girando para olhá-lo.

— O que me sugeriu. Trocar de camisa.

— Mas... Mas... Supõe-se que deve se vestir no banheiro.

— Pelo amor de Deus, Steff estou trocando de camisa, não de cueca.

Quando saímos para navegar viu-me com muito menos.

Saber que tinha razão a tornava a tornava mais concentrada de toda a história. Como pode não se fixar em um peito tão impressionante como o que nesse momento tinha a alguns metros de distância? Era uma das coisas mais tentadoras de tocar que tinha visto.

— Olhe, se tanto a incomoda, vou me virar — Jye acompanhou as palavras com a ação. — Melhor? — Stephanie conteve um gemido. Abrir a boca era se arriscar mais. — A propósito — continuou ele enquanto colocava a camisa, — tem uma linha de maquiagem que cruza a sua bochecha.

— Sei!

— Ei, não se lance na minha jugular. Só tentava ajudar.

— Sinto muito — girou para o espelho e tirou alguns lenços de papel. — Estou um pouco nervosa esta noite, isso é tudo — era uma meia verdade.

— Não esteja. Ficar bem. Só deve seguir meu exemplo.

— Seu exemplo! — explodiu em uma gargalhada. — Tem tanto conhecimento de como um homem casado deve se comportar quanto do estilo de vida de um monge! — sacudiu a cabeça e o observou através do espelho. — Não, Jye, você me seguirá, ou esta farsa será descoberta em dois minutos.

— Hmmm... — disse deitando-se sobre o colchão de água, — isto sim que é conforto — moveu o corpo e provocou uma suave ondulação.

— Sabe Steff? Se aceitasse compartilha - lo comigo na base do rodízio. voltou a mover-se, — aceitarei seguir suas regras — apoiou-se em um cotovelo e sorriu de forma sedutora, fazendo a mente confusa de Stephanie sobrepôr a imagem de seu peito nu sobre seu torso já coberto, e seu estômago começou a imitar o vaivém do colchão.

— Esqueça Jye. A cama é minha.

— Devo recordar a você, querida, que assim como talvez tenha aspirações ao casamento, a realidade é que também falta a você experiência.

— Ah! Mas diferente de você, estudei o tema e conheço as teorias nas que se apóia. De modo que é razoável que você me siga. Entendido?

— Serviria de algo dizer que não? — sorriu.

— Absolutamente.

— Nesse caso, acho que neste casamento quem usa calças é você.

— Exato. E agora... — atirou-lhe um pente. — Arrume o cabelo.

— Ótimo — grunhiu, estirando o braço esquerdo para capturar com destreza o pente. — Inclusive em um casamento falso, levo bronca e recebo ordens.

— Não o repreendo, ajudo; há uma diferença.

— Correto. Então, me diga, Oh, Perita em Casamento, como vou saber, um ingênuo solteiro com fobia de casamento, se esta noite cometer algum erro?

— Farei um sinal. E nesse momento se calará imediatamente...

— Como faria qualquer marido respeitável.

— Então, dependendo do grau de sua gafe, iniciarei o controle de danos apropriado — fez uma pausa e estudou as poucas jóias que tinha levado. — Não estou segura do anel que devo usar... tenho um de esmeralda, o de pérola que Duncan me deu de presente em minha graduação e um com uma safira e um diamante que comprei. Além de três anéis gravados... — voltou-se e o olhou. — Qual acha que deveria usar como aliança de casamento?

— Demônios não sei. Por que me pergunta? ,

— Porque então poderei dizer com sinceridade que você o escolheu.

— Está entrando no papel — mostrou uma expressão divertida.

— Também trouxe o de minha mãe — escolheu um simples de ouro. — Mas, apesar do quanto gosto dele, é muito simples para impactar Tory.

— Ponha o que acha que a impactará.

— Não posso. Não trouxe o diamante enorme que tenho.

— Steff — disse com voz cansada. — Que diferença terá contanto que o leve no dedo anelar da mão esquerda?

— Há, Jye — estalou a língua. — As pessoas esperam que alguém tão rico como você dê de presente algo deslumbrante à mulher que ama.

«Mas», perguntou-se, «e se a mulher em questão era alguém como Stephanie, que não se deixava deslumbrar por isso?»

Irritado por contemplar algo tão irrelevante, tentou solucionar com a máxima simplicidade o que para Steff parecia um problema enorme.

— Direi a você o que fará — indicou. — Por que não escolhe o que você mais gosta, e se alguém insinuar que sou miserável ou não estou louco o bastante por você, eu comentarei que não queria outra coisa e que, em última instância, pareceu-me apropriado deixar que a escolha fosse sua, já que queria me certificar que o usasse toda a vida? Acha que está bom? — Stephanie ficou quieta como uma estátua e o olhou com boquiaberto assombro. — O que? — mentalmente tentou saber no que tinha errado. — O que disse?

— A coisa mais romântica que já saiu que sua boca, Jye Fox — meneou a cabeça. — Quem teria imaginado?

— Eh — protestou, sentindo a necessidade de defender-se ante sua exagerada surpresa. — Quero que saiba que disse muitas coisas românticas em minha vida.

— Referia-me vestido — momentos depois se levantou e agitou a mão — De acordo, a decisão já está tomada. Vamos. quanto antes comece este pesadelo, antes acabará.

Jye estava certo de que o macacão que usava era o mesmo que tinha usado na celebração de Ano Novo, embora quando uma mulher tinha tantos modelos em tantas variedades de amarelo como Steff, era difícil saber com certeza. Mas o pescoço alto e a abundância de ombros que revelava lhe tinha ficado gravado.

Assim como Stephanie não tinha as curvas voluptuosas das mulheres

com as que habitualmente saía, era muito proporcionada e tinha um porte tão elegante que fazia que os homens voltassem a cabeça.

— Bom — disse ela, — agora levante de minha cama e vamos.

— Para alguém que supostamente teme a noite que lhe espera, tem muita vontade de ir — olhou a hora. — Que pressa há? Ainda restam vinte minutos, e andando se chega ao hotel em menos de cinco.

— Sei, mas se chegarmos tarde dará a impressão de que nos demoramos no dormitório.

— E isso não sena bom nestas circunstâncias? — comentou, desconcertado pelas imagens que imediatamente brotaram em sua mente.

— Hmm. Muito evidente — repôs. — Se tivéssemos realmente estado nos distraindo, tentaríamos ocultar em vez de exhibir. Será melhor que cheguemos logo, assim se sentirão obrigados a desculpar-se por fazermos esperar.

— Tem experiência nisto — acusou Jye.

— Em fingir estar casada? Não. O que acontece é que sei como pensa uma mulher como Tory — quando Jye deixou de tentar analisar esse comentário, Stephanie tinha saído do dormitório e mostrava sua impaciência movendo o pé diante da porta de entrada. — Vamos querido — o chamou com um gesto do dedo. — É importante que disponhamos de tempo para entrarmos em nosso papel antes que eles cheguem. Podemos tomar uma bebida no bar e provar nossa atuação com o garçom.

— Seguro que não quer que sincronizemos os relógios? — brincou.

— Ou talvez deveríamos estudar os sinais que vai empregar quando disser ou faça algo equivocado — sugeriu com falsa inocência.

— Não se preocupe Jye — o tranqüilizou com um sorriso. — Tenho uma fé absoluta em você. Além disso, se der a impressão de que está em perigo de estragar tudo, farei você saber mediante um sutil chute na tíbia ou uma cotovelada nas costelas.

— Bom, imagino que isso é melhor que me esvaziar um balde de gelo

na cabeça — comentou.

— Juro que não recorrerei a isso a menos que seja absolutamente necessário — ria quando Jye a deixou passar pela porta e se voltou para fechá-la, de modo que o palavrão que soltou o pegou despreparado. Mas antes que pudesse girar para ver o que acontecia, ela usou seu corpo para imobilizá-lo contra a porta.

— Devoradora de homens a dois graus — sussurrou com urgência. — Não faça nada!

E de repente Jye se encontrou recebendo um beijo profundo!

Capítulo 5

Não faça nada! Devia estar brincando! Jye sentiu como se lhe faltasse um segundo para experimentar uma fusão total. Que demônios tinha acontecido com a mulher fria e rígida que tinha beijado no aeroporto?

— Céus. Espero não interromper nada.

Jye duvidou que o som da voz de Tory se registrasse em sua mente se não fosse pelo fato que provocou a retirada da boca ardente e o corpo quente grudado ao dele. Mas inclusive no momento em que seu aturdido sistema trabalhava em excesso para recuperar o equilíbrio, a mulher responsável por sua embriaguez emocional parecia impassível.

— Absolutamente, lady Mulligan — disse Stephanie, que acrescentou em um sussurro alto dirigido a Jye. — Está vendo? Disse a você que só tínhamos tempo para algo rápido — agarrou sua mão e o arrastou até onde Tory se achava junto a um carrinho de golfe.

— Sinto muito, Tory — disse ele. — Confundimos a hora? Estava certo que sir Frank indicou que nos reuniríamos no bar às sete e meia.

— Oh, não, Jye! Apoiou a mão em seu braço para tranquilizá-lo. — Tem

toda a razão! Pensei que o melhor era apanhá-los, se por acaso tivessem problemas para localizar o hotel.

— Oh, tem que seguir os sinais que passamos quando viemos aqui de noite, não? — Stephanie pensou que tinha exposto a pergunta com absoluta inocência, mas quando lhe apertou o cotovelo, voltou a sorrir e acrescentou: — Não, sério, lady Vitória, foi um detalhe que viesse nos buscar.

— Sim foi — concordou a outra com uma careta. — Droga, Stephanie, terá que se sentar na parte de trás. Jye ficaria muito apertado em um espaço tão reduzido... Tem umas pernas muito longas. Com franqueza, ser tão alto em algumas ocasiões pode ser um inconveniente. Não tem nem idéia do quanto é afortunada por tão baixa.

Até sem contar os saltos de dez centímetros que usava, o metro sessenta de Stephanie não a qualificava como uma pigméia. Mal se conteve de indicar que Tory também era afortunada, já que seu quase metro oitenta lhe permitia o luxo de ocultar muitos quilogramas adicionais e um excesso de silicone. Mas não quis se rebaixar a seu nível e com um sorriso nos lábios se sentou na parte de trás. Tory aguardou até que Jye ocupou seu lugar na frente antes de deslizar a seu lado, aproveitando ao máximo a abertura de seu vestido para mostrar seu corpo. Stephanie não soube se sentiu-se enojada ou divertida pelo descarado exibicionismo da mulher.

«E Jye tinha tido uma aventura com essa mulher?»

Mais tarde, Stephanie decidiu que estava sendo a noite mais longa de sua vida, e o triste era que ainda não tinham começado o primeiro prato.

Não precisava ser um gênio para reconhecer que sir Frank estava tão estupidamente embevecido por sua terceira esposa, ou ao menos por seus atributos físicos, que era alheio ao feito de que ela só se fixava em Jye. Sempre que a vista de sir Frank se desviava dos peitos muito expostos de sua mulher, que não paravam de mover-se, com certeza pelo esforço de respirar em um vestido tão apertado, ela olhava com expressão tórrida para

Jye.

— Jye me disse que estão casados há seis meses — comentou sir Frank enquanto enchia sua taça de champanha e em seguida a dela. — Como se arranja estando casada com um homem tão ocupado como ele? Sei que Vitória sempre diz que sente muito minha falta quando saio em viagem de negócios, e é muito difícil se divertir.

«Quer apostar algo?», perguntou mentalmente.

— Bom, eu também trabalho na Porter, assim quase sempre me encontro igualmente ocupada — repôs.

— A verdade é que Steff trabalha muito — interveio Jye — Fui eu quem se sentiu sozinho quando viajou ao oeste da Austrália. Por isso — acrescentou com um sorriso em sua direção — me senti tão encantado quando aceitou se reunir comigo aqui.

— Naturalmente, por ser a afilhada de Duncan Porter... — assim que essas palavras saíram da boca de Tory, Stephanie começou a se preparar para defender-se de alguma insinuação de nepotismo, mas a morena não ia por aí —... imagino que terá tido um grande casamento.

— Não — surpresa, demorou um pouco em responder, — foi uma cerimônia íntima e simples — o que, por desgrça, chocou-se com a resposta de Jye.

— Sim, nos casamos na Catedral St. Mary.

— Verdade? — as respostas contraditórias fizeram com que Tory sorrisse como o gato de Cheshire e arqueasse uma sobrancelha. — Na catedral?

— Eh, sim, Steff é católica — explicou com urgência Jye. — E sempre havia dito que queria se casar com uma missa nupcial. É obvio, como eu não sou muito religioso, eu adorei poder aceitar algo tão importante para ela — por sorte nenhum dos Mulligan deu a impressão de captar o sutil matiz na voz de Jye que prometia que ia pagar por não se ater nessa ocasião a seus famosos planos de celebrar o casamento perfeito.

— Bom, filho, com a experiência de três matrimônios a minhas costas, diria que tomou a decisão correta — sir Frank explodiu em uma gargalhada e lhe piscou um olho. — Cede nas coisas que não importam e se mantenha firme e escolha os presentes com inteligência para obter a vantagem nas coisas que importam.

Ao parecer impassível ante a implicação de que a cooperação de sua mulher se podia comprar, Tory sorriu e voltou a se centrar em Stephanie.

— Assim como posso apreciar a consideração e sensibilidade de Jye, continuo um pouco confusa... Sei que a Catedral de St. Mary é considerada como o lugar para muitas dos casamentos católicos da alta sociedade, mas é a maior igreja de Sydney. Não é o que eu teria escolhido para... Como descreveu Stephanie? «Uma cerimônia íntima e simples »?

— Tem toda a razão, lady Mulligan. St. Mary é famosa pelos grandes casamentos da alta sociedade — concordou Steff, que olhou para a outra sem piscar. — Por isso meus pais escolheram se casar ali. Mas apesar do tamanho e a grandiosidade da catedral, Jye e eu convidamos só nossos amigos mais íntimos. Para nós, tudo sobre o casamento foi uma decisão sentimental mais que social ou pragmática — a perfeita mentira lhe fez ganhar um tapinha no joelho de parte de Jye por debaixo da toalha da pequena mesa redonda.

— Um gesto comovente — observou sir Frank. — É possível que não saiba. Vitória — continuou, — mas tanto os pais de Jye como os de Stephanie morreram no mesmo e trágico acidente. Impactou a todos os que pertenciam a indústria hoteleira.

— Conhecia meu pai, sir Frank?

— Oh, em pessoa não, querida. Mas na indústria o considerava um jovem que chegaria longe. O mesmo ao seu, Jye — acrescentou com presteza. — A rivalidade existente entre dois dos mais brilhantes e ambiciosos executivos de Duncan Porter era seguida pelos caçadores de talentos para reforçar suas próprias filas — sorriu. — Mas, para decepção de

todos sua lealdade estava com Duncan — sacudiu a cabeça. — É uma tragédia que ambos morreram tão jovens. E ao mesmo tempo...

Jye desejou que Stephanie levantasse os olhos baixos para ter uma idéia de como se sentia. Não lhe passou por alto a ansiedade em sua voz quando sir Frank mencionou seu pai, e assim como ele não se enganava a respeito do implacavelmente ambiciosos que tinham sido seus próprios pais, desconhecia como Steff lembrava dos seus. Quatro anos mais nova que ele, só tinha seis quando o barco a motor em que navegavam com alguns hoteleiros estrangeiros explodiu. Com a exceção da mãe de Stephanie, todos os que iam a bordo morreram imediatamente; Felicia Worthington o fez dois dias mais tarde no hospital.

Só então lhe ocorreu que Steff e ele jamais tinham falado deles em todos os anos que passaram juntos aos cuidados de Duncan. Não lhe cabia dúvida de que este os amava muito, mas o velho solteirão jamais tinha animado as exposições de emoções ou sentimentos. Perguntou-se se isso tinha sido bom ou mau para uma personalidade emotiva como a de Steff, que tinha se negado a abandonar o leito de sua mãe moribunda até que deu seu último suspiro.

Ao olhar o simples anel de ouro que adornava a mão esquerda de Steff, compreendeu que havia muito que desconhecia dela, e de repente desejou conhecê-la... Muito.

O prato principal apareceu e desapareceu em uma atmosfera carregada de mentiras e ao que parecia de inesgotáveis garrafas de champanha. À medida que este se apoderava mais de sir Frank, menos inclinado se sentiu o homem a levantar a vista do decote de sua esposa ou a notar que ela cada vez se aproximava mais de Jye. Qualquer tentativa de concentrar sua mente nos negócios era descartado com comentários como: «Deixemos isso para o escritório» ou «Minha Vitória se angustia quando prefiro os negócios a ela».

Stephanie estava a favor de algo que angustiasse «sua Vitória»; que tinha aproximado a cadeira até o ponto em que podia brincar com os pés de

Jye. Sabia porque alguns momentos antes teve a surpreendente, mas satisfatória experiência de interceptar um pé descalço feminino com o salto do sapato. É obvio, em uma atuação inspirada, desculpou-se com efusividade ante o grito de dor de Tory, aduzindo que tinha tentado eliminar uma cãibra.

— É evidente que tem má circulação — havia dito a outra com olhos carregados de ódio. — Deveria comer mais sal — esboçou um sorriso malvado. — Embora na sua idade poderia ser sintoma de um pouco mais perigoso.

— Oh? Sempre pensei que o sal era prejudicial. Não é que duvide de você, lady Mulligan — acrescentou. — Sei que com sua idade e experiência superiores é muito mais experiente que eu no tema da circulação — claro que essa resposta lhe tinha feito merecer um olhar severo de Jye.

— Sabe, Frank? — comentou Tory, enchendo a taça de champanhe de seu marido, embora ficasse meio vazia antes que a garrafa voltasse para a o balde de gelo. — Devemos organizar uma saída para navegar com Jye enquanto esteja aqui. É evidente que ama o mar, e nós não aproveitamos muito o navio.

— Isso é porque estou muito ocupado no escritório, querida — foi a pastosa resposta de seu marido. Moveu as sobrancelhas. — E quando não é esse o caso, ambos estamos ocupados, não é?

Stephanie nem sequer foi capaz de plantar um sorriso em seu rosto quando o ancião bateu em suas costelas, ao mesmo tempo que fracassava em piscar um olho. Sob nenhum conceito era puritana, mas qualquer oportunidade de falar de negócios se deteriorou em proporção direta com a capacidade de sir Frank de controlar o que bebia ou a sua coquete esposa. Não parava de esperar que Jye pusesse fim ao encontro, mas pelo que podia ver não parecia perturbado pela futilidade do jantar, embora nos últimos vinte minutos tinha lhe jogado olhares de ajuda.

Mas não tinha nem idéia de como esperava que fizesse isso. Como Tory ainda não tinha chegado à fase de subir em seu colo e lhe arrancar a roupa,

nesse ponto, e apesar de quão atrativo seria, atirar o balde de gelo na cabeça dela seria considerado um ato de agressão. A menos...

Jye esteve a ponto de morder a língua pela surpresa e o impacto do sapato do Steff ao encontrar com sua tibia.

— Jye, querido... Eu adoraria dançar — Jye titubeou, tentando descobrir se podia andar. — Oh, por favor, querido — quase ronronou enquanto passava as unhas pelo dorso da mão com uma eficácia sedutora que suplantou a dor palpitante que ele experimentava na perna esquerda e lhe sensibilizou uma seção superior de sua anatomia. — Além do mais, esta é nossa canção.

— Claro, meu amor. Acabei de notar — agarrou a mão de Steff e sorriu para seus acompanhantes. — Se nos desculparem...

— É obvio, é obvio! — animou sir Frank. — Eu já não posso dançar, mas ainda sou capaz de apreciar o quanto é agradável ter uma mulher bonita nos braços.

— Mais provavelmente o velho verde gostaria de tê-la deitada — murmurou Steff quando saíram à pista de dança pouco iluminada. — Se não tivesse me afastado desses dois acredito que teria vomitado! Meu Deus, a come com os olhos como se fosse um adolescente aceso. Embora ela tampouco é melhor! — exclamou acalorada. — Coloca os seios na cara dele ao mesmo tempo que seduz você! E você a encoraja, droga!

— Absolutamente! O mais que fiz foi falar com ela.

— Exato.

— Seja razoável, Steff, não posso ignorá-la. Além disso, paquerar para Tory só é um jogo. Poderia gostar de ganhar, claro, mas o mais importante é a perseguição.

— Verdade? — olhou-o com expressão sarcástica. — Bom, se por acaso não notou seus latidos, saiu atrás da raposa!

Assim como sempre tinha apreciado o humor de Steff, começava a ser consciente que não tinha notado outras coisas dela. Por exemplo, o modo

sedutor em que seu corpo se entregava ao ritmo da música. Isso implicava que, dada a irritação e preocupação que sentia com os Mulligan, era improvável que pensasse de forma consciente em seu papel de mulher felizmente casada e, por isso, a fluidez e suavidade com que se movia ao redor da pista devia ser instintiva. Era um conceito mais excitante que interessante, já que suas leves; mas tentadoras curvas se grudavam a ele de uma maneira que disparava seus instintos mais baixos.

— Jye... Está prestando atenção?

— Mais que nunca.

— Bem. Então não baixe a guarda com Tory — suspirou; isso elevou seus seios e a frequência cardíaca dele. — Por algum motivo os homens têm o costume de subestimar do que é capaz uma mulher.

«Diga-me isso», pensou, e seus dedos desejaram checar se seu pescoço era tão suave como seus ombros nus.

— Deixa de se preocupar, Steff. Poderei ir em frente de Tory. Embora não devemos esquecer que é o tipo de mulher que se sentir-se rejeitada, poderia dizer algo a sir Frank e acabar o negócio para vingar-se.

— Devo me surpreender?

— Só estou dizendo é que seria inteligente que deixasse de provocá-la cada vez que abre sua linda boquinha.

— Eu? — abriu muito os olhos. Eu a provoco? Jye Fox, usava abafadores nos ouvidos toda a noite? Não deixou de me disparar farpas desde que foi no buscar. Não fiz nada deliberado para agitá-la.

— É mesmo? Então o beijo que me deu no exterior da cabana não foi provocá-la, e sim para me excitar, não?

— O que lhe...? Não seja ridículo! Pelo amor do céu, esse beijo não foi pior que o que você me deu no aeroporto!

— Concordo com você em um ponto — disse, fascinado pelo súbito rubor que cobriu suas bochechas e a ênfase em sua negativa. — Absolutamente foi pior. De fato, tenho que dizer que sua técnica melhorou em

apenas algumas horas.

— Perdão?

— Bom, havia bastante diferença entre a estátua de boca fechada que beijei no aeroporto e a mulher que me esmagou contra a porta da cabana.

— Hmm... Isso se deve que na cabana não estava catatônica pela surpresa; já sabia o que acontecia.

«Bom, pois ao menos já é um», pensou Jye, porque em nenhum momento soube o que o tinha golpeado. No instante em que sua boca se posou na sua, sentiu como se o tivessem eletrocutado. Ao olhar seus lábios levemente entreabertos perguntou-se se repetir o exercício demonstraria de forma concludente se tinha sido a mulher ou as circunstâncias as responsáveis por que seu pulso se disparasse.

Quando por vontade própria seu dedo polegar roçou o lábio inferior de Steff no instante em que ela o umedecia com gesto nervoso, Jye soube que tinha que descobrir. Mas não queria que nessa ocasião ninguém tivesse a desculpa de estar despreparado.

Stephanie não pôde conter um ligeiro suspiro de surpresa quando Jye baixou a cabeça e começou a brincar com o lóbulo de sua orelha, e se o braço que lhe rodeava a cintura não se esticasse nesse preciso momento, sem dúvida teria se desabado no chão. Esforçando-se por superar as caóticas respostas de seu corpo ante a representação muito convincente de um marido amante, sem êxito tratou de se afastar um pouco.

— Eh... Jye... Hmm... Não está se excedendo... Um pouco? — conseguiu soltar.

— Shhh — sussurrou; recordou as palavras dela e acrescentou: — Não faça nada.

Como não fizesse nada! Devia estar brincando! É que não tinha idéia do efeito que tinha nela? Demônios, desde o momento em que a abraçou mal tinha sido capaz de respirar... O coração lhe pulsava como se fosse sair do peito, e começava a sentir tanto calor que começava a suar em lugares que

não eram afetados pela temperatura ambiente. O aroma de sua loção pós-barba era tão provocante como o incenso mesclando-se com o vapor, e o só feito de passar a língua pelos cantos da boca invocou o sabor do beijo anterior.

«Não, Stephanie!», gritou seu cérebro. «Deixa de mover a língua neste mesmo instante!»

Droga! O que estava acontecendo? Bom, de acordo... Não era tão inocente para não reconhecer que seus hormônios despertavam, mas, pelo amor do céu, era Jye! Tinha dançado com ele centenas de vezes e jamais se excitou. Embora nunca tivesse mordiscado a orelha nem passado a mão por seu traseiro dessa forma tão sexy e estimulante. Mentalmente lutou para se agarrar à idéia que fazia isso em benefício dos Mulligan. Não foi fácil. Céus! As coisas que a fazia sentir.

Supôs que em algum momento do passado deve ter estado excitada dessa maneira... Talvez. Mas não completamente vestida, na vertical e em público! E ainda nem sequer a tinha beijado. Senhor se fizesse isso... Teriam que chamar os bombeiros para apagá-la.

— Steff... — embora seus lábios úmidos mal roçaram a pele dela, seu fôlego a deixou arrepiada. Continuou mordiscando e falando: — Não... hmmm... Respondeu a minha... Pergunta.

Tinha lhe feito uma pergunta? Quando? Era a pergunta ou algo mais trivial, como quem seria o campeão da liga de basquete?

— Steff?

— Hmm, eh... Não estou segura — disse com voz rouca, e sentiu seu risinho.

— Não era uma pergunta tão difícil.

— Não? Oh, bom, na realidade eu... Oh, meu Deus! — Ao mesmo tempo que ficava pálida e ofegava horrorizada, derrubou-se sobre Jye como se as pernas tivessem cedido, e pela primeira vez em sua vida ele sentiu um verdadeiro pânico.

— Steff, o que foi? — não houve uma resposta verbal enquanto ela enterrava o rosto em seu peito. — Stephanie? Querida, o que está acontecendo? Sente-se mau? Você...?

Ela sacudiu com força a cabeça ao mesmo tempo que dava um olhar furtivo por cima de seu ombro. Tornou para trás e balbuciou algo incompreensível, logo repetiu o movimento, empurrando-o um pouco à esquerda como se o usasse como escudo. Estava rígida pela tensão.

— Por todos os céus, Steff — protestou Jye, segurando-a pelo ombro. — O que está acontecendo?

— Odeio dizer isto, Jye, mas nosso casamento acabou — olhos muito abertos o olharam. — Brad Carey acaba de entrar no elevador...

As palavras impactaram Jye como um soco no estômago.

Capítulo 6

Não vai por um fim neste casamento, Stephanie, e não há mais o que falar! — atirou a chave da cabana sobre a mesa com tal força que escorregou pela mesa até cair aos pés dela. Enquanto Steff a recolhia, ele se dirigiu ao bar.

Duncan sempre havia lhes dito que o autocontrole era o elemento mais crucial para ter vantagem em todas as situações. Viver de acordo com esse lema nunca tinha sido fácil para ela, apesar da naturalidade com que Jye e o padrinho tinham conseguido; embora no caso de Jye, até esse momento. Não recordava tê-lo visto nunca tão irritado. No geral era ela quem se exaltava e ele mantinha uma calma estóica próxima à indiferença.

Terei que reconhecer que no princípio recebeu a notícia com sua normal indiferença explicando ao bêbado sir Frank e a sua perspicaz esposa que Stephanie não se encontrava bem e que desejava levá-la para casa. Para ela,

a volta do hotel à cabana tinha sido uma imagem imprecisa de vegetação tropical, porque Jye a arrastou pelo atalho estreito sem parar de murmurar coisas.

— Falo sério, Stephanie! Permaneceremos casados. Fim da história!

— Jye, sabe que o fato de que Brad se encontre aqui muda tudo — ignorou o olhar assassino que lhe dirigiu enquanto abria uma garrafa de cerveja. — Falemos disso de forma racional. Os três.

— Os três? — tremeu-lhe a mão e ficou com a garrafa a meio caminho da boca. — Não está esquecendo alguém?

— Quem? — franziu o cenho.

— O nome Karrie Dent faz soar... Alguma campainha nupcial, Steff?

— Karrie não está aqui.

— Tem certeza, não? — soltou uma risada irônica e cruel.

— Sim. Brad estava sozinho.

— Quer acordar! Isso não significa que sua esposa não estivesse sob os lençóis esperando por ele lá em cima, não?

— Jye...

— Não, Steff? — repetiu. — Talvez deseje acreditar que o casamento de Carey não é... Um casamento de verdade, mas não sabe com certeza. Não é? Não é, Steff?

— De acordo! Se o faz feliz, não. Suponho que é possível que Karrie estivesse acima.

— Mais que possível, se conheço Carey — elevou a garrafa em um brinde de brincadeira.

— Acabou, Jye! Não o conhece — respirou fundo para se acalmar e lembrou-se que era natural que Jye estivesse irritado pela inevitável perda da compra do Illusion Island. — Olha, Jye — acrescentou, surpresa de poder soar tão tranqüila, — embora Karrie se encontrasse acima... Isso não muda nada.

— Que não muda nada! Maldita hipócrita!

— Eu... Eu... — o assombro e a indignação fizeram que gaguejasse .

— não o sou! Como se atreve...?

— Como chamaria uma pessoa que ridiculariza alguém por algo e que assim que vira anuncia que ela vai fazer o mesmo? — desafiou.

— A quem ridicularizei?

— Tory! Mas esqueça isso... — agitou a garrafa. — Provemos com isto... Como chama alguém que promete fazer algo por alguém e em seguida se retrata quando encontra outra coisa que gosta mais? Hein? — perguntou. — Ou a alguém que dá as costas ao homem que a criou na única vez que ele conta com ela? Como, Steff?

— Não é justo! Não é minha culpa que isto vá custar a Duncan o contrato! Você é quem quis que fingíssemos que estávamos casados!

— Sim, mas não sou eu quem pos um fim nele porque estou louca por um homem casado! — a feroz acusação pareceu reverberar na sala, e Jye soube que passou do limite quando Steff não replicou no ato com algum comentário sarcástico. Droga! O que estava acontecendo com ela? Estava tirando as coisas do serio. A situação requeria um planejamento lógico, mas em vez disso tinha deixado que seu temperamento o afundasse em um pântano. Ela ficou olhando com olhos nublados pela dor. Era evidente que Carey lhe era importante de verdade. — Sinto muito, Steff. Foi um golpe baixo.

A realidade era que sentia por muito mais, embora reconhecer algumas das coisas que lhe passavam pela cabeça não ajudaria em nada. Essa noite o tinha sacudido, inclusive antes que o estúpido do Brad Carey tivesse entrado na equação. O único pensamento que tinha na pista de dança tinha sido saber se Stephanie tinha fantasiado alguma vez fazendo amor com ele. Agachou-se para tirar outra cerveja do frigobar e o som alto e inesperado de uma risada feminina fez que elevasse a cabeça com brutalidade sem pensar na borda do balcão.

— Ai!

— Bem! Mereceu isso!

A cara de Stephanie exibia uma careta de satisfação malvada, que fez que ele pensasse estava lendo sua mente. «O que me faltava!», pensou, levando a mão ao ponto palpitante logo acima da orelha.

— Sangra? — perguntou ela, quando ele baixou a mão e a inspecionou.

— Lamento decepciona-la. O melhor que podemos esperar é uma dor de cabeça.

— Talvez isso embote seu excesso de libido que projeta um matiz sexual em tudo — murmurou. «Céus!», pensou Jye. «Tinha lido sua mente!» — Apóia a garrafa na cabeça.

— Anh? — piscou.

— O frio freará o inchaço.

— Minha libido?

— Isso! — burlou-se. — Nem a Antártida conseguiria. Refiro-me a sua cabeça.

— Oh, é verdade — seguiu seu conselho e fez uma careta ante o contato. — Explique.

— O frio parará...

— Isso não! Explica o que lhe pareceu tão engraçado faz uns momentos.

— Oh... Sua hipótese de que me retirava de nosso «matrimônio» porque estou louca por Brad — Fixou-lhe o olhar como um laser. — Jamais disse isso.

— Você disse...

— Sei exatamente que disse — indicou com altivez. — E não foi isso. Entendeu mau.

— Entendi mau «Ódio dizer isto, Jye, mas nosso casamento acabou. Brad CArey acaba de entrar no elevador»?

— Sim! — exclamou. — Entendeu mau! — cruzou a estadia com o cenho franzido. — Deixa eu ver sua cabeça.

Não havia nenhuma simpatia evidente em sua voz, mas os olhos tinham uma expressão claramente mais suave. Jye afastou a garrafa e inclinou a cabeça, e segundos depois os dedos dela se moveram entre seu cabelo para medir o pequeno galo. A sensação formigante que experimentou poderia ter sido causada pelo golpe, mas, nesse caso, o mesmo tinha acontecido com seus hormônios, porque era como se estivessem na Disneylandia.

Profundos olhos azuis olharam os seus enquanto continuava lhe acariciando o crânio.

— Dói muito? — perguntou com voz branda pela preocupação. — Não parece muito inchado.

— Não? — perguntou; «continue assim e não demorará para inchar», pensou, e imediatamente esclareceu a garganta. — É como o inferno — na realidade, uma melhor comparação era o céu, mas não tinha ficado completamente estúpido.

Stephanie tirou a garrafa de sua mão e com suavidade a apoiou contra a zona golpeada. A ação a aproximou mais dele e estar emparedado entre suas suaves curvas e a o balcão reativou a lembrança da sensação de te-la moldada a seu corpo na pista de dança.

— A questão, Jye — disse, sem ter idéia do efeito que causava nele, — é que Brad Carey sabe que eu não estou casada, com você nem com ninguém.

— Hmm — voltou a respirar fundo, tentando identificar seu perfume, que começava a envolver seus sentidos. — E?

— E? — impacientou-se e deixou a garrafa com força sobre o balcão e plantou o rosto a centímetros do dele. — Talvez enganemos a sir Luxúria e lady Lascívia, mas não Brad. Começa a entender algo do que quero dizer? — o que desejava Jye nesse momento era pôr as mãos em seus quadris, aproxima - la dele e lambe esses lábios franzidos até que se separassem para ele. De repente ela se dirigiu ao outro extremo da sala, remexendo o cabelo. — Não posso acreditar que Brad tenha escolhido este hotel! —

murmurou. — Droga, nem sequer sei como pensamos que sairia bem embora ele não tivesse vindo.

— Steff... Isto pode funcionar.

— Deixa disso, Jye. Fomos pegos em nossa matreira rede e...

— Não, ainda não.

Stephanie suspirou. Quando se tratava de negócios, com a exceção de Duncan, Jye era a pessoa mais monotemática que conhecia. O que provavelmente era bom, já que essa noite ela não tinha pensado em nada nos negócios. No passado tinha aceito a aparência de Jye como a noite segue ao dia, mas em menos de vinte e quatro horas a aparência dele parecia mais ardente e ofuscante que o sol.

— Steff, escuta... Estou seguro de que podemos conseguir se unirmos nossas cabeças — o tópico invocou em Stephanie uma imagem que não tinha nada a ver com a cooperação intelectual e que quase roçava a copulação, por isso sacudiu com vigor a cabeça. Em menos de um abrir e fechar de olhos ele recortou a distância que os separava e a agarrou pelos ombros. — Vamos, Steff, sabe o quanto isto é importante para Duncan — insistiu. — Toda sua vida esteve tentando comprar uma ilha. Morrerá se perder esta oportunidade.

— Isso... isso é chantagem emocional — gaguejou ela quando as mãos dele subiram até seu pescoço e elevaram sua cabeça para que o olhasse — Hmm... reconheço que se sentirá decepcionado, mas não podemos evitar.

— Sim podemos — afirmou, sua proximidade e contato fizeram com que os hormônios dela sugerissem coisas que teriam feito Tory parecer tímida com os homens. — Está se rendendo com muita facilidade, Steff.

Nesse momento lutava a batalha de sua vida contra as tentações que jamais tinha esperado sentir ante Jye. Era como da família.

— Estou sendo sensata — «alguma vez se pronunciaram palavras mais certas?», perguntou-se ao se afastar dele. — Não há jeito que possamos continuar com isso. Foi uma idéia maluca desde o começo, mas agora é impossível.

— Steff, por favor? Me escute. Temos que analisar isso com calma — para ele era fácil falar de calma. Não se encontrava a um tris de se despir e se jogar sobre ela! Acaso estava bêbada? Não parecia provável, já que tinha bebido poucas taças de champanhe, embora seria uma forma ideal de explicar o que sentia. — Por que não preparo uma bebida, nos sentamos e consideramos as opções que temos?

Se na pista de dança tinha pensado que era vulnerável, não se comparava com o que sentia nesse momento. Permanecer perto dele e introduzir mais álcool em um corpo já embriagado por sua masculinidade era uma loucura.

— Não quero uma bebida. E se supõe que não se deve beber depois de receber um golpe na cabeça.

— Bem... de acordo. Preparo café e...?

— Não, Jye! Não quero nada! — sentindo-se uma tola pelo tom de histeria em sua réplica, respirou fundo antes de adotar um tom mais racional e composto. — Olhe, concordo que ao menos por Duncan deveríamos falar...

— Bem. Então...

— Esta noite não, Jye. É tarde e estou muito cansada para pensar com clareza. Está certo?

Jye sentia algo menos cansaço. E, para ser franco, pensar era a última coisa que queria que ela fizesse. Estava convencido de que na pista de dança ela não estava pensando, pelo menos até que apareceu o idiota do Carey. Sentiu uma nova onda de fúria. Que demônios via nesse cretino? Ao ouvir o suspiro dela, recompôs-se mentalmente e elevou a vista para vê-la na soleira do dormitório.

— Perdão, o que disse?

— Que conversaremos pela manhã. boa noite, Jye — fechou a porta antes de lhe dar uma oportunidade para responder, mas depois de um momento saiu com um travesseiro apertado ao peito; ele já tinha conseguido abrir o sofá. — Não ponha essa expressão tão abatida — Sorriu a cara já

sem maquiagem. — Quem sabe? Talvez depois de uma boa noite de sono poderemos encontrar um modo para continuar na corrida pela ilha.

— Para você é fácil dizer — murmurou. — Você não tem que dormir neste colchão desgraçado.

— É verdade. E como tudo isto de casamento foi idéia sua, poderia ser dura e dizer que você tinha feito a cama e que não deveria se queixar por dormir nela. Mas não o farei... — o rosto se iluminou com uma expressão maliciosa. — Porque não há lençóis!

— Está brincado, não?

— Não. Embora a boa notícia é que tem um travesseiro. Toma, agarre-o!

O travesseiro se chocou contra sua cara no mesmo instante em que a porta do dormitório se fechava.

Stephanie olhou o despertador, logo se virou e se negou a responder aos golpes na porta. Os pensamentos sobre Jye a tinham mantido acordada quase metade da noite, e estava louco se pensava que a deixaria tira-la da cama a essa hora tão inoportuna. Embora a onda que de repente moveu o colchão de água esteve a ponto de atirá-la ao chão.

— Quanto...? — uma mão tapou sua boca.

— Shh! — o sussurro de Jye soou urgente, seu rosto sem barbear estava alarmado. E seu magnífico corpo nu! Bom, ao menos da cintura para cima; Stephanie não se atreveu a olhar mais abaixo. — Não levante a voz — advertiu ele.

— Como entrou aqui? — agarrou-lhe o pulso e apartou a mão. — Fechei com chave.

— Sei. Tive que entrar pelo banheiro — franziu o cenho. — Por que fechou...? Esqueça; há alguém na porta.

— Pois... Vá abrir.

— Escuta, Steff — amaldiçoou quando os golpes se fizeram mais sonoros. — Carey viu você ontem à noite? — ela sacudiu a cabeça, mais para

limpá-la que outra coisa, embora Jye tomou como uma negativa. — De acordo, então nossa charada não foi descoberta, assim consideremos que é Tory quem...

— Não poderíamos começar o dia com uma nota positiva e supor que é a Morte?

— Já fechei o sofá — levantou-se da cama, e graças a Deus usava cueca, — mas será melhor que você saia para ver o que quer.

— E ainda não deduziu? Garoto, você é lento.

— Ponha isto — ignorou o sarcasmo, olhou-a com desaprovação e estendeu a camisa que tinha usado na noite anterior. — Uma camiseta larga de uma equipe de futebol de Sydney não sugere uma noite de paixão.

— É engraçado — tirou a camisa de sua mão, — mas seu dono não pensava o mesmo quando me deu — satisfeita com a careta que provocou nele seu comentário, Stephanie se meteu no banheiro e rapidamente se trocou, decidida a não prestar atenção à fragrância da colônia de Jye.

A barra da camisa lhe chegava até a metade das coxas e cobria mais que a camiseta.

— Depressa, Steff!

— Estou tentando, droga — abotoou a camisa e levantou o pescoço para parecer sexy. — Já vou! — anunciou, saindo do banheiro. Ao chegar à porta da cabana, obrigou-se a falar com voz alegre. — Quem é?

— Lady Mulligan — foi a seca resposta.

— Bom dia, lady Mulligan — abriu e esboçou um amplo e falso sorriso. — Como está? Céus, não é um dia maravilhoso?

Quando a mulher a inspecionou com descortesia de cima a baixo, Stephanie lhe devolveu o insulto e decidiu que devia ser uma das estranhas ocasiões em que estava muito vestida. Assim como o body e os shorts da morena não deixavam muito à imaginação, não pareciam tão sugestivo como a camisa de um homem sem nada debaixo.

— Jye está? Tenho que falar com ele.

— Bom, sim... mas, hmm, não está vestido para receber... se é que me entende.

— Então esperarei... — uma careta revelou dentes magnificamente brancos. — Se não se importar.

Stephanie se importava, e sentiu a tentação de...

— Quem é, querida?

Ante o som da voz de Jye girou e o viu de pé na porta do dormitório com uma toalha ao redor da cintura. Apoiou o braço no marco, para sustentar seus débeis joelhos e, ao mesmo tempo, bloquear a entrada da mulher que tentava passar.

— Sou eu, Jye! — respondeu Tory, entrando na cabana de todo modo. — Eu... Oh! — que a própria Tory não soubesse o que dizer ante a descarada exibição de masculinidade fez com que Stephanie saísse de seu estupor.

— Jye, querido, lady Mulligan quer falar com você. Pode lhe dedicar um minuto?

— Claro. bom dia, Tory — Jye esboçou um sorriso devastador. — Não demorarei. Enquanto me visto, Steff e você podem conversar um momento.

Assim que desapareceu a fonte de sua distração, Stephanie voltou a assumir seu papel. Com amabilidade lhe indicou uma cadeira.

— Sinto muito, lady Mulligan. Nos pegou em um mau momento.

— Verdade? — perguntou com ceticismo. — Estou há bom tempo chamando.

— Oh... Imagino que não estávamos prestando atenção à porta. Talvez deveria ter chamado... — com gesto teatral se deu uma palmada na testa. — Oh, é verdade! Provavelmente Jye desligou o telefone... — encolheu-se de ombros.

— Ainda faz isso, não? — Tory esboçou um sorriso ladino.

«Cachorra!», pensou Stephanie.

—Muito bem, já estou apresentável — a aparição de Jye de bermuda cáqui e uma camiseta fez que Stephanie estivesse a ponto de soltar um

suspiro de alívio; até que a agarrou pela cintura e a aproximou para lhe dar um beijo fugaz nos lábios. — Falava sério sobre descansar hoje — baixou a mão até seu quadril. — Está trabalhando muito.

— Jye — começou, parando a mão dele para evitar um ataque do coração. — Estou... eh... muito bem. Sério.

— É verdade — os olhos escuros dele a observaram divertidos. Stephanie não pôde fazer outra coisa que sorrir. — Acredito que ainda está um pouco pálida, você não, Tory? — Jye tomou o grunhido desta como uma confirmação de sua falsa preocupação. — Acho que somos dois contra um, querida. Bom, Tory, para que queria me ver?

— Por desgracia Frank saiu um pouco urgente, e não poderá se reunir com você hoje como tinham planejado...

Stephanie tinha ouvido dizer que uma ressaca podia ser «má», «forte», inclusive «terminal», mas jamais «urgente».

— Mas em vez de sofrer a inconveniência de um dia perdido — continuou Tory, cruzando uma perna nua sobre a outra de forma escandalosa, como se quisesse se certificar que seus dois anúncios de cirurgia plástica não deixassem na sombra suas outras qualidades, — sugeriu-me que o ponha a par do que faz que Illusion Island seja tão única.

«Com certeza que começando por seu dormitório!», pensou Stephanie. Embora jamais tinha dedicado muito pensamento ao tema de que os títulos podiam estar passados de época, depois de conhecer lady Mulligan ficou convencida de que todo o procedimento precisava com desespero de algum tipo de controle de qualidade.

— Bom, a questão é, Tory — indicou Jye com suavidade, — que pensava falar com sir Frank para cancelar a reunião de hoje. Eu não gosto de deixar Steff sozinha quando não se encontra bem.

— Mas, Jye, acaba de admitir que está bem — riu. — E estou convencida que sua mulher está tão ansiosa como todos nós para que Porter Resort Corporation e Illusion alcancem um acordo mutuamente benéfico o

mais breve possível. Não é assim, Stephanie, querida?

— Lady Mulligan tem razão, Jye. Sinto-me bastante bem para me unir a vocês no percurso pela ilha.

— Não! — exclamou Tory antes de modificar seu tom de voz. — Quero dizer, o melhor seria que não fizesse isso. Não desejamos que o calor e o sol possam provocar uma recaída.

— Estou de acordo com você, Tory — disse Jye. O comentário ganhou um sorriso contente de uma mulher, enquanto a que ainda tinha sob o braço ficou rígida e lhe deu um beliscão. Ele bateu com discrição seu traseiro e sorriu ante seu olhar indignado. — Vamos, querida, não fique assim. Hoje só deveria descansar... — conteve a risada quando em seus olhos viu uma promessa de morte; em seguida acrescentou: — E eu penso ficar com você aqui para me certificar que faça isso — imediatamente o corpo dela relaxou. — Obrigado de todos os modos, Tory, mas terei que declinar seu oferecimento. Diga a sir Frank que me chame logo, e fixaremos uma hora para amanhã.

— Muito bem! — o rosto muito maquiado mostrou sua irritação. — Mas nesse caso, Jye, posso sugerir que ligue o telefone para que consiga entrar em contato com você?

— Que demônios quis dizer com isso? — perguntou Jye depois de fechar a porta — Stephanie dominou o impulso de rir e se encolheu de ombros. — A propósito, me ocorreram várias idéias para solucionar o problema de Carey.

—Agora mesmo preferiria que fizesse um pouco de café, enquanto eu me visto.

— Qual a pressa?

— Uma evidente síndrome de abstinência de cafeína — disse por cima do ombro a caminho ao banho.

— Referia-me à pressa para se vestir. Pessoalmente, acho você arrebatadora com minha camisa favorita...

A voz de Jye soou profunda, sedutora e séria. Parecia chegar até o mais fundo de seu ser e acariciá-la em tudo o que a fazia mulher. «É ridículo!», pensou. Só o que fazia era brincar, e em vez de imaginar estupidamente que se tratava de algo mais, deveria lhe responder com uma resposta engenhosa que sem dúvida ele esperava. Mas não lhe ocorreu nada, e embora tivesse pensado, teria resultado impossível verbalizá-la.

Chegou ao banheiro com a suprema força de vontade de pôr uma perna trêmula diante da outra. Nunca antes em sua vida tinha sido tão consciente de um homem. Podia sentir seu olhar nas costas, e se obrigou a não dar a volta e ver o que expressava seu rosto. Assim que esteve sozinha, afundou as costas contra a porta fechada e se deixou cair ao chão.

Tinha que esquecer o fato de que o conhecia de toda a vida e que não se parecia em nada aos homens que a tinham atraído. O que de verdade lhe incomodava não era temer não poder competir por sua atenção, mas sim que desejava fazer isso! Podia ficar aí sentada uma hora praticando técnicas de respiração, mas a fragrância de sua loção pós-barba parecia tão excitante como a masculinidade impregnada no tecido de sua camisa contra sua pele nua. Gemeu ao baixar a vista ao que com carinho chamava seus seios e ver suas cúpulas rígidas.

Como se não bastasse enfrentar a terminante sexualidade de Jye, de repente sua própria sensualidade, oculta até então, também pedia atenção.

Capítulo 7

Quando Stephanie se uniu a Jye na varanda, este calculou que tinham passado uns vinte minutos. Vê-la recém saída da ducha, livre de maquiagem, pareceu-lhe quase tão excitante como quando usava sua camisa. Mas apesar de apreciar sua figura na cadeira, foi incapaz de conter uma careta de

desgosto quando levantou a xícara fria de café e começou a bebê-lo.

— Há um microondas na cozinha, sabe?

— Não, assim está bem. O que preciso é o conteúdo e não a temperatura. Tomarei um quente quando formos ao hotel tomar o café da manhã.

— Não iremos — informou. — Não podemos nos arriscar a encontramos com Carey.

— Pode me chamar pouco profissional, Jye — olhou-o, — mas não penso morrer de fome por defender os interesses da Porter. Isso é levar as coisas muito longe!

— Traça a linha de dedicação à empresa em nosso matrimônio, né? — riu.

— Hmm. Se realmente tivesse sabido no que me colocava, a teria esboçado mais perto de casa... ante a porta de meu escritório — afirmou.

— Relaxe. Não peço a você que dê sua vida pela empresa... Em qualquer caso, hoje não.

— Céus, obrigado, mas com Tory me esperando não me sinto tranqüila.

— Recorda que em um gesto de magnanimidade sir Frank nos concedeu serviço de quarto vinte e quatro horas? Pois vamos aproveitar seu oferecimento e evitar o hotel durante os próximos dias. Talvez isso não impeça Tory de aparecer de forma inesperada, mas deveria solucionar o problema de Carey — ante seu gesto de arquear a sobrancelha explicou: — Sei com certeza que deve voltar para o escritório em três dias. Se tivermos em conta as moléstias que teve para conseguir a promoção, não vai arrisca-la começando por chegar tarde.

— Está enganado, Jye.

— Crie que arris...?

— Não, não. Refiro-me a suas férias. Sua secretária me disse que voltaria em duas semanas.

— Quando lhe contou isso? — franziu o cenho.

— No dia depois de minha volta. No dia antes de que pedisse a você que... hmmm...

— Sim, sei o que me pediu — cortou com secura. Não precisava de avisos do quão longe estava disposta a chegar por Carey. — A questão é que quando passei pelo escritório de Carey, sem saber que tinha saído de lua de mel acrescentou de propósito, informaram-me que estaria fora uma semana. O que significa que, no máximo, terá que ir embora daqui em três dias.

— Talvez entendeu mau.

— O mesmo se aplica a você.

— Imagino que é possível — encolheu de ombros e olhou o café. — Estava em um estado muito emocional — Jye não achou sentido a lhe explicar que tinha vontade de esmurrar umas quantas cabeças depois de deixa-la em seu escritório para se dirigir ao andar do departamento de desenho. Menos mal que Carey não estava. — Jye — comentou com o olhar baixo. — Até onde chegaria pela ambição? — ele apertou os dentes e amaldiçoou em silêncio; teve o impulso de se largar ou dizer outra vez a ela que Brad Carey não a merecia. — E então? — insistiu Steff.

— Se me pergunta se me casaria para...

— Não — cortou rapidamente. — Me... refiro... consideraria utilizar seus filhos do modo que todo mundo pensa que nossos pais fizeram?

A triste incerteza que viu em seus olhos rompeu seu coração. A última coisa que esperava é que tirasse as circunstâncias pelas que tinham sido criados por Duncan Porter.

— Perguntava-me que efeito teria em você o comentário de ontem à noite de Mulligan — murmurou. Ela não respondeu; parecia pensativa enquanto estudava o conteúdo da xícara de café. — Nunca antes tínhamos falado de nossos pais.

— Para ser sincera, e apesar de quanto horrível possa soar... quase nunca penso neles — apertou os lábios. — Costumava fazer isso, mas deixei porque me sentia culpada.

— Por que?

— Tenho dois álbuns cheios de fotografias deles e eu quando era pequena. Antes os olhava todos os dias e desejava que estivessem vivos para poder ter uma família de verdade — encolheu de ombros. — Depois, mais ou menos ao completar doze anos, começou a me incomodar pensar que era desleal com Duncan. Jamais me passou pela cabeça que meus pais lhe tivessem pedido que fosse meu padrinho como uma estratégia profissional. Não até que escutei alguns executivos falar disso em um churrasco durante uma celebração da festa nacional.

— Que idade tinha quando aconteceu?

— Não sei... onze, doze. Perguntei à senhora Clarence se era verdade...

— E o que lhe respondeu a Terrível Flo? — alegrou-lhe que Steff soltasse um risinho. Flo Clarence tinha sido a governanta e babá que Duncan tinha contratado quando os dois foram viver com ele. A mulher brusca, mas amável se aposentou fazia oito anos, quando Steff terminou a escola secundária, mas tinha continuado mantendo contato com seus dois antigos tutelados.

— Oh, me disse que era uma tolice e que se era feliz vivendo com Duncan isso não deveria representar nenhum problema. Depois, deixei que os rumores me resvassem. Mas, se pudesse dispor de um desejo, não seria que meus pais não tivessem morrido, e sim saber com absoluta certeza que me amavam. Que não pediram ao Duncan que fosse meu padrinho para que papai ganhasse. Duncan merece algo melhor — encolheu de ombros. — É sua vez. Perguntou-se alguma vez o que seus pais sentiam?

— Não — a resposta breve e o olhar impenetrável lhe indicaram que tinha respondido e que não ia oferecer nada mais. No momento que ela ia mudar de assunto soltou uma risada. — Que demônios! Se for comparar cicatrizes com alguém, quem melhor que você?

Como era evidente que não lhe entusiasmava nada falar de seus pais, Stephanie soube que o mais respeitoso seria lhe dizer que não era

necessário. Mas calou-se, já que de repente desejava saber tudo o que pudesse sobre Jye.

— Todos os meus avós estavam mortos quando nasci — começou. — Minha mãe era filha única e meu pai só tinha uma irmã mais nova, que raras vezes víamos, já que papai e ela não combinavam. Gemma vivia em uma comunidade no norte de Nova Gales do Sul, e era tão hippie e de espírito livre como meu pai um tubarão corporativo e um arrivista. Por algum motivo, veio nos visitar quando eu tinha oito anos. Para mim, um jovem estudante da classe média alta, Clover, assim se fazia chamar — explicou, — não podia ser mais alienígena que se fosse verde e tivesse antenas na cabeça.

A leve hesitação indicou que examinava lembranças que se tornaram imprecisas pela falta de uso.

— Nesse momento Clover estava passando por uma fase em que a morte e a família lhe obcecavam. E, certamente, a reencarnação. Não parou de falar desse tema. Durante meses depois de sua visita foi impossível passar diante de um cão ou um gato sem me perguntar quem teria sido em uma vida anterior... — riu, nessa ocasião com diversão e ternura. — Em qualquer caso — continuou com expressão de novo impassível, — uma noite estávamos todos jantando quando Clover anunciou que meus pais deviam estar plenamente preparados para sua morte e que deveriam redigir seus testamentos para assegurar meu futuro, nomeando-a minha tutora no caso de que morressem juntos. Bom, quando meus pais deixaram de rir, disseram-lhe que já tinham os testamentos feitos. Parafraseando a minha mãe, não só garantiam meu bem-estar quando passassem à próxima vida, mas também garantiam seu futuro nesta nomeando Duncan meu tutor — fixou seus duros olhos negros nela. — Como pode ver, Steff, diferente de você, me economizou a angústia de me perguntar qual era a motivação de meus pais ao nomear Duncan como meu tutor.

Era impossível passar por cima da aspereza na voz de Jye, e Stephanie não soube como responder a ela. Depois de um silêncio que ameaçava durar

uma eternidade, ele voltou a falar:

— Tinha dez anos quando aconteceu o acidente. Era grande o bastante para saber que meus pais não eram perfeitos, ou que nem sequer se pareciam com os de meus colegas, já que nenhum se oferecia como voluntário para realizar alguma tarefa na escola. Como adulto, posso olhar para atrás e reconhecer que não tiveram um casamento feliz, mas para mim é impossível afirmar se permaneceram juntos por algo tão nobre como me dar uma infância estável. Foram as ambições profissionais de meu pai e seu êxito financeiro o que os manteve unidos. Nada mais. Em certo sentido, sua morte durante uma recepção da empresa foi um modo estranho, mas adequado de partir. O irônico é que provavelmente o melhor que já fizeram por mim foi me usar como meio para se aproximar de Duncan, porque para mim ele é mais pai que o que nenhum deles foi capaz de ser. As histórias de que nossos pais competiam entre si sempre me pareceram plausíveis, porque sei exatamente que tipo de homem era meu pai. Não sei como era o seu, de modo que não posso aventurar seus motivos; talvez não queria que o meu tivesse uma vantagem sobre ele; talvez fazer com que Duncan fosse seu padrinho surgiu por algum motivo sincero. Não sei. Mas sei que nós dois fomos muito afortunados por ter Duncan, Steff — ela sorriu. Não era necessária nenhuma resposta verbal. — A resposta a sua pergunta original, que é hipotética, já que não tenho intenção de ter filhos, é não. Não usaria meus filhos para progredir em minha carreira. Como tampouco me casaria por conveniência para conseguir uma promoção. Mas como... — sorriu — ...me obriga a indicar que se Brad Carey tivesse tido uma disposição similar, não nos acharíamos neste apuro.

Aliviada ao ouvir que a amargura se evaporou de sua voz, estava mais que disposta a evitar sondar mais seu passado e a se concentrar em seus problemas presentes.

— Embora você tenha razão e eu me equivoque na data de volta de Brad a Sydney, como pode se esquivar de ir ao hotel? Mulligan vai insistir em

se reunir com você ali para dispor da vantagem de ser local.

— Essa é a parte do plano que ainda estou meditando. É nossa má sorte que Carey não aproveitasse o desconto aos empregados e fosse a um de nossos hotéis.

— Por que não ligamos para Duncan para que cheque quanto tempo Brad ficará aqui? — sugeriu ela.

— Os únicos telefones conectados com o continente estão no apartamento de cobertura de Mulligan e no escritório principal do hotel. Não posso correr o risco de que me ouça explicar ao Duncan por que quero saber disso.

— Podemos testar com o celular.

— Tentei quando liguei para pedir que viesse. Mal tem cobertura.

— Não pode ser tão má. Depois de tudo, estou aqui.

— Sim... — olhou-a um longo momento. — Mas atribuo isso a minha cota anual de boa sorte — ela sentiu um súbito acanhamento e se forçou a soltar uma risada incrédula. — Falo sério, Steff.

O pulso lhe acelerou; elevou a xícara vazia e fingiu beber um gole de café, só para romper o contato visual sem que parecesse muito evidente. Procurou desesperada algo impessoal que dizer para encher o silêncio. Ao não encontrar nada, começou a urdir uma desculpa factível para se levantar e partir. Seu estomago deu um odioso rangido.

— Não diga nada — advertiu quando Jye arqueou uma sobrancelha com gesto divertido.

— Eh... eu não fiz nenhum ruído.

— Vou pedir o café da manhã — levantou-se. — Quer algo especial?

— Bom, isso depende, Stephanie — respondeu, ao mesmo tempo que realizava uma lenta avaliação de seu corpo antes de voltar a olhá-la nos olhos. — Sua pergunta se refere ao café da manhã ou é algo... mais geral?

— Ao café da manhã! — esperou não ter a cara rubra. Por que de repente sua mente começava a lhe dar a cada comentário inocente um matiz

sexual? Compreendeu que ele tinha perguntado algo e pediu que repetisse, já que não tinha ouvido nada.

— Disse que, como só está se oferecendo a pedir o café da manhã, terei que me conformar com algo aborrecido, como fruta, café e bacon com ovos.

Seu risinho a seguiu até o interior da cabana, embora reteve na cabeça o tom sedutor de sua resposta inicial durante muito mais tempo.

Jye deixou a um lado a proposta de compra que esteve tentando estudar assim que ouviu uma chamada à porta e Steff indo abri-la. Entrou na cabana no momento que ela empurrava um carrinho com pratos cobertos em direção à cozinha.

— Bem a tempo — comentou, levantando as tampas. — Estou morrendo de fome. O que...? — calou-se com expressão de desagrado e observou a sorridente loira que ainda não tinha visto o conteúdo da bandeja. — Não se entusiasme muito — advertiu. — Tudo está cru!

— Sei — indicou ela com expressão radiante. — Pedi assim.

— O que?

— Quando liguei, perguntaram se queria feito ou cru. Disse...

— Adivinho o que disse, Steff. O que quero saber é por que?

— Para poder prepará-lo eu, certamente.

— Oh, Deus — foi uma autêntica prece para uma intervenção divina.

— Ao princípio não imaginava por que a cozinha era tão completa — continuou ela. — Mas parece que sir Frank teve esta idéia fabulosa para as pessoas que consideram que cozinhar é uma atividade de recreio e que, como eu, adoraria fazer isso durante sua estadia.

A Jye não cabia nenhuma dúvida de que Stef gostaria de cozinhar em qualquer parte, mas a verdade era que não podia. E sem descartar que cozinhar podia ser uma atividade de recreio para algumas pessoas, ele, e provavelmente todos os governos estrangeiros, teriam classificado seus esforços como experimentos com armas químicas.

— Steff, acredito que o melhor é que pedíssemos nossas comidas preparadas.

— Por que?

— Hmm... porque representará menos moléstias. Não temos lava-louça.

— Isso não é problema. Tudo volta para hotel; depois de tudo, ninguém considera lavar pratos uma atividade de recreio.

— Steff, querida... continua sendo muito trabalho para você. A verdade é que odeio vê-la ocupada em...

— Para já, Jye! — exclamou zangada. — Não sou estúpida. Suas objeções se devem a achar que não sei cozinhar, não é? Vamos, seja sincero! Não é?

— Não — replicou. Queria sinceridade? — Não se deve a achar que não sabe cozinhar. deve-se a que sei que não sabe.

— Disse a você que estive indo a aulas!

— A quantas assistiu?

— Meio semestre.

— Quantas lições, Steff?

— Cinco, de acordo! Assisti cinco lições antes de ter que ir a Perth. E se não tivesse tido que viajar, já quase teria acabado a fase de principiante. Para sua informação, meu professor disse que eu era uma verdadeira promessa.

— O mesmo me disse meu professor de ciências no oitavo ano, e dois anos mais tarde quase faço voar o laboratório — repôs Jye.

— Bom, se é tão inútil, mantenha-se afastado da cozinha. Toma! — empurrou-lhe um prato com bacon e dois ovos crus. — Não me importa como come isso, se leva isso ao hotel ou coloca por...

— Pelo amor do céu, Stephanie! Não é um pecado que uma mulher não saiba cozinhar. Por que fica voltar louca por fazer algo para o que não nasceu? Qual é sua obsessão por demonstrar que pode cozinhar? Acaso acha que saber montar um suflê a fará mais feminina ou atraente?

— Deixa minha feminilidade em paz! Para sua informação, sou feliz com

ela. Quando não for, estudarei procedimentos de implante de seios e não livros de cozinha!

— O que?

— E além disso — agitou um garfo na frente de seu rosto, — não tento provar nada para ninguém. E menos a ti, Jye Fox. Me divirto cozinhando. Me relaxa e faz com que me sinta criativa... — Jye deu um passo atrás e permaneceu mudo. — E um dia serei tão boa que abrirei meu próprio restaurante. E quando o fizer — estreitou os olhos com férrea convicção, — vou contratar o maior e duro porteiro, e lhe darei instruções para que não o deixe entrar — ele não pôde evitar esboçar um leve sorriso. — O que é tão engraçado? — perguntou Steff.

— Um restaurante, eh? Bom, sim, suponho que é possível...

— De verdade? — a expressão dela se animou no ato.

— Mmm. É obvio, terá que esperar que o porteiro seja barato... — lhe piscou um olho. — Porque, querida, com sua fama asseguro lhe comerá todos os benefícios.

Dominada pela dor e a fúria, empurrou o carrinho em sua direção e saiu da cabana enquanto ele saltava sobre uma perna e se agarrava a outra, amaldiçoando.

Durante um momento ela pensou que ia dizer lhe algo que a animasse, algo como «suponho que é possível... com trabalho duro e decisão». Mas não! Tinha que continuar arrasando-a. Como se ele fosse um perito! Provavelmente não tinha entrado em uma cozinha desde que descobriu que não tinham camas.

Stephanie seguiu um atalho que havia a sua direita, muito indignada para considerar as exóticas plantas tropicais e as enormes árvores como algo que não fosse um lugar para se ocultar em caso de que Jye decidisse persegui-la. Mas quando plantou o pé descalço sobre um ramo lançou um xingamento, e estudou com mais calma a densa vegetação da ilha, perguntando-se se não devia revisar seu plano. O que podia ser pior?

Enfrentar uma serpente escorregadia e venenosa ou Jye? Nervosa, olhou por cima do ombro, logo riu. Como se houvesse alguma diferença perceptível!

Ao comparar Jye com os répteis mais mortíferos do mundo não foi consciente da luz do sol cada vez mais intensa, até que piscou ante seu brilho quando a vegetação terminou. Elevou a mão para proteger os olhos e contemplou uma cena de tanta beleza e tranquilidade que eliminou grande parte da tensão acumulada em seu corpo.

Achava-se no extremo exterior de uma praia de areia branca com forma de ferradura, banhada por uma água tão cintilante que parecia água marina líquida.

— Bastante espetacular, não é?

— Até que você apareceu — repôs sobressaltada.

— Olhe, sinto muito.

— Os atos falam melhor que as palavras, assim demonstre e se perca.

— Steff... — um manancial de faíscas estalou no interior do Stephanie quando as mãos do Jye pousaram em seus ombros nus. — Escuta...

Escutar? O coração lhe pulsava com tanta força que abafava todo som. E como se isso não fosse suficiente, seus traidores hormônios tinham passado ao modo festivo e a tentavam para que se apoiasse nele.

— Não pretendia incomodar você — continuou ele. — De verdade, pensei que brincava com sobre o restaurante; nunca antes o tinha mencionado.

— Não... não falo disso porque prefiro não convidar as brincadeiras — Jye gemeu mentalmente; Steff parecia a ponto de chorar. Se alguma vez havia se sentido um porco maior, não recordava quando. — Além de você... jamais o mencionei a ninguém. Mas não se preocupe, não voltarei a cometer o engano de expressar meus sonhos em público. Nem sequer teria dito isso a você se não me tivesse zangado tanto — afundou os ombros. — Reagiu como se querer preparar o café da manhã para você fosse o crime do século. Como se fosse envenena-lo de propósito ou algo parecido.

— Querida... sinto muito. A verdade é que... não foi tanto a idéia de que cozinhasse, e sim não ser... —«O que, idiota?», burlou-se seu cérebro. «Que de repente se deu conta de que embora seja incapaz de preparar um sanduíche de manteiga de amendoins comeria cristal para conseguir colocá-la em sua cama? Vamos, lhe diga isso! Responderá de medo ante essa explicação».

— O que, Jye? — perguntou ela.

— É toda esta demente situação — improvisou, fazendo-a girar para que o olhasse, — de verdade lamento tê-la ferido, Steff. E se... — de repente lhe agarrou a camisa e reduziu a nada o metro que os separava. Tinha os olhos tão abertos como pratos, e ele experimentou ao mesmo tempo alarme e excitação. — Steff, o que...?

— Shhh — sussurrou. — Essa situação demente de que fala está a ponto de alcançar seu apogeu; Brad desce pelo atalho que há atrás de você.

— A quanta distância se encontra? — conteve o impulso instintivo de dar a volta e amaldiçoou.

— A uns vinte metros. E aproximando-se! Talvez possamos desaparecer na praia — agarrou-lhe o braço e se voltou para essa direção. — Vamos, vamos!

— Não! — Jye a freou. — Se correremos notará nossa presença.

— E se não também nos identificará! — outra vez puxou seu braço, mas sua resistência a frustrou de novo.

— Steff, este é o único caminho para sair da praia. Se ficar aqui, estaremos paralisados até que parta. Poderia demorar horas.

— Bem, arriscaremos uma insolação! — murmurou, começando a acreditar que o único modo de mover Jye era chamar Brad para que o agarrasse pelo outro braço. — Jye, vamos! — embora puxasse com todas suas forças, foi um exercício inútil ante a superioridade física dele — Jye! — sussurrou frenética quando ele a aproximou de uma árvore pela qual Brad passaria em uns segundos. — O que faz?

— Beijar você. Considere-se advertida...

Capítulo 8

Stepanie lutou para manter os olhos abertos. Se os fechasse a explosão de gozo sem igual que sentiu com o anúncio de Jye se evaporaria. Mas sua força de vontade não era rival para o efeito hipnótico do corpo másculo grudado ao dela nem para as debilitantes sensações da boca e da língua de Jye. Mas quando indevidamente fechou as pálpebras, descobriu que a rendição sob nenhum conceito diminuía as percepções que percorriam seu corpo; de fato, pareceu aumenta-las fora de toda proporção, distorcendo a lógica até que a realidade se tomou surrealista...

O aroma de Jye substituiu o fresco ar marinho que estava respirando, e o oceano que momentos antes tinha quebrado sobre a areia se converteu em seu sangue, que se desfazia em suas veias como espuma fustigada pela tormenta. Era uma luta para respirar; a excitação, a confusão e o pânico se agitaram com violência em seu interior até deixá-la tão esgotada fisicamente que as pernas começaram a tremer. Embora seu coração pulsava ainda com mais força.

O gemido agradecido que ouviu quando lhe agarrou o pescoço e grudou sua língua a de Jye poderia ter saído de qualquer dos dois, mas reverberou por todo seu ser. Agarrou-se com mais força a essa fonte masculina de prazer e se entregou a sua magia, para descobrir que essas estranhas e novas sensações cresciam e se multiplicavam até que teve a certeza de que poderia tocá-las. Mas pareciam esquivas, e cada vez que acreditava que era capaz de identificar uma, outra a distraía e nublava mais seu cérebro. Assim até que se sentiu enjoada... até que sentiu que os ossos derreteriam e...

Fracamente ouviu que alguém pronunciava seu nome, e nesse momento

fugaz de distração as sensações começaram a retroceder, suave, lenta e calmamente... até que só ficou uma, sua solitária sobrevivência testemunha de sua supremacia.

Amor.

No passado essa emoção e ela tinham sido pouco conhecidas, mas nesse momento Stephanie não só a reconheceu por seu nome, mas também com o coração. Sentia-a, e sabia que estava tão arraigada que jamais partiria. Surpresa e atordoada, devagar abriu os olhos, e o sol fez que piscasse em sua bem-vinda à realidade do Illusion Island.

Mas a realidade não modificava nada... Ela, Stephanie Elizabeth Bernadette Worthington, estava apaixonada por Jye Fox.

— Talvez era a mim a quem deveriam ter advertido.

O comentário sussurrado de Jye mal se registrou em seu cérebro nublado, mas a expressão cautelosa no rosto dele ao olhar para a praia lhe recordou que a motivação para beijá-la não tinha vindo do coração. Só o fez para evitar que os reconhecesse o homem que podia acabar com sua fachada. Jye, como sempre, mostrava-se pragmático e não romântico.

— Já foi...? — ao se ouvir quase sem fôlego, Stephanie se deteve para respirar. — Se foi?

— Sim... foram-se — os olhos escuros a estudaram em uma tentativa de penetrar em seus mais recônditos segretos. Ela se separou da árvore e tentou imitar normalidade.

— Bem. Então vamos embora daqui antes que ele decida retornar.

— Não me escutou, Steff — o tom de Jye foi seco. — Disse «se foram...» Karrie estava com ele.

— Eu não vi ninguém com Brad — Jye notou que a primeira emoção a aparecer em seu rosto foi surpresa, seguida imediatamente por confusão e, como ele tinha temido, incredulidade e negação.

Experimentou um momentâneo desejo de não ferir seus sentimentos e lhe dizer que ia sozinho. Logo as lembranças de seu sabor e a sensação de

tê-la nos braços explodiram em sua cabeça, e o puro egoísmo fez com que adotasse o ditado que rezava que terei que ser cruel para ser amável. Stephanie ia superar o que sentia por Carey, porque ele a ajudaria. Droga, a obrigaria!

— Era Karrie Dent. Andava atrás de Carey com uma senhora, e admiravam a vegetação.

Stephanie só pôde olhá-lo. Enquanto a tinha tido total e inconscientemente imersa em um beijo aniquilador, ele tinha mantido compostura o suficiente para, ao mesmo tempo, realizar uma inspeção que teria orgulhado James Bond. A indiferença de Jye parecia mutiladora, mas o orgulho requeria que isso deixasse passar. Seu orgulho tinha muito a que responder, mas não tanto quanto seu estúpido coração.

Stephanie se mostrou tão distante e silenciosa no trajeto de volta à cabana que Jye teve vontade de sacudi-la. Ou no mínimo de despertá-la. O beijo que tinham trocado esteve a ponto de lhe fazer perder o juízo, e seu sangue ainda circulava à velocidade da luz. Tinha-lhe produzido um impacto tão forte que teve que invocar toda sua vontade para colocar um fim nele; do contrário, a teria despido ali mesmo antes que ela notasse. E sem importar o quão aberta tinha parecido enquanto se beijavam, a reação que teve ao saber que a esposa de Carey o acompanhava foi como um balde de água fria sobre qualquer esperança egoísta que Jye tivesse podido ter de que conseguiria que esquecesse esse idiota.

Maldição! Queria estar furioso com ela, mas a cabeça baixa e a expressão retraída que mostrava enquanto subiam pelo atalho o obrigou a procurar algo que a animasse.

Com coragem Jye voltou a pegar outro bocado. Assim como ao princípio engolir sem mastigar tinha parecido a melhor maneira de minimizar o dano para seu paladar, duas tentativas tinham lhe mostrado que isso podia ter perigosos efeitos secundários. Não tinha certeza se Steff tinha confundido a

receita para os ovos passados na água com a dos ovos fritos, ou se os fazia com a casca, mas eram os mais crocantes que já tinham passado por sua boca.

— Sei que disse gostava do bacon crocante — comentou ela, seu próprio prato já meio vazio. — Mas temia queimá-lo se o deixasse muito mais tempo. Se quiser, posso fritá-lo um pouco mais.

— Eh... não. Não. Assim... está bem.

— Melhorei, não acha, Jye? — para evitar uma mentira descarada, meteu mais comida na boca e soltou um grunhido ambíguo. — Se não for suficiente para você, pegue um pouco mais. Quer que frite fria agora?

— Por Deus, não! Eh... quero dizer, obrigado, mas é mais que suficiente.

Dentes brancos perfeitos, que sua língua sabia que eram tão suaves como pareciam, cintilaram em um sorriso brilhante um segundo antes que mordessem uma torrada queimada. Jye conteve um gemido quando uma dor aguda lhe apunhalou o peito. Em outro momento teria dado uma olhada ao que comia, culpando isso a uma indigestão, salvo que os sintomas não eram os corretos. Não lembrava que jamais uma indigestão o tivesse deixado com uma ereção. «Oh, Deus», gemeu interiormente, movendo-se na cadeira, «quando um homem aspira ser um pedaço de pão carbonizado está metido em sérios problemas».

Stephanie estava metida em sérios problemas.

Apaixonar-se por um solteiro contumaz era um grande engano. E quando o solteiro em questão era Jye Fox isso se tornava um engano que beirava a loucura. Deste modo lhe negava a opção de dizer «Que demônios, terei uma aventura intensa e guardarei algumas lembranças».

Não é que nunca tivesse tido uma aventura, mas hipoteticamente, se decidia se arriscar a viver uma, não poderia ser com Jye Fox. Não, isso seria uma absoluta loucura. Para começar, pôr fim a uma aventura com Jye criaria uma situação difícil, incômoda e potencialmente complicada para muitas

peessoas, entre elas Duncan. Além disso, iniciar uma aventura com Jye criaria uma situação ainda mais difícil, incômoda e potencialmente complicada... também para ela, já que ele só a considerava «alguém capaz de pensar de pé».

— Droga — murmurou Steff esforçando-se por se sentar na cama de água. — Quero que me deseje inconsciente e jogada de costas!

Ouvir a verdade, em alto e com sua própria voz, sobressaltou-a. Quando tinha chegado a essa decisão? E, mais importante, por que, se apenas vinte e quatro horas antes não era consciente de nenhum interesse sexual por Jye?

«Porque se apaixonou por ele», zombou sua razão.

Com um gemido, baixou os pés ao chão, apoiou os cotovelos nos joelhos e enterrou o rosto nas mãos.

Era quase uma da manhã e aí estava, incapaz de chorar até dormir, o que era significativo em si, já que era o que tinha feito com todos os rapazes desde que tinha quatorze anos. Em todas as possíveis comparações, Jye Fox era diferente dos homens que até então lhe tinham atraído; não se parecia em nada à imagem que tinha do homem com quem sempre tinha aspirado se casar.

O anel de sua mãe contra sua bochecha foi outro aviso da ironia da vida tal como ela a conhecia.

Durante anos tinha desejado se apaixonar perdidamente e se casar. E o que recebia? Um amor perdido e um falso casamento com um homem que considerava o casamento a pior epidemia depois da peste negra. Mas o realmente cruel era descobrir que Jye podia ser um marido perfeito.

Era organizado, tinha humor... bom, quase todo o tempo. Se esse dia servia como indicador, seu melhor momento não era antes do café da manhã, mas tinha melhorado enquanto comia. Também era atencioso... Se, quando a noite anterior tinha anunciado que ia lhe preparar o café da manhã se esforçou para ajudar. Sorriu ao recordar como se deixou levar e pediu seis files à cozinha do hotel. Suspirou. Sim, Jye tinha o potencial para ser um

marido estupendo; o lamentável era que sentia tanta inclinação por isso como Tory Mulligan por se tornar freira carmelita.

A fortuita referência a vampiresa foi outro cruel aviso que não era o tipo de mulher com que Jye Fox tinha aventuras. Ficou de pé. Ferida, furiosa e nervosa a ponto de subir pelas paredes, decidiu que se não fizesse algo para sair desse círculo vicioso não demoraria para explodir.

— Muito bem, Stephanie — disse. — Pensa. O que pode fazer uma pessoa só em uma ilha tropical à uma da manhã?

Teve uma inspiração e se dirigiu a toda velocidade ao banheiro, abriu a torneira da banheira e verteu o conteúdo dos dois frascos de sais, delicadeza do hotel. O único que o faltava era um bom livro e uma garrafa de vinho. Sorriu contente; havia vinho na geladeira, e na mala levava o último livro de Stephen King...

Jye despertou com o som de uma sirene aguda, um grito dilacerador e o aroma de fumaça!

Levantou-se do sofá, atravessou o salão e deu uma rápida olhada à cozinha antes de abrir a porta do dormitório. O coração lhe deu um tombo ao ver a cama vazia.

— Steff! — sua voz mal era audível por cima do alarme. Sem se deter, correu até o banheiro e abriu a porta.

E aí estava ela, com uma expressão aterrada na cara... e sem nada mais em cima.

Sentiu como se tivesse recebido uma descarga de dois mil volts. Seu mundo se moveu em câmera lenta.

Achava-se colocada até os joelhos em bolhas, o cabelo curto brilhando prateado sob a luz, as pontas cacheadas pela umidade de um colar de espuma que caía por seus ombros até os seios firmes e erguidos, o estômago liso e duro e a sutil curva de seus quadris...

Jye viu que os lábios dela formavam seu nome, mas não ouviu nada. Era como se todos os sentidos, menos a visão, tivessem-no abandonado. Ficou ainda mais paralisado quando Stephanie se moveu, com seu corpo cheio de diminutos arco-íris pela luz. Inclusive depois de agarrar uma toalha, derramando uma garrafa de vinho na banheira ao sair, suas reações continuavam sendo pesadas. Isso provavelmente explicava por que quando ela o agarrou pelo pulso com uma mão úmida, mal conseguiu tira-lo de seu atordoamento em vez de eletrizar os dois.

— Jye! O que é esse ruído? Jye!

— O alarme contra fumaça...

— Oh, meu Deus, as torradas!

Por sorte quando Stephanie saiu do quarto ele recuperou a prudência.

— Steff! — foi atrás dela e a agarrou por um braço escorregadio antes que entrasse na cozinha cheia de fumaça. — Fique aqui! Eu cuido disso.

Apesar da fumaça, por sorte ainda não havia sinal de fogo, e decidiu que silenciar o detector de fumaça montada em cima da pia era a primeira prioridade. Subiu em uma banqueta e fechou o interruptor. Uma, dois... três malditas vezes! Mas o uivo do alarme abafou seus xingamentos enquanto se esforçava com a tampa da bateria. Quando ao fim cedeu, permitiu-lhe tirar os dois pulmões artificiais que lhe davam vida e se aproximar da torradeira.

— Jye, tome cuidado! — Stephanie ouviu sua voz como um rugido no súbito silêncio, mas a careta que fez a provocou ver que Jye desconectava o aparelho com um puxão forte pelo fio. — Jye, idiota! Está tentando se matar? Desse modo pode se eletrocutar.

— É um modo mais rápido de morrer que asfixiado — com a torradeira ainda fumegante no extremo do braço estirado, indicou-lhe a direção do pátio. — Abra a porta!

Obedeceu-o e o seguiu ao exterior enquanto observava como investia a torradeira sobre a mesa de ferro forjado. Dela caíram dois pequenos tijolos fumegantes.

— Equivoco-me ao dar por feito que nem sequer você irá querer comer os restos? — perguntou com sarcasmo. Depois amaldiçoou. — Demônios, será melhor que chamemos o hotel antes... — viu-se interrompido por gritos alarmados e batidas na porta. — Antes que enviem às tropas — concluiu. — Um momento! — rugiu. — Já vou! Já vou!

— Não, está bem — interveio Stephanie. — Eu provoquei a confusão; eu darei as explicações — antes que pudesse dar um passo ele pôs a mão no seu pescoço.

— Não vai abrir a porta dessa maneira!

Ao recordar as limitações da toalha, a rodeou mais ao corpo e correu ao dormitório.

Supôs que Jye demoraria alguns minutos em tranquilizar ao pessoal do hotel de que tudo estava sob controle, o que lhe brindava a mesma quantidade de tempo antes que lhe exigisse uma explicação. Só o que tinha que fazer era imaginar algo melhor que «me apaixonar por você me tornou em uma mescla de insone e pirómana».

Antes de poder terminar de colocar um short e uma camiseta ouviu a batida na porta do dormitório; o pânico fez que se dirigisse a um canto da cama antes de recordar que tinha trancado a porta.

— A barra está limpa, Steff. Pode abrir. Steff... vamos, abre. Eu gostaria de ouvir sua explicação.

— Não.

— Não? Não acha que mereço uma explicação por sua tentativa de me assar?

— Foi um acidente.

— Menos mal, isso faz com que me sinta melhor.

— Não podemos conversar pela manhã? — agarrou a camiseta e apoiou a cabeça contra a porta. — Estou cansada, Jye.

— Se levantar no meio da noite para tomar um banho e incendiar a casa esgota muito.

— Tinha problemas para dormir — apesar de tudo, sorriu. — Um banho relaxante parecia uma boa idéia. Suponho que esqueci que tinha colocado umas torradas, e a torradeira deve ter entupido.

— Acha que isso é o que aconteceu? — soou incrédulo. — Deveu ter bebido grande parte da garrafa de vinho para não cheirar a fumaça, Steff. Parecia bastante estranha quando a encontrei. Não está bêbada, não é?

— Claro que não estou bêbada! Só tomei uma taça e um pouco antes de...

— Tranqüila, querida — cortou a acalorada negativa. — Só perguntava. Embora beber na banheira quando está cansada pode ser perigoso. Se não tivesse sido pelo detector de fumaça, poderia ter se afogado antes de ser incinerada.

— É mesmo? — Stephanie olhou ao teto. — Isso teria convertido meu falecimento em uma dupla fatalidade, ou unicamente teria significado que estava duplamente morta?

— Abre e falaremos disso — riu com calidez e falou com voz tentadora.

— Jye, estou cansada.

— Os dois poderemos ir para cama assim que tenha me contado a história.

— De acordo; para que possamos dormir, eis aqui uma versão condensada.

— Dispara.

— Não podia dormir — «por sua culpa», acrescentou em silêncio. — Assim decidi relaxar na banheira com um bom livro e uma taça de vinho.

— E as torradas — inseriu ele. — Não quero que as esqueça uma segunda vez.

— Ainda não tinha chegado a elas! — colocou as mãos nos quadris e contemplou a porta. — Quem conta esta história? Você ou eu?

— Sinto muito. Continue.

— Obrigado. Enquanto a banheira enchia fui procurar o vinho, e aí foi

quando vi as torradas do café da manhã. Meti-as na torradeira, — levei o vinho ao banheiro, servi-me uma taça e devi... — calou ao decidir que por interesse de resumir a história seria melhor eliminar «e devido a estar tão tensa bebi isso de um gole». — E então, hmm, meti-me na água. Em algum momento me servi outra taça de vinho — reconheceu. — Mas deve atribuir isso ao cativante estilo de Stephen King o que não possa te dar a hora exata — disse, ainda irritada por insinuar que estava bêbada. — É evidente que cochilei um pouco, do contrário teria cheirado a fumaça. A próxima coisa que sei é despertei com um uivo diabólico. De modo que se tinha «aspecto estranho», como você disse, é porque pensei que de repente me achava imersa no capítulo quinze como a seguinte vítima. Além disso, Jye, assim como sei que sou responsável por todo este... drama, detesto que tenha dado a entender que se produziu porque estava bêbada e perdida em um estupor. Pois não é assim.

— Não, quem está em um estupor sou eu.

Ao princípio a surpresa a paralisou. Em seguida fez com que girasse e ficasse olhando boquiaberta ao homem apoiado no marco da porta do banheiro.

O achava tão atraente e sexy com os braços musculosos cruzados ao peito, que Stephanie teve a certeza de que lhe faltava pouco para se fundir com o tapete. Quando o no natal passado lhe deu de presente essa cueca amarela como brincadeira, nunca pensou que a colocaria, e menos ainda que ficasse tão bem.

— Meu Deus... é tão bonita, Stephanie Worthington — não foi o tom sedutor de seu comentário o que a tirou de seu devaneio, e sim o efeito colateral de que lhe fizesse um nó no estômago ante o brilho de avaliação em seus olhos ao percorrer todo seu corpo. Ruborizando-se, cobriu os seios com a camiseta. — É muito tarde, Steff — sorriu com gesto divertido. — Já vi você com muito menos que um short — com passo lânguido começou a avançar para ela.

— Eh... Jye... eu... hmmm... — a inteligente tentativa de rebater seu avanço e suas carícias visuais balbuciando, gaguejando e tratando de retroceder através de uma porta fechada não funcionou. Ele plantou a mão direita contra a porta à esquerda de sua cabeça, e com a outra afastou com facilidade o braço da camiseta que separava seus torsos nus. — Jye... Para que... vei... veio aqui? — perguntou.

Ele não respondeu, e o coração de Steff se descontrolou ao sentir o contato sedoso da cueca contra sua coxa. Em seguida o pelo de seu peito lhe roçou os mamilos e o nível de decibéis de seu coração disparou até lhe fazer vibrar todo o corpo.

— O que... o que está fazendo? — ofegou enquanto experimentava um calafrio erótico.

— Adivinha, Steff.

As imagens que passavam por sua cabeça estavam além da adivinhação. Mas como expressá-las em voz alta a fariam ficar como uma prostituta ou, pior ainda, como uma tola apaixonada, pretendeu aliviar a situação.

— Hmm... Ah... tenta conseguir... não dormir no sofá?

— Steff, essa é uma conjectura conservadora — seu sorriso foi tão suave como os nódulos com que lhe roçou a bochecha — Espero que seja mais ousada. Direi uma coisa — acrescentou, e moveu a mão que estava ao lado de sua cabeça até colocá-la atrás de sua nuca. — Segure isso e lhe darei uma pista.

Baixou a vista ao que tinha lhe colocado na mão e descobriu que se tratava de uma caixa de preservativos. Talvez não representasse um compromisso de toda vida, mas uma caixa inteira, sem abrir, tinha que significar que Jye pensava além dessa noite. Sentiu um nó na garganta.

— Steff — murmurou, elevando-lhe o queixo. Não afastou os olhos enquanto lhe acariciava o pescoço e baixava a cabeça. — Concentre-se — insistiu. — Esta é uma pista...

Capítulo 9

Esperava que o beijo fosse um assalto apaixonado e pleno pensado para transportá-la ao século seguinte. Mas a boca de Jye se mostrou tentadora até o ponto que se não o conhecesse teria acreditado que era hesitante. Sua língua se moveu com tanta gentileza que pareceu tremer em seu lábio inferior, embora talvez isso se devesse à insegurança de seu próprio corpo.

Manteve as mãos espalmadas contra a parede e o corpo separado, negando o contato mais íntimo que ela desejava enquanto com os lábios repetia o beijo delicado e quase imaginário. A lenta exploração do contorno de sua boca foi o mais excitante e fascinante que Stephanie já tinha experimentado, mas cobiçava mais.

A impaciência e o desejo corroíam suas vísceras enquanto a pele formigava e os mamilos se endureciam como pedras pela antecipação. «Vamos!», gritou mentalmente. Mas Jye apenas lhe roçava os lábios, como se fosse frágil como cristal e corresse o perigo de quebrar assim que tomasse posse completa de sua boca e lhe assolasse o corpo.

Então, e de maneira incrível, ele se deteve.

Stephanie seguia com os olhos fechados, mas não teve necessidade de abri-los para saber que Jye se separava dela; a sensação de ar fresco lhe bastou para reconhecê-lo. Automaticamente rebobinou para tratar de descobrir o que tinha feito de errado.

— Steff... — o nome se ouviu como se o passassem por papel de lixa. Ela abriu devagar os olhos para encontrar os dele sob o cenho franzido. — Agora mesmo desejo você com tanta ferocidade...

A convicção que ouviu em sua voz paralisou seus pulmões e

provavelmente suas cordas vocais, já que os angustiados gritos de seu corpo de «Tome !Tome !»jamais saíram de sua boca. Todas essas emoções desconhecidas voltaram a invadi-la, fervendo em seu interior em um manto de calor que, combinado com o desejo que via em seus olhos negros, fizeram com que sentisse que era engolida por uma densa e calorosa noite.

— Mas... não quero machucá-la. Jamais me perdoaria — sua rouca declaração se viu acompanhada pela hipnótica suavidade de seu dedo polegar sobre o lábio inferior dela. — Preciso saber se está confortável com o que está acontecendo, Stephanie. Que pode controlar isto.

Seu cérebro sensualmente atordoado registrou que Jye tentava se certificar das repercussões a longo prazo que teria sobre eles dormir juntos. Tratava de se assegurar que não sairia ferida albergando idéias de que qualquer relação entre os dois terminaria em casamento. Apesar do comovente que parecia na superfície, Stephanie era cínica o bastante e conhecia Jye o suficiente para identificar que seus instintos de auto-preservação eram quase toda a motivação existente por trás de sua nobreza.

Não sabia se golpeá-lo, rir ou assustá-lo confessando que a advertência era inútil porque já estava apaixonada por ele. Não... o último não era uma opção, porque se de uma coisa estava segura era de que queria fazer o amor com Jye. Essa noite. Nesse momento. A mais ligeira insinuação da profundidade de seus sentimentos faria com que atravessasse a porta e saísse de sua vida em menos de um abrir e fechar de olhos. De repente seu desejo de se casar e ter uma família tinha descido de sua lista de prioridades até ocupar um patético segundo lugar, a favor do desejo de experimentar o prazer de fazer amor com Jye Fox.

Seja o que for o que acontecesse entre eles essa noite, seria algo que não se repetiria, já que nenhum dos dois mudaria seu ponto de vista sobre o matrimônio; e apesar disso, Stephanie não era capaz de afastar-se. Pelo menos não essa noite... «Nunca», sussurrou seu coração, sabendo que em última instância seria Jye quem iria embora.

— Steff...

— Na realidade, Jye, não me sinto confortável com o que esteve acontecendo — ergueu os ombros. Tirou uma das mãos dele da parede e lhe devolveu a caixa de preservativos. — Segure-os você! Porque é evidente que não tem nem idéia do que fazer com as mãos; eu, entretanto, tenho grandes planos para as minhas — o agarrou pelo cabelo e atraiu sua assombrada boca para a sua.

Nesse beijo de Jye não houve nada de tentador! Sua boca se fundiu com a dela com um anseio ardente e ambicioso que ameaçou consumi-la ao assumir o rápido controle do beijo. Seu corpo encostou as costas contra a parede ao mesmo tempo que suas mãos abrasaram cada centímetro de sua pele exposta e acenderam uma paixão que Stephanie não reconheceu como própria. Soltou um gemido sensual de contentamento no momento em que sua mão se fechou sobre um seio e a unha do dedo polegar esfregou seu topo.

— Você gosta disso, né?

— Hmm... — retorceu-se quando repetiu.

— Está disposta a retirar a acusação de que não sabia o que fazer com as mãos?

— Hmmm — sacudiu a cabeça e ficou nas pontas dos pés para reclamar sua boca. — Uma pessoa precisa de motivação para não deixar de melhorar.

Riu, esquivou o beijo que pretendia lhe dar e a levantou nos braços.

— Oh, não se preocupe, querida... Estou muito motivado. Ainda não viu nada.

A petulante arrogância de sua declaração era tão íntima como sexualmente estimulante. «Bom, não, não era de todo certo», corrigiu enquanto o colchão de água se ondulou com suavidade embaixo dela. Íntimo evocava sensualidade, sentimentos confusos, enquanto que o estímulo sexual parecia mais um incêndio fora de controle. Assim se sentia Stephanie à medida que seus dedos exploradores lhe proporcionavam as lições mais

sensuais a seu corpo até esse momento mal educado. Ali onde a tocavam acendiam

uma fogueira cujas faíscas se adiantavam ao incêndio principal para inflamar outras partes de seu corpo.

Continuou avivando a paixão até que o calor interior se intensificou tanto que Stephanie acreditou que arderia de contentamento em combustão espontânea. Essas sensações novas eram aditivas. Seu corpo queria mais, muito mais. E sem pudor lhe suplicou que o desse. Não só com palavras, mas também com atos. Com as mãos explorou o corpo bronzeado e musculoso; os olhos entreabertos dele e as murmuradas palavras de aprovação encheram Stephanie com um sentido exultante de arrogância ante sua própria feminilidade e sexualidade, e a desafiaram a ser tão auto-complacente como seus desejos a impulsionassem a ser...

Jye sentia que estava afligido por seus instintos mais básicos. Sabia que tinha que frear as coisas. Mas apesar de todas suas boas intenções não foi capaz de conseguir força para executá-lo à medida que ia perdendo camada após camada de seu controle físico e mental. Era muito fraco para retirar do calor da mulher que tinha debaixo, para negar o gozo egoísta de ouvi-la gemer seu nome e de observar como seu corpo formoso respondia ao mínimo contato. E muito, muito egoísta para negar-se as sensações criadas pela fascinante exploração que ela realizava de seu corpo.

O roçar de suas unhas sobre seu torso era quase intangível, mas suas vísceras cintilaram. Quem teria imaginado que suas mãos delicadas e elegantes seriam tão firmes e possessivas enquanto lhe percorriam a pele, medindo, moldando, apertando e acariciando até que ele acreditou que morreria pelo êxtase de seu contato?

Tinha acreditado que conhecia Steff melhor que nenhuma mulher no mundo. Embora o lado arrogantemente otimista nele tinha insistido em que não podia estar imaginando a química sexual que tinha explodido entre eles durante sua estadia na ilha, o lado pessimista tinha esperado sua rejeição

inapelável. Mas ainda assim, tinha pensado que teria que agir com cautela e lentidão, ter paciência com essa mulher conservadora que acreditava que o sexo e o amor estavam entrelaçados e que via como uma rota direta ao casamento... Mas Sephanie lhe demonstrava que se equivocou em todos os sentidos!

Não havia nada conservador nem ingênuo no modo em que agia ou reagia. Que se achasse tão relaxada com sua sensualidade e sexualidade era em si mesmo um ato de erotismo; os movimentos de seu corpo contra o seu tinham tanta fluidez que ele acreditava ser ungido com um azeite quente e aromático.

Não havia nada inibido nos pequenos gemidos de prazer que emitia à medida que a boca de Jye procurava provar seu néctar mais doce. Nem sinal algum de acanhamento momentos mais tarde quando se retorceu sob seu peso, dizendo que desejava tudo.

A tentação de ceder foi a mais poderosa que Jye tinha experimentado. Nenhuma mulher o tinha afetado com tanta força nem bombardeado suas emoções tão rápida nem exaustivamente. Mas seu ego insistia em que mantivesse o controle, em não se deixar arrastar pela corrente de sua sensualidade.

Em uma tentativa de reafirmar-se e mitigar sua própria impaciência, dedicou vários minutos a provocar a paixão dela até levá-la à beira da satisfação, onde a deixou tremendo e lhe suplicando que chegasse ao final. Mas a paixão era uma espada de dois gumes, e chegava um momento em que a promessa não satisfeita de prazer flutuava próxima à dor. Um momento em que silenciar suas súplicas de liberação plena com simples beijos ficava além dele. Expressado pelo desejo de seu próprio corpo, inundou-se em sua úmida calidez...

Nesse incomensurável instante minúsculo de tempo Jye foi consciente só de duas coisas. De seu rouco grunhido de satisfação quando lhe cravou as mãos nos glúteos. E de que sua intenção de experimentá-la só uma vez se

fez em pedaços.

Jye se esforçou por dar a impressão de que analisava o que sir Frank acabava de lhe propor.

— Eu gostaria de poder pensar no que me acaba de dizer — disse, duvidando seriamente de ter retido algo das duas horas que estavam falando, além do bom dia. Enquanto observava os números sobre os benefícios do hotel durante os últimos cinco anos não tinha parado de ver a imagem de Stephanie tal como a deixou duas horas atrás, sua nudez semi-oculta por um lençol enquanto jazia dormida.

— Não espero outra coisa — repôs o homem mais velho com tom de aprovação, antes que seus olhos se desviassem para a porta, onde Tory tinha aparecido de repente.

Como sempre, a morena estava vestida com roupa de grife, e entrou na sala com um passo que ressaltava a extensão e firmeza de suas pernas. Plantou um beijo na testa de seu marido e pela primeira vez a Jye lhe ocorreu que a sexualidade do Tory era tão sintética como sua rotina de esposa amante. Não lhe surpreendeu tanto o fato como ter observado isto. No passado se esforçou em não passar da fachada com as mulheres. Assim que um homem começava a olhar debaixo da superfície, corria o risco de encontrar características atraentes e envolver-se emocionalmente, e o próximo que sabia era que dançava a valsa nupcial e assistia a aulas de parto sem dor.

— Maldição! — não se deu conta que tinha falado em voz alta até que os Mulligan o olharam com olhos curiosos. — Sinto. Acabo de pensar em algo que teria que ter feito.

— Não já terá aceito minha proposta? — brincou sir Frank.

— Jamais salto sem olhar, sir Frank — sorriu. «Bom, não até a noite anterior», corrigiu. — Vou expor ao conselho o que falamos e farei você saber de sua opinião.

— É obvio. De você, Jye, não espero outra coisa. E, para ser totalmente sincero, prefiro ver que Illusion termina na Porter Corporation que em uma das outras cadeias menos rigorosas.

Jye não mordeu a isca e não perguntou que outros grupos puxavam pelas instalações, embora era de esperar que houvesse pelo menos meia dúzia; o tom de Mulligan bastou para transmitir que seu rival mais sério era Cole Kingston.

— Como disse antes — continuou o homem mais velho, — eu adoraria ver que a ilha passa à mãos de alguém a quem de verdade se importe com a indústria turística deste país. Embora no passado fomos competidores, tenho um respeito enorme por Duncan Porter como homem de negócios — emitiu o que parecia um autêntico sorriso melancólico. — Por desgracia, Jye, ambos sabemos que ao ser eu também um homem de negócios, não posso permitir que os sentimentos nublem minha decisão para a venda, de modo que se quer esclarecer algum ponto, estarei em meu escritório toda a tarde...

— Oh, querido! — gemeu Tory. — Toda a tarde? Queria sair para navegar por algumas horas. Inclusive ia sugerir que levássemos Jye e ... hmmm... hmmm.

— Stephanie — contribuiu Jye, contendo um sorriso.

— Oh, Frank, querido, não pode adiar seus planos para esta tarde?

— Sinto muito, Vitória, mas por desgracia não posso. No entanto, não há motivo para que você três não possam ir. Quem sabe? — sorriu. — Talvez algumas horas vendo a beleza do Illusion do mar ajude Jye a chegar a uma decisão.

Jye mal pode abafar um gemido. A ultima coisa que precisava era passar uma tarde com a vampiresa da Tory. Mas sua tentativa de declinar o convite não foi aceito com justiça por lady Mulligan, e quando se manteve firme em sua negativa ela recorreu às caretas e as súplicas. Foi um ardil que lhe proporcionou um olhar furioso de sir Frank, a quem não gostava que ninguém irritasse a sua malcriada e mimada esposa.

Mentalmente os mandou os dois ao inferno. Apesar das afirmações de Mulligan de que em primeiro lugar era um homem de negócios, suas excentricidades, quando se tratava de sua esposa, eram bem conhecidas; Jye não podia se arriscar a descobrir se uma negativa poria em perigo as negociações.

— Ótimo! — irradiou Tory quando ao final aceitou. — Dê-me alguns minutos para me trocar e em seguida desceremos ao ancoradouro.

— Temo que terá que ser mais tarde. Estou seguro de que Steff terá o almoço preparado quando voltar. Que seja a... a uma e meia?

— Oh, de acordo — pareceu tão abatida como podia estar alguém com suas bem dotadas dimensões. — Tinha-me esquecido dela.

Era uma mentira patética, mas Jye desejou poder dizer o mesmo com a metade de convicção.

— Stephanie, uma relação física entre nós não funcionará...

Desde o instante que Jye atravessou a porta com ar tenso, mas decidido, com uma saudação de «Temos que conversar », esteve repassando a cena que Stephanie tinha imaginado toda a manhã. E, tal como ela havia predito, não lhe deu oportunidade de contradizê-lo, já que imediatamente se lançou a um extenso monólogo sobre todos os motivos por que fizeram sexo.

Até esse momento tinha jogado a culpa no isolamento, a proximidade, o estresse, a curiosidade e inclusive ao «excesso de identificação com seu papel de casal casado», como fatores que contribuíram a isso. Mas como Steff tinha esperado que citasse tudo, incluindo os problemas no Oriente Médio, permaneceu em silêncio, deixando que se espraiasse em sua vaidade.

— E então? — perguntou ele ao final com o rosto em expectativa. — Terá que dizer algo...

— Sim — com um sorriso se aproximou dele e com gesto sedutor lhe acariciou o peito. me beije...

— Não ouviu nenhuma palavra do que disse? — retirou-se com tanta

precipitação que ela esteve a ponto de cair de bruços. — O que passou ontem à noite passado está!

Oh, Deus... Jye não tinha tentado encontrar razões para justificar o acontecido porque se negasse a acreditar no conceito do amor. Estava he dizendo que a noite anterior tinha sido a primeira e a última vez! Assim que despertou sozinha na cama tinha sabido que a próxima vez que o visse estaria assustado, mas em nenhum momento tinha imaginado que escolheria a negação total como um modo de enfrentar as coisas. Ela tinha passado toda a manhã tentando decidir quanto tempo necessitava sua relação antes de poder lhe revelar o que sentia por ele sem espantá-lo... E aí estava ele, desqualificando os dois para qualquer futura competição!

— Steff?

— Ouvi o que disse, Jye. Mas parece que não no contexto que você queria — sua voz não soou tão firme como desejava, mas nada era. Tinha as pernas como gelatina e o estômago revoltado. Santo céu, não podia ser. Não... não era justo.

— Nós dois sabemos que o que digo é verdade, Steff.

— Sim? — cravou com força as unhas nas palmas das mãos para manter a calma e não chorar diante dele.

—A questão é que sem importar o quão estupendo fosse o sexo... hmm... entre nós, não queremos o mesmo em uma relação. Você sonha com um compromisso e me espanta. Ninguém mudará, sem importar o muito que desejemos acreditar o contrário. Tentar levar isto mais longe só seria...

— Um engano impulsivo! — espetou ela. — Sim, de acordo, Jye, já entendi. Mas, me responda a isto: este particular engano impulsivo ocorreu na primeira, na segunda, na terceira ou na quarta vez que fizemos amor?

— Steff, querida...

— Não me toque! — ofegou, se afastando do alcance de sua mão. — Só responde a pergunta. Quando acha que ocorreu este engano impulsivo?

— Aconteceu — soltou um suspiro — quando mesclei o valor a longo

prazo da amizade com a satisfação a curto prazo do sexo; assim que recolhi essa caixa de preservativos e entrei em seu quarto.

— Então você é o único que cometeu esse engano impulsivo, Jye. Porque eu... — cravou-se um dedo no peito —... dormi com você sabendo exatamente o que fazia. Não fui estúpida o bastante para visualizar que isso conduziria a um pedido de casamento, embora imaginei que nossa amizade poderia sobreviver a uma aventura. Pen...

— Uma aventura! — mostrou uma expressão de atordoada incredulidade — Não podemos ter uma aventura! Você não tem aventuras! — informou-lhe. — Para você o casamento sempre foi o fim. Sempre jurou que jamais se rebaixaria a ser a amante de um homem.

— É certo. E a boa notícia é que não rompi esse juramento. Mas graças a você minha elevada posição moral contra uns amassos de uma noite perdeu toda credibilidade — a satisfação de vê-lo empalidecer ante a acusação não bastou para derrotar a ameaça das lágrimas; só o orgulho conseguiu.

— Não... não sei o que dizer...

— Não? Pois não se preocupe, porque não estou interessada em escutar você — virou-se e saiu da sala.

— Steff, espera!

Não o fez, nem olhou atrás para mandá-lo ao inferno nem bateu a porta, embora Jye sentiu que jamais tinha ficado tão isolado de alguém.

Baixou a vista para a impecável mesa com a toalha branca de algodão, uma bandeja com fruta, taças de cristal e um balde de gelo com uma garrafa de champanha. Não soube se era o maior idiota, bastardo ou mártir do mundo.

Eh, me esperem!

A visão de Stephanie correndo pelo cais até o cruzeiro fez que Jye sentisse uma onda de alívio.

Quando chegou o momento de ir ao ancoradouro, Steff continuava trancada em seu quarto, de modo que Jye bateu na porta e lhe expôs quais eram os planos para essa tarde. Ele interpretou sua falta de resposta, além de um veemente «Bem, espero que naufraguem e os tubarões os devorem!», como uma negativa silenciosa de acompanhá-lo. Pela primeira vez em sua carreira profissional esteve a ponto de antepor os sentimentos pessoais aos negócios e cancelar a excursão náutica para tentar reparar os danos em uma amizade que valorizava acima de todas as demais; o único que o deteve foi saber que não havia modo de raciocinar com Stephanie até que se acalmasse... supôs que restava uma espera de duas décadas.

Olhou de esguelha para Tory quando Steff saltou à coberta e viu que, diferente dele, distava muito de se sentir contente pela inesperada chegada de sua «esposa». E tampouco fingiu o contrário quando Stephanie a saudou.

— O que faz aqui? — demandou.

— Perdão? — Stephanie usava um short e a olhou por debaixo de um boné de beisebol gasto; mesmo assim sua expressão e tom teriam posto em seu lugar à realeza. Surpreendeu Tory, mas não até o ponto de se desculpar.

— Jye comentou que não viria — explicou com voz que sugeria que isso tinha lhe agradado. Olhou para Jye com olhos acusadores e acrescentou: — Disse que se sentia mal. Outra vez.

— E assim era — respaldou sua mentira.

— Então, o que faz aqui? — desafiou Tory. — Não me parece adequado que se submeta ao calor do sol e aos vaivens de um navio. É evidente que tem uma constituição pouco robusta, sendo pateticamente magra e todo isso.

— Oh, no geral Steff tem uma saúde de ferro! — interveio Jye para evitar a demolidora resposta de Steff. — Mas já sabe como podem ser os enjões

pela manhã. Ela... — calou assim que notou que Tory já não era o branco do olhar irascível de Stephanie.

— Está grávida? — a surpresa de Tory foi tão aguda como as adagas visuais que lhe lançou Steff.

— Bem, eh... — tentou remediar o engano cometido, — quer dizer, achamos que está. Hmm... poderia estar. Bem, poderia ser. Eh... ainda não foi confirmado. Não, querida?

— Não, *querido*, razão pela que desejava manter em segredo — sorriu-lhe com expressão assassina.

— Céus — tentou esboçar um sorriso tímido. — Mas não há motivo para se incomodar, estou seguro que Tory não comentará. Não é, Tory?

— Duvido que alguma vez esteja tão necessitada de conversa! — o tom depreciativo se viu acompanhado por um calafrio e um olhar gélido. — Se me perdoa, Jye, deixarei que ambos solucionem suas diferenças pessoais em particular. E de verdade acredito que seria melhor que convencesse sua mulher de que não nos acompanhasse. Não quero que minha tarde se estrague por uma possível grávida vomitando pela amurada.

— Oh, não se preocupe, lady Mulligan — disse Stephanie. — Acredito que o fato que ainda não tenha vomitado demonstra que tenho um estômago excepcionalmente forte.

Rindo com a vã esperança de que Tory confundisse o comentário por uma brincadeira, Jye segurou o cotovelo de Stephanie e a levou a popa.

— Não deixe que se irrite — murmurou. — Ela não vale a pena.

— Não é ela quem me irrita. Por que demônios disse que estava grávida?

— Foi a primeira coisa que me ocorreu para justificar suas constantes indisposições.

— Pois deixa de dizer que estou doente!

— Olhe, devia ter alguma explicação para sua ausência. Dizer que tínhamos discutido teria sido como lhe dar de presente um milhão de dólares.

Para ser sincero, não esperava que aparecesse.

— Para ser sincera — imitou ela, — não esperava aparecer; não estou com ânimo de fazer favores...

— Mas veio — sorriu, e estendeu a mão, incapaz de se conter de lhe acariciar a sedosa bochecha com os nódulos. — Obrigado, Steff. Aprecio muito.

— Não o faça! — afastou-se e cruzou os braços — Só vim porque este trato é importante para a Porter e em especial para Duncan. O padrinho não gostaria que estragássemos tudo por deixar que nossas diferenças pessoais se interpor entre nós. Além disso — acrescentou com expressão relutante, — devo a você uma desculpa.

— Sim?

— Não se entusiasme — advertiu. — A dou a contra gosto. Mas a questão é que não foi justo jogar toda a culpa em você pelo que aconteceu. Ontem à noite me deu a oportunidade de me retirar. E se tivesse prestado atenção a minha cabeça e não a meus hormônios, o teria feito. Acredito que me excedi em minha reação porque no passado só me deitei com dois rapazes...

— Steff, para! Não preciso ouvir isso — demônios, nem sequer queria pensar em Stephanie nos braços de outro!

— Não. Certamente — mordeu o lábio com certo pudor, e se encolheu de ombros. — Em qualquer caso, queria que soubesse... bem, que me fez um grande favor.

— Sim?

— Estive tão obcecada com o compromisso e a duração em minhas relações passadas que provavelmente me privei que alguns momentos de sexo maravilhosos, e...

— Stephanie!

— O que? — abriu muito os olhos, desconcertada.

— O que quer dizer com *o que*? — olhou-a com olhos furiosos. — Notou

o que está dizendo?

— Digo que teve razão em todo momento, Jye — respondeu com calma.
— A variedade é o sal da vida. E... — a piscada e a careta que lhe fez deviam ser classificados de «X» — ...graças a você, a partir de agora Stephanie Bernadette Worthington vai procurar as comidas picantes.

Descartada a esperança de poder conseguir dormir um pouco no sofá, Jye olhava o teto.

Eram apenas palavras, é obvio. Quando tivesse que coloca-las em prática, era impossível que Stephanie se metesse na cama com alguém só pelo sexo. Não era desse tipo. E ele devia saber disso. O anúncio desse dia tinha sido um mecanismo de autodefesa para convencer os dois que o acontecido na noite anterior não tinha sido de grande importância.

No entanto, era uma maldita bênção que estivessem nessa ilha, casados para todos os efeitos, porque a história demonstrava que Stephanie era famosa por ser impulsiva. Se estivessem no continente, não era inconcebível que tivesse tentado amadurecer sua vida antes de ter analisado as conseqüências. Com um pouco de sorte, assim que fechassem o trato com Mulligan, voltaria a fomentar o ideal do amor eterno e uma casinha com cercas.

— Jye... está acordado? — sentou-se de repente ante o som de sua voz suave. Apertou os dentes ao ver iluminada pela lua uma boa extensão de pernas nuas sob uma camiseta grande e tratou de conter sua excitação. — Podemos conversar um minuto? — embora sua libido lhe sugeria outra coisa, e durante mais de um minuto, assentiu. — Não sei como dizer isto...

— Dizer o que, Steff? — perguntou com voz rouca; a vacilação que percebeu em sua voz lhe acelerou o pulso.

— É a respeito do de ontem à noite... e o que comentou no navio.

— O que tem o acontecido ontem à noite? — por isso então lhe palpitava algo mais que o pulso.

— Bom — olhou-o com olhos tímidos antes de baixar a cabeça, — preocupa-me que talvez tenha tido má sorte. Bom, em realidade, aos dois.

— Má sorte? Como?

— Ao dizer a Tory que estava grávida.

— Que... quer dizer que... poderia estar gr... grávida? — tragou saliva.
— Grávida?

— Droga! Sabia que não devia ter mencionado. Agora você também está preocupado — preocupado? Estava brincando? Ficou catatônico. — Por favor, Jye — insistiu. — Não se domine pelo pânico. Só existe uma possibilidade muito remota de que esteja.

— Mas... mas usamos preservativos. Por que crie...? Oh, demônios! Um saiu depois de...

— Sei que no momento nos pareceu engraçado. Mas me pus a pensar no acontecido, e ao refletir... bom... Olhe, Jye — continuou. — É provável que minha reação seja exagerada. De fato, estou segura de que não me teria ocorrido se você não tivesse mencionado hoje a Tory — bateu na perna em um gesto para lhe dar confiança, mas o calor de sua mão na coxa dele bastou para atribuir seu aumento de temperatura a outras coisas que uma iminente paternidade. Entretanto, quando apoiou a mão na dela, ela se levantou como impulsionada por uma mola e forçou uma risada. — Na realidade, acho que estou me comportando como uma tonta. As possibilidades de que esteja... — sacudiu a cabeça. — Todo é ridículo. Esquece que o mencionei e...

— Que esqueça o que! Demônios, Stephanie, poderia me pedir que deixasse de respirar — saltou do sofá e começou a ir de um lado a outro.

«Stephanie está grávida de meu filho». Tentou imaginar seu ventre liso inchado com a criança. Não pôde. Mas ao mesmo tempo sentiu uma onda de estímulo percorrer suas veias. Pensou... pensou... Maldição, não podia pensar! Até respirar lhe custava.

Ante a prova da evidente e extrema agitação de Jye, Stephanie se sentiu dominada pela culpa. O que lhe havia dito não se achava além das

possibilidades do possível, mas foi a maldade o que a motivou a acrescentar que estava preocupada. Não era verdade. As probabilidades de que tivessem um filho eram quase tão remotos quanto lhe dissesse que se apaixonou perdidamente dela. Como a tinha ferido muito, quis castigá-lo.

A Tinha impulsionado a pensar em quão bem desempenharia o papel de marido e que lhe faria o amor como se fosse a pessoa mais preciosa do mundo, para logo anunciar em público que iam ser pais. Era como se lhe tivesse proporcionado seu sonho mais desatinado para arrebatá-lo momentos depois. Odiava-o por isso, mas, ao mesmo tempo, amava-o muito para desfrutar com seu sofrimento.

— Jye... por favor. Não tem sentido se inquietar. Eu... tenho a convicção de que não estou grávida.

— Não, não é verdade. Que esteja segura — sua boca era uma linha sombria ao olhá-la.

— De acordo. Mas... é muito improvável.

— Improvável não significa impossível — deixou de caminhar e se deteve ante ela. Necessitou toda sua força de vontade para não beijá-la. — Quando saberá?

— Hmm... Em nove ou dez dias.

— Muito bem. Bom, se estiver... grávida, eu... — tragou saliva com esforço—. Eu... estou disposto a me casar com você.

— Se me pedir isso, direi que não — embora seu coração se excitou mais que sua cabeça ante tão nobre oferecimento.

— O que? Por que?

— Porque não me motiva o sacrifício humano, Jye — irritou-lhe que ele parecesse tão surpreso.

— Está dizendo que se casar comigo seria um sacrifício?

— Pelo amor do céu, Jye! Deixou bem claro que jamais quis se casar...

— Sim, mas o dizia de forma voluntária. Isto é diferente. Se leva meu filho, então me casar com você é uma obrigação. De fato, estaria preparado

para me casar com qualquer nestas circuns... grrrugh!

Quando o traseiro de Jye impactou contra o chão, Stephanie seguiu seu inesperado gancho de direita com uma descrição furiosa e colorida de sua herança, ressaltando-a com uma série de chutes lançados ao azar sobre áreas de sua perplexa forma.

— No que depender de mim... — chute — ...pode colocar suas obrigações... — chute — ...no traseiro, Jye Fox! — chute. — Não me casaria com você nem que estivesse grávida de dez meses de quíntuplos e já tivesse sete de seus filhos! Um...

Jye agarrou seu tornozelo na metade de um chute, desequilibrando-a o suficiente para que caísse em cima dele. Imediatamente ela começou a lutar para se libertar.

— Me solte, filho de...

— Shhh, Steff. Tranqüila, querida.

— Nada de querida... — esmurrou um punho contra seu ombro — ...insensível, arrogante e libidinosa peça de escória! — o ombro recebeu outro golpe. — Solte-me!

— Não! Ai! Steff, para! — insistiu, segurando seus pulsos.

— Por que? — demandou, sem deixar de tentar se soltar.

— Porque não é bom para o bebê que se excite tanto — imediatamente ela ficou quieta, e ele só pôde discernir em sua expressão confusão e angústia.

— Jye... eu...

— O que?

— Nada — meneou a cabeça. — É que, embora estivesse grávida, o pouco que sei sobre o tema indica que posso realizar um exercício suave.

— Bom, como eu não sei nada sobre o tema, aceitarei sua palavra. Mas... — esfregou a mandíbula — ...o que me preocupa é minha saúde. E como tenho uma relutância instintiva a me defender de uma mulher possivelmente grávida, acha que poderia dominar seus impulsos homicidas

até que saibamos com certeza?

Ela se levantou para ficar sobre ele, e as mãos à cintura elevaram ainda mais a já curta camiseta. O intimidante passo seguinte que deu aproximou suas formosas e nuas pernas a centímetros de seu contato.

— Relutância instintiva, uma merda! Seus instintos são tão lentos que nem sequer viu chegar o soco! — esboçou um sorriso contente.

— Tem razão, não o vi — concedeu, mas não falava só de sua poderosa direita. Nos últimos dias Stephanie tinha conseguido desequilibrá-lo física e emocionalmente até tal ponto que nem sequer a idéia de poder ser pai lhe parecia tão devastadora como teria esperado uma semana atrás.

Certamente, talvez parte da calma que sentia se devia ao feito de que Stephanie não tinha saltado de contente ante sua promessa de se casar com ela se de verdade estivesse grávida. Embora poderia ter mostrado um pouco de gratidão. Fazia alguns dias estava disposta a casar-se com esse imbecil de Carey só porque acreditava estar apaixonada por ele.

Momentos depois ela se despediu de forma apenas audível, mas Jye sabia que lhe seria impossível dormir. Podia dedicar-se a pensar em algo sobre o que nada podia fazer nesse momento ou tratar de se centra no motivo que o tinha levado a Illusion Island, e dar os primeiros passos positivos para conseguir que Mulligan baixasse o ridículo preço que pedia pelo complexo.

O mais inteligente era se decidir pela segunda opção; que pudesse realiza-la era outra questão.

— Vamos, Stephanie — disse ante seu reflexo. — Coragem. Não pode ficar toda a manhã no banheiro.

Sobressaltou-se ao ouvir uma batida forte do outro lado da porta.

— Chegou o café da manhã, Steff!

— Hmm... bem. Obrigado. Saio em seguida.

Precisou de outros cinco minutos para reunir coragem para olhar para Jye, algo ridículo se tinha em conta que se supunha que era uma adulta

madura e que o conhecia de toda a vida. Igualmente ridículo foi que o coração lhe desse um tombo no instante em que ele elevou a vista quando se sentou à mesa.

— Espero que tenha conseguido dormir um pouco ontem à noite, porque foi impossível — disse com um sorriso que não funcionou. Parecia esgotado, e ela não pôde atribuí-lo só ao desconforto do sofá.

Só uma mulher insensível poderia ter feito a ele o que lhe fez. E pensar que tinha julgado Tory! Cheia de remorso, agarrou-lhe a mão. Sentiu seu tremor incluso antes que seus olhos escuros se abrissem para refletir o mesmo, mas quase imediatamente ele se reclinou contra a cadeira e rompeu o contato.

— Sinto muito, Jye. Não devia ter soltado tudo isso ontem. Não quando está no meio de uma negociação crucial. Foi insensível e pouco profissional. Se soubesse, Duncan me esfolaria.

— Se soubesse o que? — arqueou uma sobrancelha. — Que dormimos juntos ou que alertou às possíveis repercussões de tal ato?

— Não seja chato. O último, é obvio. Duncan e eu sabemos que sua libido jamais dominou seu comportamento na sala de reunião — contente pelo objetiva que soava, surpreendeu-se quando ele esmurrou a mesa com um punho.

— Obrigado por me recordar isso Steff! Me certificarei de destacar a ele se estragar este trato e resulta que está grávida!

— Não estou grávida!

— Poderia estar!

— Só existe uma ínfima possibilidade. Não precisa se preocupar até que nos asseguremos disso.

— Não me preocupa!

— Pois tinha me enganado. Faz um minuto, quando segurei sua mão, comportou-se como se tivesse a peste bubônica — conteve as lágrimas e se obrigou a prosseguir com tom racional. — Esperemos para ver o que

acontece. Depois, se estiver grávida, podemos decidir se contamos ou não a Duncan quem é o pai.

Jye se levantou de repente, sacudindo a mesa e derrubando alguns copos.

— Não há nada que decidir! — rugiu. Nunca tinha desejado com tanta vontade matar alguém com suas próprias mãos. — Entende... isto... Stephanie — baixou a voz, mas avançou para ela com cada palavra que pronunciava. — Se tiver meu filho, Duncan e todo mundo saberão que eu sou o pai — se inclinou com lentidão e apoiou ambas as mãos no respaldo da cadeira, prendendo-a. — Captou a mensagem, Stephanie Elizabeth Bernadette Worthington? Porque não tenho nenhuma intenção de ficar de lado em silêncio enquanto você se lança no caminho da abandonada mãe solteira.

— M... mas... você... sabe que Duncan não... gosta que... exibamos nossas... hmmm... relações pessoais no escritório — tragou saliva e jogou a cabeça para trás para estabelecer um pouco de distancia entre eles. Jye rebateu seu esforço aproximando-se mais.

— Ao demônio Duncan e seu cenho franzido. E esquece qualquer idéia de se negar a se casar comigo, porque nenhum meu filho vai crescer sem ter seus dois pais.

— Uma... uma pessoa não tem que estar casada para ser pai ou mãe, Jye.

Praticamente tinham os narizes grudados. Estavam tão perto que estrangulá-la já não era o que mais ocupava seu esgotado cérebro. Quando o aroma de seu xampu se mesclou com o aroma que reconhecia como exclusivo dela, não pôde deter sua faminta boca de procurar seus lábios.

No momento em que sua língua encontrou a suave umidade do lábio inferior de Stephanie, o desejo que o rasgava era visceral. Gemeu e sua gloriosa intensidade o fez fechar os olhos.

— Oomph!

Pela segunda vez em menos de doze horas ela o pegou despreparado. Nessa ocasião com um empurrão no peito que o obrigou a vacilar para trás, embora não o derrubou ao chão. Imediatamente ela ficou de pé.

— Afaste-se, Jye — advertiu. — Bem, perfeito! Se estiver grávida me certificarei de que você receba todos os méritos. Mas que nem ocorra a você que poderá me convencer que me case contigo e, assim, se converter no último mártir vivo com uma sessão de beijos sexys e ardentes! Porque jamais repito meus erros.

— Mentirosa — brincou. — Esquece que comi duas vezes o que você cozinhou.

— Muito engraçado! Mas vou dar um conselho, Jye... Em seu lugar eu não voltaria a comer, porque a próxima vez que diga que fiz algo muito amargo não será porque tenha esquecido de colocar açúcar. E agora, quer fazer um favor aos dois e esquecer essa... essa ideia a respeito de querer se casar comigo para que possamos nos concentrar em fechar o contrato? Quanto antes chegue ao santuário de minha casa, melhor.

— Estou tão ansioso como você de chegar em casa, Stephanie. Mas, para que fique claro, jamais disse que queria me casar com você — sentiu a necessidade de indicar ante a obstinação dela sobre o tema. — Disse que me casaria com você. Há uma diferença! — «como um homem do intelecto de Jye podia ser tão... tão emocionalmente retardado?», pensou Stephanie, furiosa. Alheio ao perigo potencial para partes vitais de sua anatomia, ele colocou uma pasta azul sob seu nariz — Esta — grunhiu — é minha última oferta pelo Illusions. Dê uma olhada enquanto tomo uma ducha. Devemos nos reunir com Mulligan em uma hora.

O comentário fez que esquecesse sua ira como não teria conseguido outra coisa.

— Quer que vá? Por que? Só estou aqui de adorno. Nunca antes participei de uma compra.

— Mulligan não sabe — encolheu de ombros. — Espero que dê a

impressão de que estamos mais comprometidos com o assunto se formos os dois.

— Mas eu não poderei contribuir com nada. Em todo caso, se abrir a boca posso estragar tudo.

— Tolices, Steff. Desde que tem seis anos escuta a Duncan falar dos motivos para comprar hotéis — a olhou fixamente. — Quero que esteja presente.

— Muito bem. Deseja-me em modo de pleno rendimento?

Se tinha em conta o que sentia Jye, era uma pergunta carregada, mas ele conteve a resposta e assentiu.

— A partir deste momento será melhor que empreguemos toda nossa artilharia; Kingston espreita na sombra, sem dúvida preparado para oferecer uma soma ridiculamente obscena.

— Talvez Mulligan minta sobre Kingston com a esperança de que aceite sua oferta. Sabe o que sente Duncan sobre as propriedades em mãos de estrangeiros — aventurou.

— É certo. Acredito nele quando afirma que gostaria que Illusions esteja nas mãos da Porter, mas me incomoda tratar de deduzir o preço de seus sentimentos. Acredito que nos dará duas possibilidades para negociar uma quantidade que goste, e se não acertarmos, aceitará o que lhe ofereça Kingston.

— Duncan insistiu que não queria que Kingston o derrotasse nisto — Stephanie franziu o cenho.

— Sei — passou uma mão com gesto cansado pela nuca. — Mas eu não sou Duncan; não posso comprar a um preço que signifique que precisaremos de vinte e cinco anos para obter um benefício decente. Onde nos deixa isso?

— Imagino que dependemos de seu instinto — sorriu. — Se serve de consolo, o dia que parti Duncan comentou que tinha uma confiança absoluta em seu julgamento.

— À vista dos acontecimentos recentes, não esperava que defendesse que seguisse meus instintos.

— Referia-me a seus instintos nos negócios, Jye. E agora, a menos que queira que nos ponhamos a discutir outra vez, sugiro que vá tomar banho.

Jye esteve magnífico.

Durante a longa e intensa reunião com sir Frank, sua atitude foi tão imparcial que um observador neutro teria pensado que não tinha interesse no contrato; mas com apenas uma sobrancelha arqueada ou uma pergunta sutil faria que o outro corrigisse um fato ou uma cifra que aproximava as negociações a favor da Porter Corporation. Em várias ocasiões pediu a opinião de Steff, mas de tal modo que ela não podia evitar confiar em sua resposta. O apoio a seus comentários e sua inesgotável capacidade de expor números para respaldar todas as afirmações dela quando sir Frank as questionou, encheu-a de uma nova admiração pela forma exaustiva em que conhecia todas as facetas das operações da Porter Corporation. Não havia dúvida de que a fé que o padrinho tinha depositada nele estava justificada, mas quando ao final sir Frank se reclinou em seu assento, depois de cinco horas de debate, e anunciou que estava satisfeito com a oferta da Porter, o orgulho que Steff experimentou de Jye foi mais pessoal que profissional.

Seu primeiro desejo foi lhe rodear o pescoço com os braços, mas, imitando-o, limitou seu entusiasmo a um sorriso tão profissional como o que dirigiu a sir Frank.

— Bom — comentou o homem mais velho, — acredito que isto requer uma celebração. O que acham de um jantar às oito?

— Sinto muito, sir Frank — repôs Jye, — mas devemos retornar ao continente assim que seja possível. Pode arrumar que seu piloto nos leve a aeroporto de Cairns esta tarde?

A solicitude do Jye provocou uma dor aguda em todo o corpo de Stephanie. Terminou. Missão cumprida. Em algumas horas seu falso

casamento com Jye Fox estaria concluído. Sem mais briga. Sem mais beijos. Sem mais amor.

Bem!

Quanto antes voltasse para sua vida normal, melhor. Jye queria pôr fim ao fiasco o mais rápido possível, quase imediatamente. Ela também. Alegrava-lhe que terminasse. Tinha desempenhado sua parte e o padrinho estaria exultante com o fechamento do contrato.

Céus, era tão grande o alívio de que tudo tivesse acabado, que não podia pensar no que devia fazer a seguir... As malas. Sim, sua primeira prioridade eram as malas. Oh, e teria que ligar para Ellee ou Duncan para que fossem buscá-la no aeroporto de Sydney. Não, seu padrinho não... provavelmente queria falar das negociações, iria querer que os três jantassem juntos.

— Stephanie... um brinde — piscou ante o som da voz de sir Frank e descobriu que lhe ofereciam uma taça para champanhe cheia com suco de laranja. Seu rosto deve ter mostrado confusão, porque lhe explicou: — Não deve tomar álcool se estiver grávida, querida.

«Não estou grávida!», gritou mentalmente, mas de forma automática sorriu, aceitou a taça e a elevou para brindar pelo êxito do trato. Tinha bebido dois goles quando Tory entrou na sala com uma bata aberta e um biquini que fazia que se perguntasse por que se incomodou em coloca-lo antes que a morena tivesse podido se queixar de que a deixassem à margem do brinde, Stephanie depositou a taça na mesa e se desculpou, aduzindo que devia começar a fazer as malas.

Jye murmurou algo similar e começou a guardar documentos em sua maleta, mas a idéia de ficar a sós na cabana com ele era algo superior ao que podia enfrentar nesse momento.

— Não, hmmm... querido — se obrigou a sorrir. — Um dos dois deveria ficar para celebrar o acordo do modo que se merece. Está bem... eu farei as malas — ignorou o olhar hostil dele e apertou a mão de sir Frank; em seguida

se preparou para enfrentar os olhos felinos de Tory. — Adeus, lady Mulligan — sorriu, depois observou fugazmente a copiosa quantidade de carne nua potencializada pelo plástico. — Sem dúvida foi uma verdadeira... «revelação» conhece-la — deu meia volta e se dirigiu para a porta. Jye a abriu, mas a lentidão de seus movimentos a obrigou a elevar a vista.

— O que acontece? — perguntou de modo que só ela pudesse ouvi-lo.

— Nada.

— Por que está zangada comigo?

— Por que estaria? Realizou uma negociação extraordinária.

— Os dois. Não poderia ter conseguido sem você.

— O que você diga — sorriu para não chorar. — A boa notícia é que se terminou, e dentro de algumas horas poderemos acabar com esta charada. Pensando nisso vou fazer as malas!

Capítulo 11

Quando o avião aterrisou em Sydney, Stephanie praticamente correu para a fila para recolher a bagagem.

— O que? — espetou sem olhá-lo.

— O que acha de irmos comer algo antes de ir para casa?

— Obrigado, mas não tenho fome.

— Não comeu em todo o dia.

— Foi porque não tinha fome — olhou-o. — Quando isso mudar, comerei. E agora me deixe procurar minhas malas.

— Olhe, Steff — suspirou e mexeu o cabelo, — sei que o que aconteceu na noite passada a incomodou... demônios, a mim também! Mas temos que decidir aonde iremos a partir daqui...

— Eu vou para casa — indicou sem afastar a vista da mala que tinha

divisado na fila. — Você pode fazer o que mais o agrada.

— Não me referia a isso. Não podemos fingir que não aconteceu nada — estendeu a mão no instante em que ela ia recolher a mala, descobrindo que embora o estava deixando louco, tocá-la conseguia que inclusive esquecesse seu nome. — Steff...

— O que?

— Olhe para mim.

Antes de elevar a cabeça tirou alguns momentos para se acalmar. Foi inútil; um olhar para esses olhos negros como carvão com fez que sentisse calor em lugares que só queria que Jye tocasse. Incapaz de manter o olhar e a dignidade ao mesmo tempo, girou a cabeça e o azar fez com que aparecesse a distração perfeita.

— Olhe, Jye, aí está sua mala.

— Esquece a maldita mala! — agarrou-a pelos ombros e a colocou diante dele. — Não podemos evitar falar do que aconteceu a ilha.

— Bom, claro que não — disse, maravilhada pelo tom tranqüilo de sua voz. — Duncan esperará um relatório detalhado da transação. Amanhã na primeira hora é perfeito para mim...

— Deixa de ser obtusa, droga! — espetou. — Falo de termos dormido juntos! — a frustração fez com que elevasse a voz, provocando que algumas cabeças girassem em sua direção.

— Céus, Jye, por que não pede que anunciem isso pelos alto-falantes do aeroporto? — protestou com a cara vermelha e furiosa.

— Farei isso, se com isso conseguir que deixe de tentar evitar a situação. Não há na... Maldição! O que ela faz aqui?

Stephanie seguiu seu olhar indignado para as portas de vidro do terminal nacional, e ao ver o Ellee se sentiu aliviada.

— Ellee! — gritou, embora não pôde agitar a mão porque Jye a segurou.

— Eu teria deixado você em casa — disse com frieza.

— Não seja ridículo — soltou-se. — Vive na outra ponta da cidade. A

tarifa do táxi teria sido exorbitante.

— Quando começou a preocupa-la uma tarifa de táxi? Desde que roubaram o seu carro você gastou mais que ninguém em táxis.

— Ponto que nenhuma vez deixou de me recordar — replicou. — Não há modo de agradar você, não é?

— Isso não é verdade, Stephanie. Na outra noite conseguiu... várias vezes.

— Não estou interessada em falar do acontecido essa noite. Nunca.

— É uma pena, porque dentro de alguns meses possivelmente tenhamos que falar de técnicas de parto.

— Não estou grávida.

— Isso esperamos. Por desgrça, a esperança não é uma medida confiável para evitá-lo.

— Olá, meninos! — para Stephanie, a chegada de Ellee não poderia ter sido melhor sincronizada. Não só lhe evitou ter que responder, mas também coincidiu com o desaparecimento pela segunda vez das malas dele nas entranhas do edifício. — Como foi a viagem, Jye?

— Frutífera — repôs ela, decidida a abortar qualquer conversa. — Toma — adiantou o carrinho com sua bagagem e agarrou Ellee pelo cotovelo. — Muito bem, vamos. Onde estacionou?

Se Jye ofereceu alguma resposta a seu «Nos vemos», Stephanie não a ouviu por cima do caos emocional que reinava em seu interior; mas sentiu seus olhos nela todo o trajeto até a saída.

— O que está acontecendo? — perguntou Ellee.

— Nada.

— Então, qual a pressa e por que aperta meu cotovelo com tanta força, como se quisesse cortar minha circulação?

— Sinto muito — a soltou.

— De acordo... o que está acontecendo entre Jye e você?

— Nada.

— Vamos, Stephanie. Está falando comigo. Sei quando se sente irritada. E não imaginei a tensão que havia entre vocês dois.

— Muito bem — sorriu ao mesmo tempo que soltava um suspiro resignado. — Tem razão, estou irritada... Brad Carey estava hospedado na ilha.

— Santo céu! — Ellee ficou boquiaberta. — Está brincando, não é?

— Não. Brad e sua recém adquirida esposa estavam lá. A propósito, obrigado por vir me buscar. Convido para uma comida chinesa a caminho de casa.

— Boa tentativa, mas esquece a comida — disse Ellee. — Só quero que me conte o que aconteceu no Illusion. Tudo. Repito... o que está acontecendo entre Jye e você?

— Já disse... *nada*.

— Exato. Assim começa a me contar *algo*.

— Ellee, não há nada que contar. De verdade. Nenhum drama; a situação ficou um pouco incômoda quando Brad apareceu.

— Por que?

— Por que, o que? Por que Brad foi para lá?

— Por que o desconforto?

— Deus, Ellee! Por que você acha? — espetou, decidindo que fazer a ofendida era o melhor em vista de sua tenaz curiosidade. — Não foi muito fácil estar na mesma ilha nessas circunstâncias. E, se não esqueceu, Jye não se alegrou muito quando lhe contei o que sentia por Brad. Ao tê-los na ilha, não deixou de me recordar que estavam casados e que eu tinha ido trabalhar. Imagino que se percebeu tensão entre nós é porque me incomodou que me tratasse como uma espécie de boneca pouco séria — Stephanie se felicitou por sua resposta sincera, mas ambígua, embora quando a expressão de Ellee sugeriu que não estava de todo convencida, acrescentou: — E tampouco ajudou que a última esposa de sir Frank tenha sido uma antiga amante de Jye.

— Que me crucifiquem!

— Sim! Estávamos todos. Asseguro-lhe isso, Ellee, Jye e eu não temos feito outra coisa que andar nas pontas dos pés; é de estranhar que estejamos um pouco tensos? Não foi fácil se concentrar nas negociações quando ambos nos víamos constantemente enfrentados com nosso passado emocional.

— Céus, Steff, não me surpreende que tenha olheiras. Aposto que se alegra que tudo tenha terminado.

— Sim... — aí acabou-se por cingir à verdade.

Os últimos pedaços do sonho que restavam do pouco que tinha dormido, desvaneceram-se quando o viu ante sua porta.

— O que faz aqui?

— Sempre abre de pijama sem perguntar quem é? — grunhiu Jye.

— A esta hora — tentou não pensar no fato de que estava melhor em carne e osso que em suas fantasias — me pareceu seguro assumir que as únicas pessoas que podiam estar esmurrando minha porta seriam os bombeiros, que vinham me evacuar por causa das chamas que devoravam minha casa.

— Espero que isso não signifique que já tinha começado a preparar o café da manhã — disse, conseguindo de algum modo passar junto a ela para avançar pelo corredor. — Porque no caminho trouxe alguns pães-doces.

— Por que fez isso?

— Para economizar seu tempo. Já sabe o quanto Duncan é exigente com a pontualidade.

Sentindo-se como em um sonho, Stephanie fechou os olhos e voltou a abri-los. Tudo continuava igual.

— O que acontece? Supunha que devíamos nos reunir com Duncan às sete e meia no escritório.

— E é assim. Mas decidi que o melhor era passar para buscar você.

Devia estar brincando. Vivia na outra ponta da cidade e só a vinte

minutos do escritório; da casa de Stephanie demorariam quarenta e cinco minutos para chegar, sempre que não houvesse engarrafamento em Harbour Bridge.

— Jye, está...?

— Onde está o rádio, Steff? Gostaria de escutar as notícias enquanto tomo o café da manhã.

— Sinta-se em casa — indicou o aparelho de som, incapaz de dirigir a situação até ter tomado banho, — mas não se incomode em me preparar nada. Só tomarei café.

— Deve comer, Steff.

— Não, se não quiser.

— Onde guarda o descafeinado? — pôs dois serviços na mesa, como se não a tivesse escutado.

— Não tenho.

— Oh... bom, nesse caso imagino que tomarei chá. Depois pode comprar descafeinado.

— Não farei isso — replicou, irritada pelo modo em que se apropriou de sua cozinha. — Odeio descafeinado. Nem sequer começo a respirar até não ter tomado uma xícara e meia de bom café preto.

— Bom — encolheu de ombros, — a partir de agora terá que praticar respirar desde o momento em que desperte. Mas não se preocupe, já que não conheço ninguém que tenha morrido por deixar o café.

— Sim? Pois as pessoas que morreram nas mãos de alguém desesperado por sua dose de cafeína corre o perigo imediato de aumentar em um — ele lhe sorriu com expressão condescendente ao mesmo tempo que servia alguns pães-doces nos pratos. — Jye! Disse que não quero tomar o café da manhã.

— Sei. Mas, como sempre dizia Flo, o café da manhã é a refeição mais importante do dia. E aposto que uma dentada neste croissant a fará mudar de idéia. Como quer o chá? Com folhas ou tem saquinhos?

— Jye! — agarrou-o pelo braço para chamar sua atenção. — Não quero chá, nem descafeinado, nem pães-doces que lhe alteram a mente! Só quero café. C-A-F-É. Certo?

— Não, Steff...

— O que?

— A cafeína não é boa para o bebê, assim...

— Que não é bo...? Oh, pelo amor do céu! Não estou grávida! — rugiu.

— Não sabemos com segurança — respondeu com calma. — E até então, o melhor é não correr nenhum risco. Ontem à noite pensei muito nisso, e assim como ambos esperamos o melhor, devemos estar preparados para o pior. O fato de que não planejássemos não elimina nossas responsabilidades; razão pela qual, se estiver grávida, nos casaremos imediatamente. A propósito — continuou, enquanto vertia água quente no bule, — também falei com um advogado amigo meu, e parece que há um período de espera entre o pedido de uma licença e casar-se. A boa notícia é que se pode evitar em certas condições, e estou seguro que Duncan conhecerá alguém que nos acelere o processo.

— Jye... está tomando algum remédio?

— Não, por que? — franziu o cenho. — Oh, já entendi. Quer saber se existe a possibilidade de que afete meu esperma. Relaxe, embora se de verdade se preocupa posso me submeter a algum exame.

Não tinha deixá-lo louco, mas, se continuasse dessa maneira, quem terminaria presa em uma cela acolchoada seria ela.

Quando entraram no escritório de Duncan, este os saudou com aberto entusiasmo.

— Bem feito! Bem feito! — estreitou a mão de Jye com força nas duas dele. Logo se voltou para Stephanie e a abraçou com a efusividade reservada só para os aniversários e os natais, lhe plantando um beijo em cada bochecha.

Jye jamais tinha duvidado do carinho que Duncan sentia por eles dois, mas as demonstrações tinham sido poucas e espaçadas. O que só podia significar que seu tutor, igual a ele, jamais tinha compreendido o prazer que brindava a Steff as amostras tangíveis de afeto. Mas Jye o viu nesse momento nos olhos e no sorriso dela, que lhe iluminou todo o rosto de um modo que lhe chegou à alma. Nesse instante estava mais bonita que nenhuma mulher que já tivesse visto. Sentiu-se extasiado ante a idéia de que pudesse levar seu filho em seu interior.

O filho de ambos. Uma pessoinha que os dois tinham criado...

Os sentimentos que o conceito produziu nele, tanto mental quanto fisicamente, estavam além de toda descrição. Só sabia era que Stephanie podia discutir tudo o que quisesse sobre que um casamento de verdade só podia existir se fosse apoiado no amor, e que ela jamais se casaria de outra maneira... de nada lhe serviria. Se levava seu filho, também ia levar seu anel.

Queria abraçar a fantasiosa ideologia do amor, perfeito. Jye nunca tinha acreditado nisso e não pensava mudar de idéia, embora não podia negar que a idéia de compartilhar sua cama e abraçá-la cada noite durante o resto de sua vida começava a escavar sua aversão pelo matrimônio.

— De acordo, adiante, Jye — insistiu o homem mais velho, tirando-o de seus sonhos eróticos. — Sentem-se e vamos falar de nossa última aquisição — ordenou. — Sabe, Jye? É um excelente negociador. Como bem sabem, ser proprietário de uma ilha sempre foi meu maior objetivo. Mas me é impossível lhes contar o que significa para mim ter o complexo de Illusion Island.

— Não precisa — indicou Jye. — Seu sorriso diz tudo. Mas, como lhe expus ontem à noite por telefone, não teria conseguido sem Steff.

— Exagera, Duncan, eu... — começou a ruborizar.

— Não pelo que Mulligan me contou — interveio Duncan.

— Falou com Mulligan? — perguntou Jye depois de trocar um olhar alarmado com Stephanie. Esperava que fosse apenas uma alucinação.

— Sim, me ligou ontem na última hora, pouco depois de você. Parecia um pouco alegre, embora haja rumores de que gosta da bebida tanto quanto das mulheres. Bom — continuou, — parece que vai vir a Sydney em alguns dias e quer que nos reunamos de modo informal — a expressão desesperada na cara de Stephanie refletiu a de Jye. — Naturalmente aceitei... — Duncan calou-se ao observar com desconcerto a Jye e uma Stephanie pálida. — O que foi? — inquiriu com tom precavido e olhos penetrantes. — Há algum problema ou inconveniente com o contrato que não vou gostar?

— Inconveniente é uma palavra adequada, não acha Steff? — comentou Jye.

— Vamos, deixem desses olhares furtivos e respondam — insistiu Duncan. — É evidente que algo está acontecendo e que eu desconheço. Do que se trata?

— Provavelmente se refere a nosso casamento — disse Jye.

Assim como a primeira reação de Duncan ao se inteirar da farsa tinha sido de incredulidade e diversão, não pensava deixar que algo pouco tão insignificante como a verdade absoluta lhe amargasse um trato brilhante; de modo que se lembrou que a história do casamento teria que se reativar durante a estadia dos Mulligan. Entretanto, ao mesmo tempo que Duncan estava disposto a respaldar a história, lavou as mãos de todos os pequenos detalhes.

— Não penso me mudar para seu apartamento, Jye — informou Stephanie enquanto jantavam a comida chinesa com que ele tinha aparecido essa noite na porta de sua casa.

— Mas é muito mais confortável e mais apropriado como lar para um casamento de executivos com êxito.

— Não se pensa ter uma família. E não esqueça que foi você quem me deixou grávida... — ruborizou-se. — Hmmm... eh... quero dizer, você contou a Tory que podia estar, e...

— E nos deu má sorte aos dois, segundo sua forma de expor.

— Bom... em qualquer caso, o que... Jye, deixa de me olhar dessa maneira.

— De que maneira?

— Como... como... como se tentasse ver em meu interior.

— Tenho curiosidade...

— Sobre o que?

— Como acha que seria um filho nosso?

— Jye... — piscou — ... eu não...

— Não para de repetir isso. Mas me acompanhe, certo? Nunca antes tinha pensado em crianças, e agora não deixo de ter imagens de como seriam as nossos — franziu o cenho. — Sabe se há algum caso de gêmeos em sua família?

— Gêmeos! Deseja que tenha gêmeos?

— É obvio que não! É que em um momento imagino um menino loiro e gordinho e no seguinte a uma menina com cachos prateados. Por isso me perguntava...

— Duvido que tivessem o cabelo loiro — não lhe custou imaginar um menino com o cabelo tão escuro e brilhante como Jye.

— Por que não? — sorriu. — Sei que o seu é natural.

— E o seu tão negro como seu perverso senso de humor — repôs sabendo que ruborizava.

— Bom, apesar de conhecer o rápido que é seu raciocínio, meu coeficiente intelectual é quatro pontos mais alto, assim provavelmente meu intelecto seja o dominante.

— Mas só se estiver compensado por um código moral superior, assim descartarei esses quatro pontos de «intelecto» que nos meteram nesta encrenca. Embora seria bem feito para você ter uma filha com a mesma intensidade sexual que a sua — a expressão de pânico que apareceu no rosto dele fez com que risse. — Seria maravilhoso ver você tentar controlar

uma filha com uma libido desbocada!

— Não vai acontecer — afirmou. — Porque a nenhuma minha filha permitirei que saia com garotos até completar trinta anos.

— Sim? Bom, eu posso assegurar a você que nenhuma minha filha suportará uma existência tão dominada, protegida e aborrecida.

— Não se aborrecerá. Há um montão de coisas que posso encontrar para mantê-la ocupada... entre elas aprender a cozinhar. Claro que nessas circunstâncias... — piscou um olho — ...seria de grande ajuda que nosso filho desejasse ser bombeiro.

— Não será muito isso e aprender o negócio dos hotéis?

— Você gostaria de ter um filho no negócio?

— Bom, não... a menos que ele desejasse. Mas não é um segredo que Duncan escolheu você para que, chegado o momento, ocupe seu posto, e supus que você gostaria de passá-lo a seu filho.

— Nunca pensei nisso — calou uns momentos. — Embora imagine que deve ser estupendo poder legar a seu próprio filho algo tão único como Porter. Mas não sou chauvinista, assim não me importaria que fosse um menino ou uma menina. Salvo que, como você bem disse, deve desejá-lo. E eu gostaria de pensar que o apoiaria sem importar que quisesse seguir meus passos ou se tornar surfista profissional.

— É o mesmo que eu penso! Supõe-se que os pais devem guiar e apoiar seus filhos, não empurrá-los e limitá-los.

— Acha que é o que Duncan fez conosco?

— Não intencionalmente. Convenhamos, Duncan não tinha nem idéia do que fazer conosco até que terminamos o secundário. Se não fosse pelas excursões e as férias que Flo organizava para nós, é provável que, além da escola, só tivéssemos ido ao escritório.

— Está dizendo que não foi feliz? — perguntou com cara preocupada.

— Não, Jye! Claro que não! Amo Duncan e eu adorei tê-lo como tutor. O que acontece é que às vezes me dá a impressão de que perdeu muitas das

boas coisas que devem desfrutar dos pais.

— Mas como?

— Ele jamais antecipou que seria pai, e quando caímos em cima dele, assentar e dirigir Porter tinha embotado todos os instintos paternais. A mim sempre pareceu que estava obcecado e preocupado por ser um tutor responsável, de modo que jamais relaxou o suficiente para desfrutar do prazer que pode representar o mero feito de ser um bom pai. Não digo que perdemos algo, mas o padrinho sim, embora ele não saiba.

— Steff — disse depois de ficar pensativo outro momento, — sei que não me considera preparado para ser um bom pai, mas...

— Nunca disse isso!

— Talvez não com tantas palavras — encolheu de ombros, — mas afirmou categoricamente que não quer se casar comigo.

— Só porque sei o que pensa sobre o casamento. Jye, o fato de que duvide de sua capacidade como marido não quer dizer que não o considere um bom pai para nosso filho.

— Mas acaba de mencionar que um dos problemas que Duncan enfrentou é que jamais antecipou ser pai — recordou-lhe. — E essa também foi uma das coisas mais afastadas de minha mente; por onde...

— Pode ser que no passado tenha sido — cortou ela. — Mas durante dias não tem feito outra coisa que pensar nisso! Pelo amor do céu, se já começou a fiscalizar minha dieta e a especular sobre o aspecto que terão nossos filhos, e ainda nem sequer sabemos se estou grávida.

— De modo que embora considere que seria o equivalente ao Anticristo como marido, crie que seria um bom pai, eh?

— Sim, acredito que seria um bom pai — assentiu com sinceridade. — Pode ser que seja um sedutor contumaz — sorriu, — mas estou convencida de que esse não é um traço genético, assim não há motivo para que nosso filho saia a você. Além disso, basicamente é uma boa pessoa.

— E basicamente você é uma malcriada, mas...

— Não sou — mentiu indignada, — e jamais fui.

— Sim é — corrigiu rindo. — No passado foi bonita o suficiente para conseguir o que queria — estendeu a mão sobre a mesa e lhe acariciou a bochecha. — Agora é mais que bonita para conseguir o que quer — com o polegar roçou seu lábio, fazendo com que o coração dela se acelerasse. — Diga-me uma coisa... os olhos amendoados e sedutores preponderam sobre os insípidos olhos castanhos ou é o inverso?

— Seus olhos não são insípidos nem castanhos — sussurrou ela. — São negros como carvão — só pode ser o último vestígio de respeito por si mesmo o que impulsionou Stephanie a se afastar quando seu avariado cérebro girou sua boca para a palma da mão dele.

— Negros como o carvão, eh? — murmurou divertido. — Terei que fazer com que mudem minha descrição no passaporte.

Sentindo-se como uma tonta pelo que havia dito e feito, começou a recolher a mesa. Ele a ajudou. Seu desconforto aumentou quando, sem elevar a vista, sentiu seu olhar intenso e sua mente doente começou a imaginar que podia sentir suas carícias sobre seus seios. Quando os mamilos se endureceram saiu correndo para a cozinha.

— O que é que domina? — insistiu Jye, seguindo-a. — O cinza azulado ou o negro? — ela girou surpresa pela descrição que fez dos seus. Ninguém, à exceção de Flo, jamais tinha notado que tendiam a mudar de cor, segundo seu estado de ânimo. — Agora mesmo são azuis — indicou ele, lendo sua mente. — Mas aposto que sou capaz de mudá-los para cinzas.

— Eu... não o aconselharia — murmurou, depositando os pratos que tinha na mão na pia.

— Por que?

— Porque depois da confusão em que nos colocou com os Mulligan — repôs em uma tentativa de ser sarcástica, — me enfureça agora e existem sérias possibilidades de que seja a única que fique viva na sala.

— O que a faz pensar que quero enfurecer você? — perguntou,

grudando suas coxas metidas em jeans contra a parte posterior das dela. De repente o fôlego de Jye em sua nuca pareceu mais devastador que o contato de seu corpo.

— Porque... hmmm... Flo diz que quando me zango meus olhos se tornam cinzas.

— Sim, bem. Flo não conhece tudo... — finalmente sua boca estabeleceu contato com a pele do pescoço, lhe provocando calafrios de prazer. Umas mãos grandes e masculinas pousaram sobre as dela, agarradas na borda da pilha. — Também o desejo e a paixão os deixam de um belo cinza suave... Steff — sussurrou quando ela sentiu a extensão de seu corpo ficar rígido. — Diga não e me deterei agora mesmo.

— Então, sim — riu com ironia. — Sim. Sim. Sim. Sim.

A fez girar e a aprisionou entre a dureza sólida e segura da pia e a perigosa dureza de sua masculinidade.

— É esplêndida, sabia? — subiu as mãos até seus ombros, logo ao pescoço e as deixou quietas em sua nuca, ao mesmo tempo que com os polegares lhe acariciava as orelhas. Logo baixou lentamente a cabeça e lhe roçou os lábios uma, duas e três vezes.

Quando posou as mãos em seus glúteos e a aproximou dele, Stephanie sentiu como se o coração estivesse em uma nuvem, e não quis aceitar a opção de não rodeá-lo com as pernas. O que desejava era aproveitar a oportunidade de voltar a ser a amante de Jye, sem importar a brevidade desse papel. Levantou os dedos e começou a seguir o fascinante contorno de seu rosto.

— Diga — pediu ela com voz rouca pela paixão, — vamos experimentar outro amasso de uma noite ou mudou de idéia sobre ter uma aventura?

— Oh, querida — disse com expressão tão reverente que Stephanie se sentiu como se fosse a mulher mais bonita do mundo. — Mudei de idéia que parecer em tantas coisas...

Capítulo 12

Com mãos ansiosas tiraram a roupa, ao mesmo tempo em que admiravam seus respectivos corpos e davam beijos apaixonados e ávidos. Mas caíram sobre a cama de Stephanie como uma só pessoa, e a urgência de seu desejo deu lugar ao prazer sensual da exploração lânguida e pausada.

Para Stephanie foi a experiência mais excitante e espiritual de sua vida, e poder acariciar o corpo nu e musculoso de Jye de repente se tornou o prazer mais erótico que podia imaginar. Sentir os beijos que lhe dava nas panturrilhas e pés criaram sensações emocional e fisicamente tão estimulantes que flutuou entre as lágrimas de gozo e a realização do climax. Como podia um homem capaz de semelhante ternura não acreditar no amor?

— Sua pele é como cetim líquido — ofegou ele enquanto com os lábios abria um caminho por suas coxas e sua virilha até chegar ao estômago. — Quero tocar... e provar cada milímetro... — deteve a tortura de seus beijos ardentes e úmidos para elevar a cabeça e olhá-la através de olhos nublados pelo desejo. — Diga-me o que quer... o que você gosta.

— Até agora parece ler cada um de meus pensamentos antes inclusive de que os tenha.

— Diga-me isso de todos os modos — insistiu. — Quero saber o que você gosta que te faça — sem tirar o olhar de seu rosto passou a língua por seu umbigo enquanto com os dedos brincava com seus mamilos.

— Tudo... — murmurou, retorcendo-se pelo calor que surgia em seu interior ao mesmo tempo que continha as palavras de amor que não se atrevia a pronunciar. Jamais haveria um homem que pudesse satisfazê-la como Jye, e esse conhecimento era consolador e doloroso. Mas com sua boca e mãos a elevava mais e mais para o que imaginava o céu, e era muito difícil manter a declaração de amor em sua cabeça.

De repente todos seus pensamentos frágeis foram banidos e seu corpo se dobrou em êxtase quando seus dedos atravessaram os cachos íntimos e o polegar começou uma carícia íntima. Durante um indeterminável tempo delicioso a felicidade para qual a empurrava foi tudo o que desejou... mas imediatamente deixou de ser.

— Jye! — exclamou. — Pare! Pare agora!

A urgência que notou em sua voz deteve o coração e a mão inclusive antes de que segurasse seu pulso. Sentiu um nó de pânico na garganta e uma contração de medo e remorso no estômago.

— Querida, o que foi? Machuquei você...?

Ela sacudiu a cabeça com energia e o levantou até poder tomar posse de sua boca. O ardor de seus beijos breves e famintos eliminou qualquer ansiedade que pudesse ter criado a idéia de que a tinha machucado; também o enlouqueceu.

— Ah, Steff... Céus, querida, não me assuste dessa maneira. Pensei que a tinha machucado ou algo que você não gostava.

— Jye... Amo tudo o que me faz. Mas nesta ocasião quero que chegue comigo. Em mim. Agora.

A emotividade de suas palavras e a sensação de sua mão fechando-se em torno dele o empurraram a beira do abismo; de fato, seu último pensamento semi-consciente, enquanto Steff lhe colocava com destreza um preservativo, foi como demônios podia ela manter a razão em um momento como esse. A única coisa que sua mente ou seu corpo podiam processar era a devastadora necessidade de possuí-la.

A cabeça molhada dela descansava no braço também suado dele; tinham as pernas entrelaçadas e no quarto fracamente iluminado ambos respiravam de forma entrecortada.

— Jye...

— Hmm

— É provável que isto soe corriqueiro e ingênuo para você... — nervosa, passou os dedos por seu peito. — Mas... bem, quero que saiba que fazer amor com você é melhor do que nunca foi com outro. Melhor do que imaginava.

Sentiu que ficava rígida ante o som de sua risada; antes que o pudor ou a indignação a fizessem saltar da cama, abraçou-a com mais força.

— Não estou rindo de você, querida. Tem razão; foi muito bom.

— Certo — disse ela. — Imagino que terei que me inclinar ante seu conhecimento e experiência superiores sobre o que é bom no quarto, mas, céus, se isto for só bom... preciso sair mais!

— Claro que não! — imobilizou-a debaixo dele. — Acho que devo advertir você que espero que a mãe de meu filho siga certas normas.

— Oh? — a diversão em seus olhos se desvaneceu. — Bom, ainda falta esse veredicto.

— De todos os modos, nem ocorra a você acreditar que poderá sair desta cama logo, e menos ainda «sair mais». Reconheço que ao dizer que tinha sido bom talvez subestimei as coisas um pouco... — sorriu. — Mas como tenho o resto da noite livre, se estiver interessada talvez poderíamos repetir o exercício e assim poderei atualizar minha avaliação anterior.

— O resto da noite? Não vai para casa?

— Não pensava... — franziu o cenho. — Por que? Quer que vá?

— Não, claro que não — se apressou a dizer. — O que acontece é que sempre deixou claro que sua regra era nunca passar a noite com uma amante, embora a estivesse vendo freqüentemente.

— Disse isso antes, Steff; estou mudando de idéia parecer em muitas coisas...

Stephanie disse a si mesma que não devia se animar muito por suas palavras, mas lhe custou seguir esse conselho em vista de sua atitude carinhosa e atenciosa daquela noite. E foi ainda mais difícil nos dias e nas

noites que seguiram...

Cada manhã Jye se levantava e levava para ela na cama um copo com suco e uma xícara de descafeinado, e o fato de que o agradava bebendo ambos, ele por sua vez a agradava ajudando-a a tomar banho, fez com que Stephanie chegasse à conclusão de que deixar a cafeína era mais estimulante que consumi-la.

Se alguém na Porter notou o costume que Jye tinha adquirido de aparecer várias vezes pelo escritório de Stephanie, ninguém comentou. Duncan concluiu que tinham aceito sua sugestão de que Jye devia ficar na casa de Stephanie como precaução ante a iminente chegada dos Mulligan.

Stephanie sabia que sua vida era tão perfeita como jamais poderia chegar a ser. Sempre tinha sabido que Jye não estava a favor de um compromisso a longo prazo, e nesses dias tinha descoberto que ela nunca poderia casar com outro. Ao ter esses pensamentos deprimentes examinava o ventre. Não desejava prender Jye no casamento nem roubar sua liberdade, mas a idéia de ter um filho dele a enchia de um gozo sem igual.

Faltavam três dias para seu período. Sempre tinha sido tão pontual que quase podia predizer a hora a que chegaria... mas, e se não acontecesse...?

Se encaixasse as datas, deveria ter estado relativamente a salvo a noite em que um solitário preservativo saiu.

— No que pensa, Stephanie?

— Oh! Duncan... olá — moveu as pastas que tinha sobre a mesa com a esperança de parecer um pouco eficiente. — No que posso ajuda-lo?

— Vim para fazer você saber que Brad Carey retornou.

— Oh, certo... — apenas exibiu um ligeiro interesse. — Estava de lua de mel.

— Bom, isso também, mas... digamos que realizou uma investigação secreta para mim no Illusion Island — «Duncan sabia que Brad tinha estado ali?», pensou Steff. — Como é nosso arquiteto chefe, queria que desse uma olhada *in loco*, para que pudéssemos adiantar as mudanças que fazer. E já

que ia faltar ao trabalho por sua lua de mel, decidi matar dois pássaros de um tiro; para ele foi ótimo, porque a lua de mel lhe saiu grátis.

— E, eh... Jye sabia que Brad ia estar no hotel?

— Não. Entretanto, avisei Carey que não se mostrasse surpreso se visse Jye, embora o evitasse a todo custo...

«Fantástico, eles tinham suado tanto para evitá-lo e quem os esteve evitando era ele!»

— Não podia correr o risco que o velho Mulligan soubesse que Carey era um empregado da Porter e, assim, adivinhar o quanto estava interessado no negócio — continuou Duncan, rindo. — Foi um inteligente caso de espionagem industrial. Bom, em qualquer caso, quero que nos próximos dias vá colher informação com Carey. Como chefe do departamento de promoções, e ao conhecer a ilha em pessoa, desejo que me diga o que devemos oferecer ao nossos hóspedes para mantemos na frente da concorrência.

— Certamente. Duncan, tenho curiosidade... Você sempre foi contra as relações no escritório; por que é que mudou com Karrie Dent agora que Brad e ela se casaram?

— Porque me dá a impressão de que não são o tipo de pessoas que permitem que sua relação pessoal impeça seu trabalho. Os dois são bastante ambiciosos para não perder tempo se beijando nos corredores ou fazer amor em seu escritório durante a hora do almoço — respondeu com franqueza. — Sempre me orgulhei de ser um homem justo, Stephanie; se a pessoa tiver ambição para manter separadas suas vidas profissional e privada durante as horas de trabalho, então não me incomoda que tenha uma relação pessoal em seu tempo livre. A eficácia é afetada quando as emoções pessoais invadem o escritório e as prioridades de trabalho se alteram.

Jye riu quando Stephanie contou isso enquanto comiam juntos no escritório dela.

— Por que não mencionou a Duncan que vimos Brad em um hotel rival?

— perguntou Steff enquanto bebia a vitamina de chocolate que Jye tinha levado, alegando que devia beber mais leite.

— Pensava encarar Carey em pessoa. Bom, Duncan disse se tinha tido notícias de Mulligan?

— Não, graças ao céu — suspirou. — Sabe? Uma coisa era levar a farsa em um momento de crise na relativa segurança do Illusion, mas me sinto estranha mantendo-a no mundo real.

— Sentia-se tranqüila quando só se tratava de você e de mim, mas tudo parece fora de controle quando se envolvem outras pessoas... inclusive Duncan.

— Em especial Duncan — asseverou ela. — Sei que a confissão seria boa para minha alma, mas também sei que revelar agora não só estragaria a compra da ilha, mas também atiraria abaixo o nome da Porter Corporation. Qualquer das duas maneiras, faríamos mal a Duncan.

— Superaremos, Steff— prometeu. Passou os dedos por seu cabelo prateado e acrescentou: — Pode ser que não represente um grande consolo para você, mas estar casados agora me parece menos falso que na ilha.

Aproximou-a tudo o que pôde, em posição vertical e plenamente vestidos, e a beijou em uma tentativa de assimilar toda a magia que ela podia lhe transmitir. Louco por tocar sua pele, levantou a parte de atrás de sua blusa, mas a gratificação instantânea que recebeu de sua ardente suavidade foi breve, porque com língua ansiosa e dentes brincalhões ela respondeu a seu desespero com uma paixão que fez mais intensa essa gratificação. Precisou até o último vestígio de auto-disciplina para se separar dela.

— Querida... — ambos tinham a respiração entrecortada — ...se não sair daqui agora, com certeza quebrarei a política da empresa e a tomarei no escritório.

— Se não for daqui agora, o mais provável é que o tome antes de chegar à mesa.

— Estou indo, estou indo — gemeu. — Embora só Deus sabe como

consegurei me concentre em algo o resto da tarde...

— Duncan acaba de falar com sir Frank — disse Jye pelo interfone dois dias depois. — Parece que Tory insiste em jantar conosco.

— Quer dizer com você — corrigiu Stephanie. — Me odeia.

— Se quiser, ligo você da situação dizendo que se sente enjoada — riu e ela experimentou tremores do outro lado da linha. — A propósito, sabia que pode sentir enjôos em qualquer momento do dia e não só pela manhã?

Stephanie conteve as lágrimas. Na noite anterior Jye havia se enterrado na leitura de uma revista feminina que tinha comprado e que dedicava um artigo especial a gravidez. Seu profundo interesse e sua constante citação de diversos fatos, estatísticas e técnicas de parto estiveram a ponto de lhe rasgar o coração. No dia seguinte devia chegar seu período, e todos os sinais indicavam que não se atrasaria. Tinha os seios mais cheios e sensíveis, doía-lhe a cabeça e se sentia completamente desgraçada.

— Steff? Ouviu o que eu...?

— Jye, quer se esquecer disso por um momento? — gritou. — Não estou grávida, de acordo? — mordeu o lábio.

— Veio o período?

— Eh... não, ainda não. Mas acredite em mim, terei amanhã. Sei reconhecer todos os sintomas preliminares — forçou uma risada por medo de que ele notasse sua decepção. — Um deles é meu estado de ânimo irritável. Sinto muito, Jye, não pretendia saltar...

— Amanhã? Mas me disse que tinha que chegar hoje.

— Queria dizer que seria amanhã pela manhã, mas se não for capaz de esperar tanto, deixarei o despertador para que toque a cada hora desta noite, e assim não será obrigado a suportar a incerteza mais tempo que o necessário. Voltando para os Mulligan — continuou, desesperada por finalizar a chamada, — não vou deixar você nessa enrascada, então arrume o que for melhor para Duncan e para você. De acordo?

— Steff, eu...

— Tenho que desligar. Disse ao Duncan que daria uma olhada em alguns planos que Brad tinha esboçado. Nos vemos depois — respondeu com uma alegria que não sentia e desligou para fugir de seu escritório.

Quinze minutos no banheiro dos executivos a ajudaram a se acalmar e arrumar a maquiagem. Sabia que agia como uma idiota. Em todo momento tinha sabido que não estava grávida. Mas, de algum modo, o falso casamento, o comovente interesse que Jye tinha mostrado na gravidez, junto com o absoluto júbilo de despertar cada dia junto ao homem que amava, fazia com que seus sonhos se mesclassem com a realidade.

Deteve-se em seco. Santo céu, o que estava lhe acontecendo? Muito bem, não estava grávida, e Jye não tinha necessidade de se casar com ela, mas isso não significava que sua relação devia acabar. Não significava que o amasse menos nem que não pudessem continuar sendo amantes. É obvio, seus dias juntos estavam contados, mas Jye representava para ela mais que nada no mundo. «Droga!», pensou, e continuou avançando pelo corredor, «não ia queimar as pontes prematuramente». Tinha aprendido a desfrutar do momento e não pensava em estragar o tempo que restava juntos lamentando de antemão o fim de sua relação. Quando isso acontecesse, estaria preparada, mas não pensava abandonar a felicidade até que Jye lhe dissesse que a relação tinha terminado.

Certamente, dada a expressão que ele mostrava no rosto ao avançar para ela pelo corredor, talvez significasse que sua atitude positiva ia ser muito fugaz.

— Onde esteve? Procurei você por todo o edifício!

— Por que?

— Porque disse que tinha que ir ver Carey. Isso foi faz vinte minutos.

— Sinto muito — era intuição ou desejo... mas, não percebia um pouco de ciúmes em sua voz?. — Ir ao banheiro foi um ato impulsivo. Tentarei

mante-lo informado de meus atos e... — sorriu — ...não fazer xixi tanto tempo no futuro.

—Que engraçada! Estava preocupado — se amaldiçoou em silêncio por ter reconhecido. De fato, sentiu-se aliviado quando Carey disse que não a tinha visto; só começou a se preocupar quando ninguém mais no edifício a tinha visto.

— Estava preocupava que visse Brad? — perguntou divertida, embora o contato de seus dedos na bochecha dele foi um ato conciliador. — Oh, Jye... acha mesmo que depois do que compartilhamos posso continuar interessada nele?

— Está certa! — grunhiu, e a abraçou quando ela teve a audácia de rir. — O que é tão engraçado?

— Quer dizer além da idéia de que esteja com ciúme de Brad?

— Jamais disse que estia com ciúme dele — assinalou; era a única resposta que lhe permitia não mentir nem reconhecer que pela primeira vez em sua vida se sentia ameaçado por outro homem. — De fato, estava procurando você porque me ocorreu uma idéia para evitar os Mulligan...

— Jye — puxou sua gravata. — Conte-me sua maravilhosa idéia.

— Primeiro me beije.

— Pagamento adiantado? — sorriu. — Acho que não, senhor Fox; primeiro a informação.

— É simples, mas engenhosa. O que me leva a pensar que deveria subir o preço para dois beijos...

— Jye!

— De acordo... Saímos de férias agora — o assombro dela fez com que fosse fácil aproxima-la da parede.

— Jye, seja sincero... passou a tarde cheirando cola?

— Por que, quando seu aroma me dá a maior animação subidón maior do universo? — beijou-lhe o pescoço.

— Não posso acreditar — murmurou ela.

— É verdade que cheira maravilhosamente bem — brincou, mas em vez de sorrir, Steff o olhava como se lhe tivesse saído uma segunda cabeça.

— Você? — deu-lhe um pequeno golpe no peito. — Jye Fox, que nunca se tomou mais de meio-dia livre... bom, Deus sabe em quantos anos, está sugerindo que deixemos tudo em um momento crucial e saíamos de férias... — estalou os dedos — ...assim?

— Claro. Nós dois merecemos isso. E como já dissemos a sir Frank que estivemos separados semanas antes que fosse à ilha, parecerá uma explicação legítima para nossa ausência.

— Tem certeza que não é vítima de algo que poderia se classificar como um *Pretexto X*? — olhou-o com desconfiança.

— Só sou vítima de você — emoldurou-lhe o rosto entre as mãos. — E agora deixa de se fazer de engraçada e reconhece que é um grande plano.

— O que Duncan disse a respeito?

— Contarei a ele quando voltar ao escritório — encolheu de ombros e beijou um canto de seus lábios, depois se concentrou no outro. — Pensei que poderíamos ir para a casa da baía, onde só teremos que ir da praia ao dormitório.

— Isso significa que não pensa mais em me alimentar?

— Pediremos pizzas — murmurou, centrando a atenção em seu pescoço. O corpo de Steff se retorceu em sinal de aprovação, o que era tudo o que ele precisava para avançar, emparedá-la com seu corpo e capturar seu fôlego com a boca. A resposta dela foi rápida e potente, e Jye amaldiçoou que o calor de suas mãos em sua cintura se visse diminuído pela camisa.

— Hmm... eh... não acho que Duncan aprove isso — disse assim que ele voltou a lhe morder o pescoço.

— Sim o fará. Sabe que quanto menos contato tenhamos com os Mulligan, melhor... — calou-se quando lhe elevou a cabeça para que o olhasse.

— Refiro-me a perder tempo da empresa e a nos beijar nos corredores.

— Oh, certo. E também lhe incomoda que se faça amor nos escritórios, não? — ela assentiu. — O que acha que pensaria do quarto onde se guardam os artigos de escritório? — perguntou com cômica especulação.

— Do mesmo modo que se lhe disséssemos que o deixaremos sozinho para enfrentar os Mulligan — ao ler o protesto no rosto de Jye, acrescentou: — De todos os modos, Jye, não posso sair de férias agora mesmo. Tenho trabalho que recuperar até a próxima década — não era de todo mentira. Mas o verdadeiro motivo pelo que não queria usar suas férias era porque as reservava para o dia chuvoso em que ele dissesse que sua relação havia terminado. Deixou de lado esse pensamento e se obrigou a sorrir. — Deixa de se preocupar, Jye. Confia em mim, sobreviveremos a esta noite e aí acabará tudo.

Capítulo 13

Durante toda a noite Jye só pensou em uma coisa. «Não quero que este seja o final de tudo».

Só porque usava relógio soube que o jantar com os Mulligan e o trajeto de levá-los ao aeroporto para subir no voo particular que os levaria para casa tinham durado seis horas; além disso, não teria sido capaz de contar o que tinha acontecido durante o encontro. Só foi consciente de Stephanie, do tom melodioso de sua voz e de sua risada. A arrebatadora beleza de seu rosto o tinha mantido enfeitiçado.

Mas nesse momento temia afastar o olhar da estrada para olhá-la, por medo de que falasse. O absoluto silêncio que tinha mantido desde que se despediram dos Mulligan tinha uma qualidade sinistra.

Ao girar o carro para entrar na rua dela voltou a se sentir afligido por uma inquietação emocional que não entendia. Precisava de tempo para

pensar sem distrações... um tempo só. Mas pela primeira vez em sua vida a idéia de ficar só o tinha quase paralisado de terror.

Por um lado parecia ridículo que Steff pusesse fim em sua relação por não estar grávida, quando em todo momento se negou a aceitar a possibilidade de estar. É obvio, tinha deixado que sua relação evoluísse porque o desejava, e não porque acreditasse que era inevitável que tivessem que se casar. Mas, e se decidia que tudo estava acabado ao desaparecer a preocupação dos Mulligan e de ser pais?

Antes que rejeitasse a idéia das férias, Jye estava convencido de que assim que se afastassem da sombra da Porter e do trato com os Mulligan, ela compreenderia que o que compartilhavam ia além dos negócios e de um sexo maravilhoso estupendo. Que era... bem, especial de algum jeito. Que possibilidade tinha de lhe explicar seus sentimentos quando nem sequer ele mesmo era capaz de entendê-los?

Continuava confuso quando introduziu o carro na entrada da casa de Steff.

— Jye, sei que Duncan espera que volte para seu apartamento, assim não precisa me acompanhar até lá dentro — Stephanie tirou o cinto de segurança antes que o veículo parasse de repente pela força com que ele pisou no freio. Quando Jye conseguiu sair do carro ela já cruzava a grama para a porta, onde se deteve para revirar a bolsa. — Menos mal! — riu, agitando as chaves. — Por um segundo pensei que teria que entrar pela janela e dar explicações à polícia.

— Por que? — perguntou ele com voz tensa. — Trocou a fechadura quando fui buscar o smoking?

— Imagino que é preciso um pouco mais de uma semana para se acostumar a compartilhar; esqueci que tinha dado um jogo a você.

— É um modo indireto de me pedir que lhe devolva isso? — obrigou-se a perguntar, apesar de temer a resposta.

— Não! Claro que não! — Jye se sentiu aliviado ao observar sua

expressão angustiada.

— De acordo. Então, por que está tão ansiosa para se desfazer de mim?
— inquiriu, elevando o queixo dela. E assim que fez isso se arrependeu. — Esquece que o perguntei — murmurou com a boca grudada na testa dela. — Depois de minha exibição adolescente de conduta hormonal no corredor hoje, tem direito de pensar que seria insensível o bastante para saltar sobre você quer deseje ou não.

— Não é isso — se apressou a responder ela — É que como Duncan fica em sua casa, se perguntará por que demora tanto. E... e, bom... preferia...

— Não anunciar o fato de que somos amantes? — perguntou ele. Steff baixou o olhar. Jye soube que se dissesse algo sem dúvida lamentaria, então em silêncio tirou-lhe as chaves dos dedos e abriu a porta para ela, acendeu a luz e entrou para desativar o alarme. Respirou fundo antes de prende-la em seus braços para lhe dar um beijo intenso, mas muito breve. — Boa noite, querida. Fecha bem a porta — ela assentiu. — E escuta, não se incomode em ligar despertador. Despertarei você com o café da manhã na cama.

— Não! Será melhor que amanhã cheguemos separados ao escritório — outro sorriso forçado iluminou seu rosto. — É por Duncan.

Jye não se incomodou em lhe recordar que geralmente Duncan entrava em seu escritório assim que amanhecia, mesmo quando não tinha que realizar a viagem de quase um hora e meia desde seu casa no subúrbio.

Menos mal que conhecia de cor o caminho até sua casa, porque toda sua atenção foi consumida pela sua preocupação com Steff. Na manhã seguinte a preocupação se tornou em medo ao saber que Stephanie tinha ligado para sua secretária para que transferisse todas suas reuniões por estar indisposta.

Quando não respondeu a sua chamada nem atendeu a secretária eletrônica, meteu-se no carro em uma pilha de nervos. Conseguiu realizar o trajeto de quarenta minutos em trinta e dois. Seu temor não se evaporou ao descobrir que a casa estava vazia.

— O que disse? — os olhos de Ellee estavam tão abertos como sua boca enquanto olhava para Stephanie.

— Dormi com Jye — repetiu.

— Santo céu! Meu Deus, Steff... quando?

— Várias vezes

— Santo céu! E... hmmm... — sacudiu a cabeça. — Exatamente quantas vezes é «várias vezes»?

— Muitas — encolheu de ombros. — Temos... uma relação.

— Como têm uma relação! — a surpresa de Ellee se refletiu nas caras dos clientes da cafeteria do hotel que dirigia. Baixou a voz. — Não posso acreditar nisso, Steff... quero dizer, santo céu! Uma relação... e com Jye, entre todos os homens...

— Acredite. Estamos vivendo juntos...

— Vivendo... São...

— Piorou — cortou antes que Ellee esgotasse a paciência do Vaticano.
— Me apaixonei por ele.

— Bom, isso já tinha adivinhado — agitou uma mão. — Você jamais se deitou com um homem que não estivesse apaixonada.

— Sim, e jamais tinha me deitado com um homem e rezado para estar grávida.

— Vai ter um filho de Jye?

— O único... — desejou que a pergunta não doesse tanto. — A única coisa que quero mais que isso é a ele. Mas... mas sei que ficarei sem nenhum dos dois — e pela enésima vez naquela manhã irrompeu em soluços.

Depois de desperdiçar três horas do tempo da Porter Corporation mantendo Ellee afastada de seus deveres para lhe contar toda a história, Stephanie soube que era hora de se recuperar. E como sempre que se sentia desgraçada ou um romance começava a desmoronar, decidiu ir às compras.

Como comprar o sofá não tinha solucionado imediatamente a dor de

perder Brad, quando só imaginava estar apaixonada por ele, mais móveis não a ajudariam no caso de Jye. Queria algo mais pessoal, como um colar ou um anel, talvez... não, um anel não! Não precisava de avisos do assombrosamente romântico que podia ser; precisava de algo que a convencesse do quanto estava bem sem ele.

A cozinha! Jye sempre insultava suas habilidades culinárias e seu desejo de cozinhar... Compraria alguns livros de receitas e todo o equipamento que fosse necessário para torna-la um gênio da cozinha. Depois faria que ele se comesse suas palavras!

Quatro horas e milhares de dólares mais tarde, Stephanie se sentia desgraçada até o ponto da dor física. Só o que tinha conseguido era demonstrar que quando amava alguém com o coração e a alma, e esse amor não era recíproco, não importava o que comprasse, pelasse, cortasse ou picasse, nada podia bloquear a angústia.

Com um pouco de sorte, a terceira xícara de chá de camomila a ajudaria a passar a noite sem que se desmoronasse diante de Jye. Embora depois de chorar um dia de forma quase ininterrupta, supôs que podia imaginar que já tinha deixado para trás a fase das lágrimas. Talvez em um dia ou dois, quando entregassem o jogo de jantar que tinha adquirido, estaria de melhor ânimo para apreciar as coisas e pudesse dar uma festa para marcar o início de um futuro sem filhos, solteira e sem amor.

O som do carro de Jye acelerou seu coração, apesar de que estava olhando o relógio desde que recebeu a chamada de advertência de Ellee. Aí estava. O começo do inevitável final.

«Oh, Deus, faça com que o final demore muito, muito tempo em chegar», rezou, aninhada no sofá contando quantas batidas seu coração deu até que ele entrou na sala.

— Por que não me chamou para me dizer — perguntou Jye.

Nem um «Olá» ou «Como está?», só uma exigência irritada. Stephanie amaldiçoou a inútil esperança que insistia em não abandoná-la.

— Não vi motivo algum para preocupar você até saber com certeza que havia uma razão.

— É mesmo? Não ocorreu a você pensar que podia estar mais preocupado ao ver que não foi trabalhar nem respondia a minhas chamadas? Ou quando vim esta manhã e vi que não estava? Demônios, Stephanie, se não tivesse localizado Ellee em um jantar de negócios meu passo seguinte ia ser ir à polícia — ela continuou lhe dando as costas, imóvel. Jye jamais havia se sentido tão frustrado. — Droga! Se vire e me olhe, Stephanie! — quando se voltou e ele viu sua expressão de absoluto desespero, rompeu seu coração. Tinha os olhos vermelhos e o rosto tenso. Nunca tinha visto esse belo rosto tão triste. — Oh, Steff...

Quando se aproximou dela, levantou-se de um salto do sofá e se afastou.

— A pesar do risco de ofende-lo, a má notícia é que ontem à noite não veio o meu período. Ainda não veio. E, segundo essa revista que comprou, os seios sensíveis e os outros desconfortos da pré-menstruação também podem ser provocadas pela gravidez.

— Então está grávida.

— Não... não estou segura. Mas foi você quem disse que devíamos estar preparados para o pior.

— Bom, pois acho que já é hora de usar o teste de gravidez que comprei e descobri com...

— Comprou um teste de gravidez?

— Está no armário sob a penteadeira. Se estiver preparada... Irei buscá-lo.

— Supõe-se que tem que realizá-lo com uma amostra de urina assim que desperta.

— Então imagino que teremos que esperar até...

— Não — corrigiu, em seguida respirou fundo. — Eu também comprei um, e já fiz o exame.

— Mas acabou de mencionar que não sabia... — franziu o cenho. — Oh, quer dizer que ainda espera o resultado?

— Sim — suspirou. — Estava com muito medo para olhar. Tentava me enganar com a teoria da ignorância — acrescentou com amargura.

— Muito bem... — sabia que um deles teria que reunir coragem suficiente para enfrentar o inevitável. — Onde está? Eu olharei.

— Não. Eu também irei.

Alguns segundos depois Jye observava o pequeno tubo que havia na cômoda de Steff. Estava muito distante de ser azul. As instruções no teste que ele tinha comprado afirmavam que azul era positivo; se não se modificasse, negativo.

Steff lançou um grito e se soltou da mão dele. O desespero que Jye viu em seu rosto foi como uma adaga cravada em seu coração.

— Steff, está bem — apressou-se a dizer. — A cor é clara. Está vendo? — levantou a evidência. — Não está grávida. Para isso, teria que ter ficado azul.

— Sei! — exclamou ela.

— S... sabe? Mas... mas está chorando... não entendo.

— Claro que não! Você nunca quis ter filhos; entretanto, eu quero ser mãe desde que me lembro — soluçou. — Queria tanto ter este bebê.

— Oh, querida, calma... Isso não significa que não poderá ter filhos no futuro. Demônios, só tem vinte...

— Mas não quero outros bebês! Queria este! Seu bebê... nosso...! Oh, Deus... o queria tanto... — as palavras poderiam ter saído apagadas pelo pranto e os soluços, mas Jye as ouviu com mais clareza que nada do que já tinha ouvido. E imediatamente a esperança cresceu em seu coração até fazê-lo acreditar que o peito lhe ia explodir. — Eu queria seu bebê!

— Por que? — mal era capaz de falar pelo nó que lhe bloqueava a garganta, mas precisava de sua resposta. — Me diga por que, Stephanie — insistiu.

— Porque... estou apaixonada por você, droga! Sei que não acreditará, que pensa que isso não existe, mas sim existe, Jye — insistiu com convicção. — Quando acontece, você sabe. Não posso explicar, mas...

— Então deixa que eu tente — interrompeu com suavidade. — O amor existe quando só de ouvir o nome de uma pessoa com faz que se volte, com a esperança de que esteja ali. É quando com apenas olhá-la se aceleram os batimentos do coração, embora o som de sua voz é a sinfonia clássica mais maravilhosa que jamais ouvirá; é ter uma pessoa em sua cabeça quase cada minuto que está longe dela. Amar a alguém significa que seu contato é o mais excitante e tranquilizante que alguma vez experimentará. É ter o melhor sexo de sua vida, ao mesmo tempo em que descobre que seu coração é a zona mais erógena de todo seu corpo. Não é o desejo seguro e absoluto de compartilhar a última proximidade física, e sim uma montanha russa de emoções que surge ao sentir a dor e a alegria dessa pessoa com tanta intensidade como se fossem próprios. Mas o que faz que seja amor de verdade... de verdade, Steff, é algo tão precioso que é inenarrável. Não se pode «encontrar», sem importar o quanto desesperadamente o busque. Mas tampouco o pode ignorar indefinidamente quando o tem ante sua própria cara, sem importar a estupidez ou a teimosia com que deseje negar sua existência. Acreditei no amor desde que tudo o que *pensava* que queria terminava sendo o oposto ao que precisava para ser feliz, e descobri uma alegria tão intensa que não estou disposto a voltar a me negar negando o amor. Serei o primeiro em reconhecer que fui assombrosamente estúpido e teimoso, Stephanie... mas juro por Deus que te amo mais do que possa imaginar. E jamais deixarei de amá-la.

Os olhos banhados em lágrimas de Steff eram incapazes de estimar a distância que os separava, mas se lançou para frente, confiando que ele a seguraria. Quando o fez, reclamou sua boca com uma paixão que lhe inflamou o coração.

— Oh, Deus, Steff! Te amo tanto! Por favor, não chore — suplicou,

beijando a umidade de suas bochechas. — Da próxima vez conseguiremos. Sei que é decepcionante não ter o bebê, mas se quiser podemos ter uma dúzia...

— Está dizendo que também esperava que minha gravidez fosse positiva? — separou-se para olhá-lo. Ele assentiu com sorriso agridoce. — Desde quando? — perguntou surpresa.

— Não estou seguro da data exata — brincou. — Mas sei que dede o primeiro momento em que imaginei você com o ventre volumoso com o bebê que tínhamos criado, me dei conta de que podiam acontecer coisas piores. E um dia, compreendi que não vê-la grávida com nosso filho era uma delas.

— Oh, Jye... — a beleza e sinceridade de sua declaração fizeram com que se sentisse a mulher mais afortunada e sortuda do mundo. Abraçou-o com força e apoiou a cabeça em seu ombro. — Jamais pensei que algo pudesse me fazer tão feliz.

— Nem sequer nos economizar um casamento enorme? — ironizou.

— Jye Fox! Ter seu amor e seus filhos é muito mais importante que me casar com você.

— O que? — mostrou-se estupefato, e Stephanie teve que rir.

— Vamos, Jye... Sempre soube o que lhe inspirava o casamento. Mas agora que sei o que sente por mim... bom, o casamento parece irrelevante. Já não é um tema importante — explicou, — porque sei que vamos estar juntos o resto de nossas vidas. Não preciso de um pedaço de papel assinado diante de quinhentos convidados.

— O que está dizendo é que vamos ter filhos, mas que só quer que... que vivamos juntos?

— É obvio, que as crianças terão seu sobrenome — acrescentou. — É o que você quer, não?

— Demônios, não! Quero que nos casemos perante a lei, a igreja e nossos filhos, com você exibindo um anel tão grande para fazer saber a todo homem em um raio de quinze quilômetros que já não está no mercado.

— De... de verdade quer se casar comigo? — perguntou ela, preocupada com um possível engano de seus ouvidos.

— Claro que quero me casar com você! Santo céu, Stephanie, que não entendeu nenhuma palavra do que disse? Amo você. Quero que formemos uma família. Uma família *tradicional*. E quero que tenhamos uma casa tradicional, com fotos de nosso casamento no suporte e um montão de álbuns para que as crianças possam olhar. A próxima vez que alguém nos pergunte a data em que nos casamos, e nossos filhos o farão, quero poder ter uma para não nos equivocarmos. E quando formos velhos e artríticos e não desejemos fazer outra coisa que estar jogados na cama, quero poder recordar a sensação que me produziu ter você em meus braços durante a valsa nupcial

— Shhh — rindo, tampou-lhe a boca com a mão. — Certo, certo. Casarei com você! Embora não imagino uma época em que seja tão velha para estar apenas atirada na cama.

— Não tem por que fazer com que soe como que me agrada — fingiu tristeza. — Eu gostaria de pensar que tinha um bom motivo para aceitar...

— Oh, mas tenho! — esforçou-se para manter o rosto sério. Acariciou-lhe a bochecha e esboçou seu sorriso mais sedutor. — Me tornar em Stephanie Elizabeth Bernadette Fox vai me fazer incrivelmente feliz o resto de minha vida.

— Isso soa como se tivesse falado com sinceridade — sorriu.

— E foi. Com certeza vou desfrutar sendo a senhora Fox. Porque com trinta e nove letras em meu nome, tirar Worthington fará com que seja mais fácil preencher formulários e cheques... Eh! — chiou quando a elevou nos braços.

— É incorrigível! Sabia? — jogou-a sobre a cama. — Agora só o tenho que fazer — começou a desabotoar a sua blusa — é deixar você grávida...

Enquanto o sol do amanhecer entrava no dormitório, Jye se sentou na

cama ao mesmo tempo que esquecia a idéia de adivinhar como aceitar o amor podia elevar a união de duas pessoas mais além do reino de qualquer descrição verbal.

— Jye... O que foi?

— É possível que depois de tudo esteja grávida — anunciou|. — Acabo de me lembrar que às vezes os testes de gravidez em sua primeira fase podem se enganar. Inclusive até os exames de sangue às vezes se enganam. Trarei a revista... — uma mão suave em seu braço o deteve.

— Querido, não estou grávida.

— Mas não pode ter certeza.

— Sim posso — respondeu, e ao olhar em seus olhos esperançados soube que tinha alcançado um sonho. — Pode ser que ainda não tenha as provas físicas, embora tampouco espero que um teste me indique quando estiver porque... — levou uma mão ao peito — aqui saberei. Com tudo o que te amo, Jye, meu coração registrará o instante em que Deus abençoar esse amor.

E para surpresa de Jye, quatro meses depois o pode demonstrar, já que lhe anunciou que ia ser pai três semanas antes que o doutor confirmasse...

FIM

